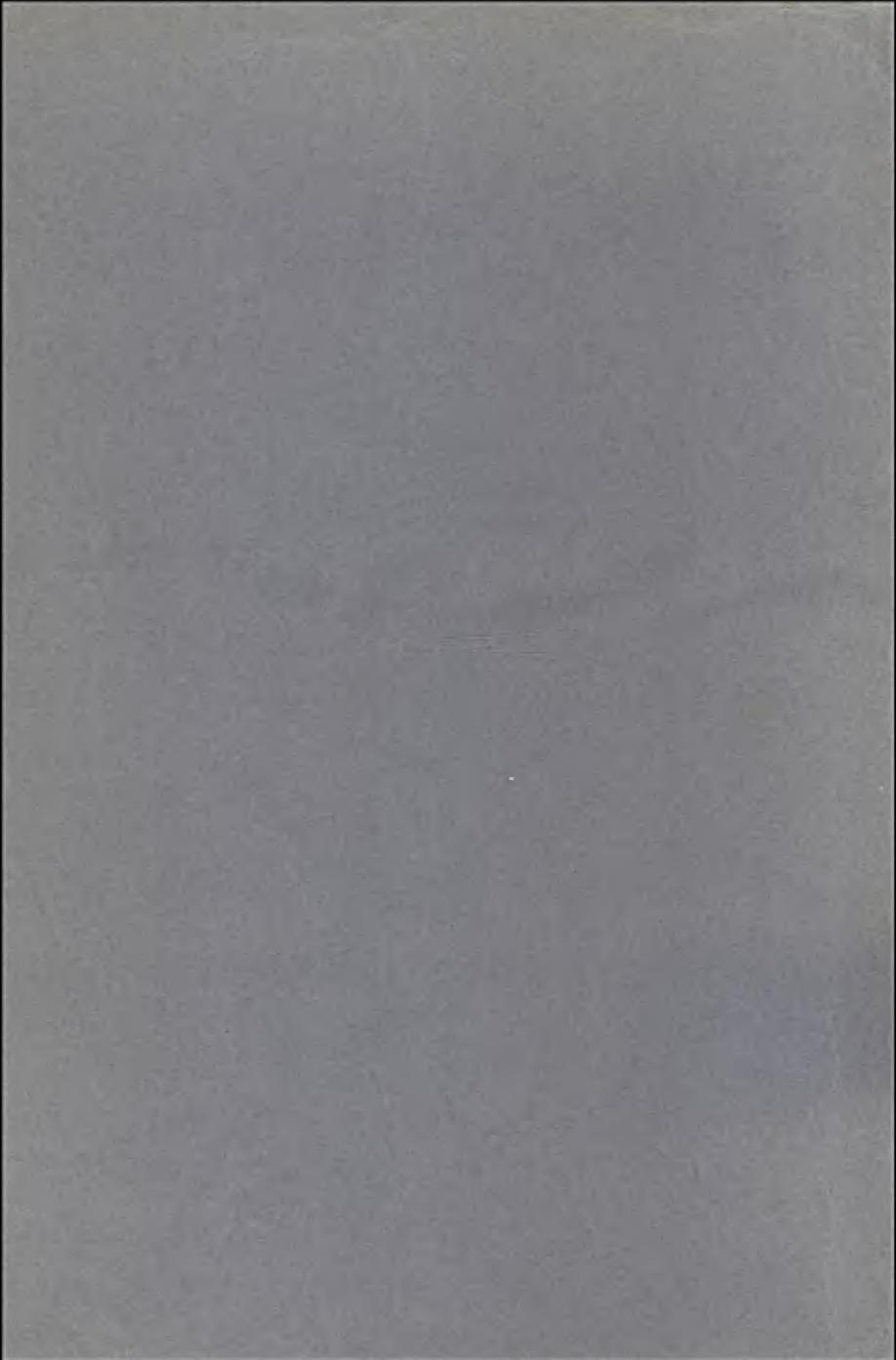


9.9.8





LITTERATURA BRAZILEIRA

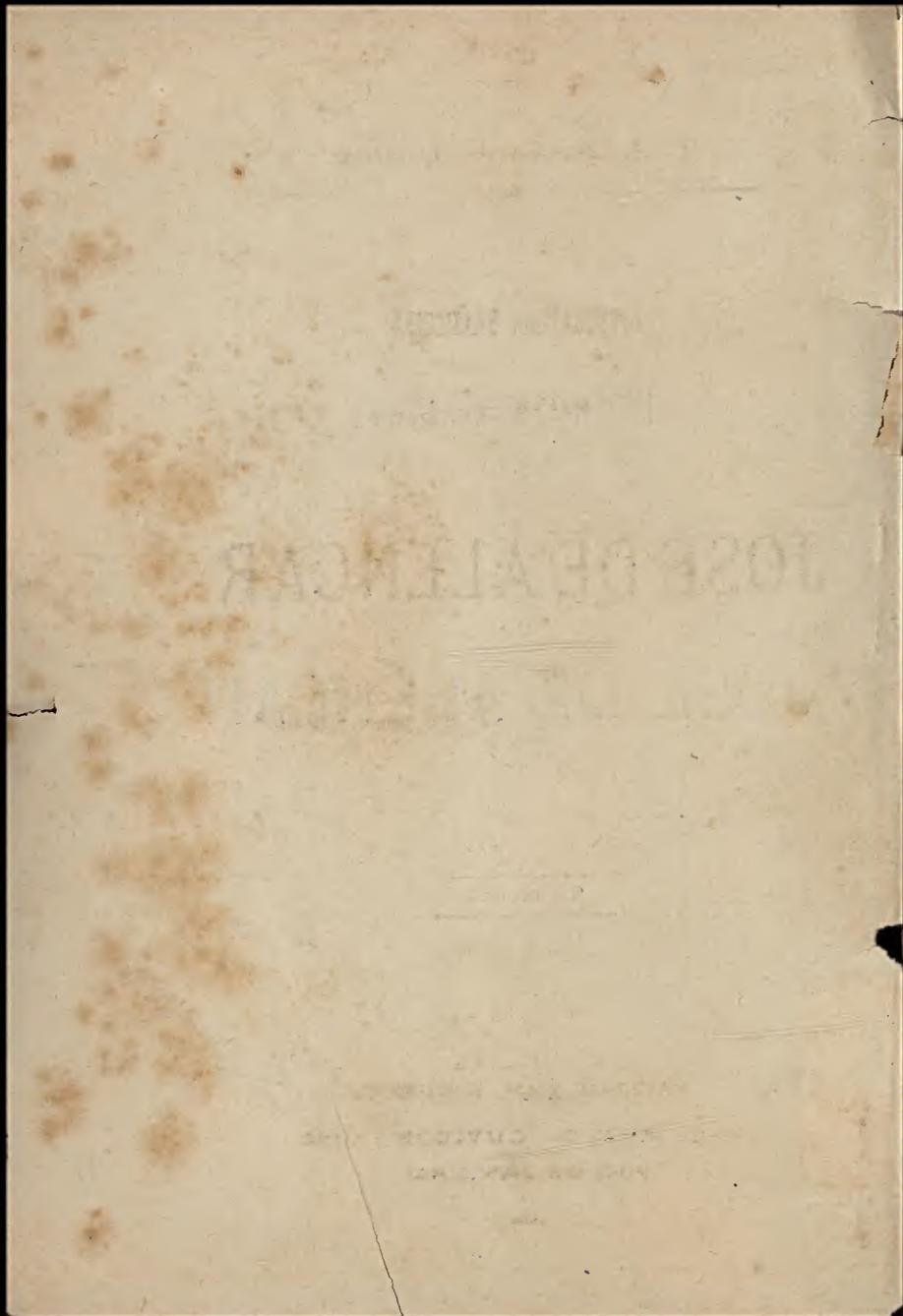


JOSÉ DE ALENCAR



909.5
J





T. A. ARARIPE JUNIOR

LITTERATURA BRAZILEIRA

JOSÉ DE ALENCAR

Fit faber fabendo.

2.^a EDIÇÃO

FAUCHON & C^{IA}, Livreiros - editores

125 — RUA DO CUVIDOR — 125

RIO DE JANEIRO

1894

998



BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS	
Data	8/6/9. 9d95
Tombo	46158U
998	J

420
 42368 a
 14B
 1839



AO CORONEL

Joaquim José de Souza Sombra,

«companheiro de infancia de José de Alencar, aquelle que incitou-o a
escrever o primeiro ensaio de romance

O AUTOR.



PREFACIO

El presente libro es el resultado de un trabajo conjunto de los autores, quienes han buscado presentar una visión clara y concisa de la materia. El contenido ha sido cuidadosamente seleccionado para cubrir los aspectos más importantes de la disciplina, y se ha procurado que el lenguaje sea accesible y comprensible para el lector. Esperamos que este libro sea de utilidad para todos aquellos que se interesan en el estudio de esta materia.



PREFACIO

O primeiro capitulo deste estudo foi publicado no *Vulgarizador* de 10 de Janeiro de 1879. Tendo desaparecido esse periodico, recommeei a publicação do perfil na *Revista Brasileira*, e editei-o finalmente, em livro, no anno de 1882.

Os artigos, que nessa época appareceram, occupando-se do livro, na *Gazeta da Tarde*, na *Gazeta de Noticias*, no *Cruzeiro*, na *Gazetinha*, no *Colombo*, no *L'Etoile du Sud*, na *Voce del Popolo*, no *Ithering*, e devidos ás pennas de Joaquim Serra, Capistrano de Abreu, Felix Ferreira, Charles Morel, Urbano Duarte, Lucio de Mendonça e outros reputados escriptores, os quaes espontaneamente correram a amparar o meu despretencioso trabalho, convenceram-me de que eu não fôra infeliz na escolha do assumpto, nem na direcção dada aos meus esforços. As expressões lisonjeiras, principalmente



do ultimo, alimentaram-me o desejo de proseguir com mais vigor no caminho da critica, fazendo-me abandonar as veleidades de romancista dos meus primeiros annos litterarios.

Dessa benevola recepção discrepou apenas o Dr. Viveiros de Castro, que no *Paiz*, do Maranhão, quebrando as suas primeiras lanças, dedicou ao meu livro cinco longos artigos, nos quaes poz em contribuição as idéas ali expostas. São palavras suas: — « Ia satisfazer o desejo de conhecer a vida privada de José de Alencar... Infelizmente para a minha curiosidade, o autor declarou terminantemente que não ia escrever uma biographia, mas um perfil simplesmente litterario, uma analyse das obras e opiniões do escriptor, deixando em santa paz a vida domestica, o lar do homem particular. » E em seguida lamentava que, á maneira dos criticos da actualidade, eu não desse conta das conversas que tivera com o autor do *Guarany*, e não esmerilhasse os minusculos de sua vida. Não é exacto precisamente que esta falta existisse na obra. Eu não podia inventar; e da vida particular do notavel romancista brasileiro tirei tudo quanto devia interessar á critica. José de Alencar não fôra bohemio, nem como Balzac, Gautier ou Alphonse Karr se distinguira por exquisitices dignas de estudo sob o pònto de vista psychologico. Sem grande interesse pela sua monotona simplicidade



dade, essa vida, em que por certo, não se encontravam o barrete turco e o chambre de sêda do autor da *Comédia humana*, pouco se differenciaria da de um bureaucrata commum. Todavia, em meu estudo estão disseminados os fragmentos biographicos indispensaveis para a comprehensão do character do nosso primeiro romancista.

O que o Dr. Viveiros de Castro não quiz enxergar foi aquillo justamente que mais trabalho me havia custado — a historia da evolução do espirito artistico de José de Alencar e parallelamente a morphologia, a filiação e a transformação dos caracteres dos personagens dos seus romances. Nisto residia essencialmente a alma do livro; e relendo-o hoje, depois de doze annos, não o renego, apesar das grandes modificações operadas em meu espirito posteriormente por novos estudos e pela meditação das obras d'arte actuaes. Não o renego não só por esse motivo, mas tambem porque vejo que, sendo o perfil o primeiro trabalho sobre um autor nacional, que se escreveu no Brazil applicando os methodos de H. Taine, antecipava alguns processos depois postos em pratica pelo mallogrado E. Hennequin, discipulo do grande critico francez e ao mesmo tempo modificador, no que elle chamava esthopsychologia, dos excessos doutrinariorios do autor da *Historia da litteratura ingleza*.

Accitando a idéa dos Srs. Fauchon & C. de



publicar em nova edição o meu trabalho, agora que se trata de erigir em bronze um monumento ao creador do romance nacional, pensei em refundir o livro, pondo-o em tudo de acôrdo com o estado presente das minhas idéas; desisti, porém, desse proposito considerando que seria tirar-lhe o caracter de documento de uma época, com prejuizo talvez da harmonia da obra; e assim limitei-me a corrigir um ou outro defeito de linguagem.

Ahi tem, portanto, o perfil tal qual foi escripto em 1879, e possam os mesmos ventos galernos reconduzil-o ao porto da sympathia publica.

Capital Federal, 19 de Novembro de 1894.



ADVERTENCIA DA 1ª EDIÇÃO

Não me propuz escrever a vida de José de Alencar. Da biographia tirei quanto foi bastante para explicar a feição e as modificações por que passou o litterato, e por esta razão dei a este estudo o titulo de *perfil litterario*.

A reconstituição de minhas ideias data de 1873. Foi neste anno que li pela primeira vez as obras de Spencer, a *Historia da civilização da Inglaterra* de Buckle e os trabalhos criticos de Taine. Residia eu então na provincia do Ceará, quando ali formou-se um circulo de moços estudiosos, do qual constituiu-se centro o fallecido Raymundo da Rocha Lima, discipulo fervoroso de Comte. Neste circulo passaram-se em revista, quanto permittiam as forças de cada um, todas as idéas do seculo. Como era de esperar não tardou que as conversações se fizessem jornal e o jornal tribuna. A questão religiosa ia em seu auge. Organisaram-se conferencias contra o clero, e esse movimento chegou a operar tão grande abalo na opinião catholica, que um illustrado desembargador não receou dar á Fortaleza o nome de Tub'ngem brasileira. Ao lado de Capistrano de Abreu, de Thomaz Pompeu, e de outros fortes do circulo, entrei nesses ensaios.

Sem estudos scientificos, tão pouco accessiveis ainda hoje aos bachareis em direito, depois disto, lenta foi para mim a ascensão da montanha philosophica. Eu não podia ser indifferente ao ingresso na paiz de novas ideias: mas era obrigado por hygiene a sujeitar-me a um processo de assimilação cauteloso. Si lenta foi, pois, a transformação mental, mais lenta ainda devia ser a mutação dos bas-



tidores litterarios, das engrenagens empregadas na composiçãõ, dos habitos, enfim, adquiridos na primeira liçãõ.

Ninguem mais do que eu desejava tratar da arte em José de Alencar com todo rigor dos subsidios que a sciencia ora offerece a quem procura estudal-a ; mas para isto seria necessario esperar a acçãõ do tempo. Nestas circumstancias forçoço é que a obra corra com o vicio de origem, desculpando-se o que nella houver de apologetico. Não quiz charlatanear: Uma nova doutrina não se ajusta com a mesma facilidade com que se enverga nua casaca na alfaiataria Rannier.





JOSÉ DE ALENCAR

PERFIL LITTERARIO

Vi José de Alencar pela primeira vez em 1860.

Estava com os meus onze annos apenas ; — nessa idade em que todas as impressões são fortes, violentas ; — nessa idade em que despontam para o homem os primeiros raios da poesia. Passava elle por Pernambuco em demanda da provincia natal, aonde ia buscar as inspirações potentes, que o artista deveria depois transformar na joia conhecida no mundo litterario sob o nome de *Iracema*. E' incalculavel o abalo que me causou então esse olhar distraido e ao mesmo tempo brilhante, esse olhar excepcional que todos nós lhe admiravamos, e que denunciava o vidente em constantes communicações com os intermundios do pensamento.

Considero essa data como um acontecimento em minha vida.



Na minha ingenuidade de criança julgueio-o mais do que um homem; e, porque o *Guarany*, primeiro romance que li, já grandes sulcos traçara em meu tenro espirito, pensei que o autor de cousas tão bonitas mal poderia roçar a terra com os pés. Esta circumstancia influiu de um modo decisivo sobre a minha vida futura.

Nos meus devaneios pueris nunca entraram nem as ambições gloriosas da palavra, nem os delirios da politica, nem as pujanças do dinheiro, nem os arrastamentos das bellas artes; parecia-me, porém, que não haveria grandeza superior á de um *fazedor de livros*, e principalmente de livros como o *Guarany*. *Si parva licet...* não sei se em boa hora me veio este *anch'io sono pittore*. Ignorava as torturas do ideal, e estava ainda bem longe de pensar nos castigos que a natureza inflige ao audaz que tenta levantar o véu dos seus mysterios. Seja, porém, como fôr, deste ponto data o meu desvairamento litterario. Pudesse tão peregrino engenho ouvir-me da tumba, aonde o deitou para sempre a combustão de um cerebro ardentissimo, e eu o culparia desassombrado por tamanho crime. O que é certo é que, depois de 1860, foi-me o vulto daquelle homem obsessão constante nas aulas, nos passeios, no repouso. E ainda agora me recordo do prazer profundo, quasi attingindo á idolatria, com que indagava as menores particularidades de sua vida escolastica, pondo-me a par não só do seu modo de pensar, como do methodo empregado na composição de suas obras. Essa cultura tenaz da imagem de um artista, pelo decorrer da vida de academico, assumiu proporções incalculaveis.

José de Alencar viveu na minha alma durante essa epoca com um vigor indizivel; povoava-a inteiramente. A sua imagem absorvia-me, os seus livros roubavam-me



as horas mais preciosas; e pensamento que não viesse vazado pelos moldes que lhe eram peculiares, repellia-o meu espirito como ao amargo a boca. Era que o seu estylo fluente e suavissimo embriagava-me como subtil veneno; minh'alma estava de todo saturada.

O ardente desejo de tornal-o a vér foi emfim satisfeito em 1870. Tinha então o autor de *Luciola* abandonado o gabinete *16 de Julho*. Fui encontral-o no ameno sitio da Tijuca, onde desafojava-se das lutas tão malfadadas, comprehendidas por sua titanica intelligencia contra mil obstaculos oppostos á sua carreira. Para seu espirito de artista este periodo constituiria uma noite tenebrosa, sulcada por enormes relampagos de genio. De alguma maneira essa noite o extenuára; e foi talvez germen de dissabores, para os quaes não creára a natureza a alma de quem tão feminilmente traçara os typos de Ceey, de Carolina, de Diva e outros; dissabores que, como mais tarde mostrarei, aggravaram os seus incommodos de saude, tendo antes disto imprimido em seu character de romancista direcção desconhecida.

Com razão a poesia reconquistava-o; e a sua vingança exhibio-se solemne, porquanto no remanso deste ocio foi que elle compoz os livros de *Senio*.

Escrevia elle os *Sonhos d'ouro* quando ahi cheguei, romance que ia lendo á familia, capitulo por capitulo, á proporção que os compunha. Jovial, como quem acabava de um pesadelo, sua alma mostrava-se desanuviada de todos os pesadumes que por vezes a enegreciam. Pude então vér quão amavel era aquella creatura, e de que recursos para captivar os outros dispunha o seu coração de poeta.

A Tijuca é incontestavelmente um sitio proprio para ninho de poetas, e dir-se-ia que, graças á amenidade



daquelles pinearos, José de Alencar, quando para ali refugiava-se, esquecia-se do mundo. Verdadeiro genuflexorio, como elle mesmo a chamou, posto entre a terra e o eeu, a Tijuea tinha o magico poder de transformal-o, isto é, de obrigar-o ao seu papel. Seu espirito gentil perdia-se na vastidão da nossa pujante natureza, mergulhava-se nos abysmos, nos limbos do pensamento, e, uma vez retemperado, quando voltava, era para trazer-nos, como o mergulhador de Sehiller, alguma gemma inestimavel.

Não descreverei as impressões que experimentei nesse dia famoso. Deseendo a cousas minimas, apezar da intimidade, direi mesmo da ingenuidade em que se envolvia aquella alma em oecasiões semelhautes, o idolo não baixou do altar em que o colloeára a imaginação do adolescente. O prestigio augmentava mais e mais, e, a cada particularidade em que seu espirito fertil se projectava, novos e desconhecidos alentos tomava minha alma. Na volubilidade de uma conversação animada fez-me pereorrer todos os repositorios de seu saber, todos os recessos de uma imaginação tropical. José de Alencar tinha desses dias de expansões, e quem quer que o encontrasse nessas felizes disposições, podia ver bem de perto a matriz, o veciro de onde jorravam tão preciosos metaes.

Ainda estou bem lembrado de uma phrase que ouvi-o pronunciar indolentemente, quando passeava pelas alamedas do pittoresco sitio da Tijuea, assumptando a proposito do mais insignificante objecto que caía sob suas vistas.

— Cousa singular! Ninguem havia de suppór, dizia elle, que as imagens mais frequentemente empregadas em seus livros brotavam-lhe da penna quando menos



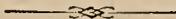
esperava, sem que pudesse determinar em que situação a natureza fornecêra-lhe os precisos elementos.

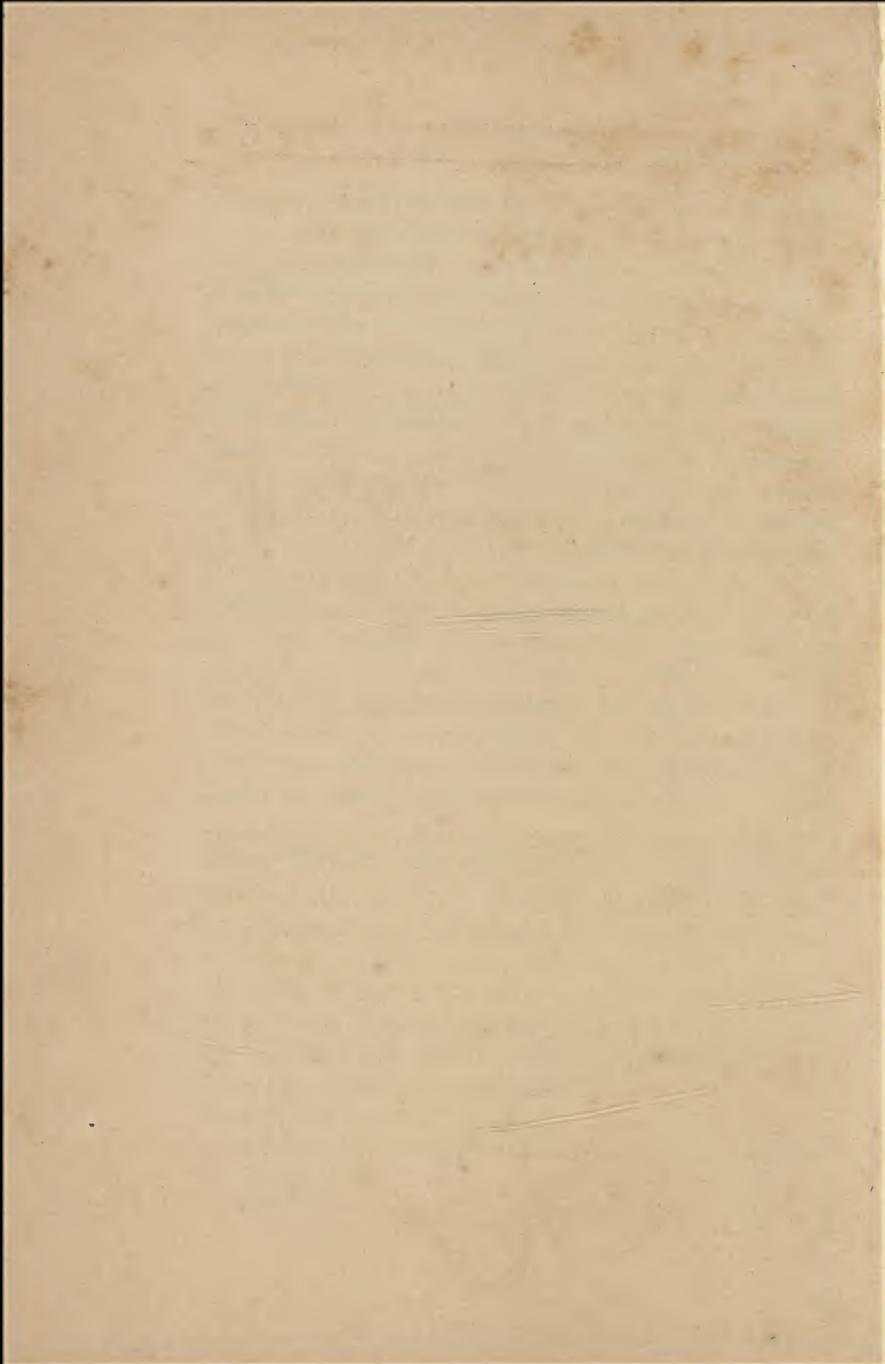
Sem o pensar o autor de *Luciola* confirmava, confessava a lei ditada por um eminente critico moderno, isto é, que a maior parte do genio consiste em actos inconscientes. Das vulgaridades douradas por sua imaginação passou de subito para a revelação dos trabalhos de Hercules. Com o mais vivo interesse ouvi depois a invocação dos *Filhos de Tupan*, a descripção da luta entre dois guerreiros selvagens, e uma barcarola mimosa, trecho sublime de um poemeto sobre Nietheroy que ainda está por publicar.

E' inutil referir que surpresa experimentei vendo-o no meio dos seus manuscritos, e quasi que, por assim dizer, no momento mais solemne da vida do artista — o acto da gestação.

Entrando em seu gabinete de trabalho, não me escapou a observação de quanto elle era avesso á *pose*. Em torno de si nem um só desses objectos grotescos de que ordinariamente se costumam cercar os phantasiosos.

No seu ninho da Tijuca tudo respirava simplicidade e candura. Elle e a natureza.







I

GENESE ARTISTICA

1829 — 52



Não será fóra de proposito lembrar que o autor do *Guarany* viu a luz do dia em um clima torrido, onde a terra e concumitaneamente os seus habitantes passam por abalos periodicos, ocasionados pelo terrivel phenomeno das *séccas*. * Até que ponto estas influencias puderam ter concorrido para a formação de seu caracter, bem difficil seria determinar, principalmente tendo elle abandonado os patrios lares em tenra idade. O que é certo, porém, é que, transportado para esta Capital aos dez annos, trouxe pelo menos o sangue de sua raça, já trabalhada pelos fogos do sertão do Cariry, e as emo-

* José de Alencar nasceu a 1 de maio de 1829.



ções infantis recebidas em uma penosa viagem através dos valles que unem o Ceará á provincia da Bahia. *

Infancia é cêra; e, si esta se consolida sem alteração profunda, as impressões então recebidas tornam-se indeleveis.

Que apesar das glorias conquistadas no Rio de Janeiro, da sua adaptação a este centro, aonde tinha os seus clientes, havia nelle um constante e sincero voejar para os carnaúbaes de sua terra nativa, prova-o a *Iracema*, talvez a sua obra mais espontanea, em que reina uma commoção tamanha, que só o amor do objecto presente, ou a reminiscencia fortemente impregnada de saudade poderia bem explicar.

Creio que tudo seja explicavel em um trabalho de arte; e, quanto a José de Alencar, affirmo que a boa conformação de seu talento não teria tomado a direcção que tomou sem a indole que recebeu com o sangue. Era elle neto de uma senhora de espirito varonil, que figurou nos calamitosos tempos em que as liberdades patrias estiveram em perigo. Esta senhora foi a expressão mais completa do temperamento da familia a que pertencia. Sanguinea e nervosa, tinha assomos irresistiveis, cogitações e deslumbramentos além do seu sexo e da educação sertaneja que recebera. Nessa época havia uma cousa que eessou com o decorrer dos tempos, — o odio ao partido portuguez, que representava o elemento da oppressão: e ella, graças ao seu genio imperioso, quando surgiu a reaeção, foi alvo das mais sérias accusações. Conspirára contra o rei, diziam; mas a verdade era que esta senhora só fizera imitar o exemplo de Cornelia fortalecendo o espirito de seus fillos com

* Vide nota final ao *Sertanejo*.



a presença de um animo inquebrantavel, e ensinando-lhes a não supportar ultrajes. Chamava-se Barbara de Alencar. Foi muito respeitada por quantosa conheceram, e o autor dos *Martyres Pernambucanos* faz-lhe a justiça merecida.

De quatro filhos que teve esta cearense, dois não desmentiram as suas tendencias e energias patrióticas. Um delles, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, foi logo devorado pela voragem, que os arrojos indomaveis de sua indole abriram-lhe na mallograda Confederação do Equador. José Martiniano de Alencar, porém, que, herdára em maior escala a prudencia e a sagacidade, recebendo com mais calma o embate da contra-revolução, evitou a catastrophe, e por felicidade nossa, porquanto sem isto teriamos sido privados de um dos cerebros mais artisticamente organisados, que já existiram em nossa terra. Essa prudencia, entretanto, parece ter-se atrophiado no primeiro rebentão. De um prologo de José de Alencar verifica-se, por uma expressiva confissão, que elle herdára de sua mãe todos os fogos da imaginação potente que possuía; tendencias até certo ponto morbidas, que neutralisaram em muito o genio sobranceiro, a violencia calculada, uma certa tyrannia de faculdades, que incontestavelmente o deputado da constituinte exercia sobre si. A combinação de todos estes elementos juntos, regidos de uma determinada época em diante por bilis derramada com profusão, aos anseios febris de sua mente, e, o que é mais admiravel, por crueis e desconhecidos desenganos; a transformação das energias e violentos impulsos herdados atravez da enervação extrema de sua mãe, deu em resultado o mais caprichoso dos artistas americanos,



o qual teria sido um Theophilo Gautier ou um Alfonse Karr em qualquer outro paiz que não fosse a terra dos Brazis.

Segundo ouvi a pessoa que muito de perto o acompanhou nos seus primeiros folgares, correu sua infancia desanuviada de certos preconceitos proprios da idade. José de Alencar logo ao alvorecer da vida mostrou-se uma natureza soberana. Absorvia tudo quanto se lhe approximava, e, cheio de vivacidade, soube muito cedo captar, por sua indole artistica, a admiração dos pequenitos que o seguiam nas apraziveis conquistas dos campos e taboleiros do Alagadiço Novo. Como criança, o que está averiguado é que a sua nota predominante foi a de nunca se deixar exceder pelos outros. Veremos, depois de desenvolvidos pelo decorrer dos annos, os dissabores que estes germens por um e outro lado lhe produziram.

Muito ha que dizer sobre as origens de um poeta, como sobre as origens de um povo. Tudo quanto se vê na idade madura está alli em diffusão. O estudo, porém, dessa nebulosa de onde sae o genio, é um trabalho arduo e por demais scientifico para que o emprenda agora, maxime escrevendo capitulos ligeiros, sem pretenção a uma analyse rigorosa.

Será bastante accentuar as côres que mais se exageraram no alvorecer dessa vida, que para nós brazileiros tão cheia foi de illusões autonomicas; e, quanto ao mais, não passe este estudo de uma simples concatenação de factos que dêem uma rapida idéa da formação daquelle selecto espirito.



Recordo-me de ter ouvido um dia a José de Alencar que estreára no mundo litterario pela charada. Era elle bem pequenino; mas, já dotado de um desenvolvimento litterario superior á sua idade, conseguira atrair, pela lucidez de suas proposições, a attenção das pessoas mais velhas que se reuniam na chacara de S. Christovão, aonde habitavam seus paes. Uma das pessoas que mais haviam concorrido para a impulsão artistica do seu espirito fôra um seu parente, o Rev. Carlos Peixoto de Alencar, deputado á Assembléa Geral, o qual, vindo frequentes vezes á esta Capital, apaixonado pela vivacidade do menino, tornara-se um eterno meitamento aos seus naturaes talentos. Foi este quem revelou-lhe a chave das charadas, e que constantemente exigindo-lhe composições deste genero, e applaudindo-o sempre, conseguiu obter dos esforços da criança uma perfeição talvez precoce. Era com effeito uma natureza como tenho conhecido poucas a dô Rev. Carlos. Adorador de crianças, alma candida, incapaz de guardar um pensamento sombrio, orador fogoso e eloquente, brincalhão ao extremo, soffrendo de frouxos de riso quando lhe contavam qualquer anecdota, sem deixar de ser por isso um talento cheio de agudezas, ninguem estava mais no caso de afagar, de aninhar, de aquecer entre os frouxeis de uma bonhomia jueunda a implume aguiazinha que tentava voar.

Quantas naturezas originaes não se tem atrophiado no limiar da vida, quantos cerebros não se tem perdido fôra de sação, por encontrarem logo o gesto sinistro de um preceptor, a ferula carunchosa de um *magister*, e o riso sardonico de um pai implacavel!?

A infancia é como o botão que se desata: quer orvalho e um sol tepido. Vibre o céu um raio candente,



ou envolvam-na os gelos da Siberia, e a planta está morta. As complacências, os risos apostolicos daquelle bom sacerdote foram, pois, o orvalho que vicejou a flôr, de onde teriam de sair os perfumes da *Tracema*, da *Viwinha*, do *Guarany*; e patentearam-lhe a quêda para as agudezas que de futuro deveria ser uma das notas mais accentuadas do litterato illustre. Dizia a familia que o Rev. Carlos o que fazia era deitar a criança a perder; mas o que é certo é que o embalar dessas velleidades juvenis foi o caminho aberto ao maravilhoso do romance, que tão cedo teria de encontrar guarida naquella alma poetica.

Não foram desmentidas na vida de collegio as esperanças que as agudezas do menino fizeram conceber á familia. Sedento de glorias, ao passo que se tornava indifferente ás cifras e á gymnastica da memoria, desenvolvia-se de um modo singular nos themas e composições. O esmero da fórma valeu-lhe logo incontestados triumphos. E' que as seducções do ideal já o chamavam á patria dos artistas.

Estas e outras circumstancias, que não são pequenas na vida de um homem como José de Alencar, foram de grande peso na direcção de seus estudos. Cedo levaram-no á consciencia do proprio valor e encheram-no de um tal ou qual orgulho, que obrigou-o a afastar-se do que é vulgar, e a concentrar-se em si para crear novos alentos. Isto lhe serviu de muito, e premuniu-o seguramente de uma certa gafeira que persegue a mocidade talentosa e a desvia do seu verdadeiro objectivo, mergulhando-a no gozo immediato de gloriolas e transacções louvaminheiras, que são a morte de toda a inspiração. Desta sorte, longe de atirar-se soffregamente ao torvelinho da imprensa, a escrever sem tino, em busca de



um nome precoce, viam-no prudentemente preparar-se para uma estréa, como quem estava certo do papel que teria de representar na litteratura do seu paiz e não receiava competencia capaz de antecipar-lhe o brilho. E' raro um facto desta ordem; é raro em um joven, que sente-se com forças para escrever cousas que elevem, encontrar-se uma paciencia semelhante. Pois José de Alencar a teve, e não se pôde attribuir á modestia, sinão a um zelo sem limites pela futura reputação a que um legitimo orgulho o induzira. Não quiz se apresentar na arena vacillante; preparou-se com um plano anticipado, e só appareceu armado como a Minerva dos fastos mythologicos.

Todos sabem que a sua estréa nesta capital foi uma surpresa para muita gente.

A passagem de José de Alencar pelos bancos academicos foi quasi que obscura. Pouco se occupou com as Pandeetas; nenhum ruido fez entre os collegas, e só os intimos conheciam a vastidão da intelligencia que se aninhava em corpo tão fragil. O autor do *Guaraní* nunca procurou nesses tempos sobresair. Tinha levado para S. Paulo a imaginação e a sensibilidade profundamente abaladas pelos romanees que sua mãe o fazia ler para distrair-se; e, enquanto os companheiros se occupavam nessas interminaveis polemicas, nessas justas interessantes, que tem constituido o galardão da academia paulistana, elle, Xisto V de nova especie, escondia-se para ruminar os seus planos de gloria futura. Lia sem descanso novellas, e promiscuamente passava em revista os monumentos da litteratura romantica. De ordinario não é isto o que acontece a quem começa a encontrar encanto nas leituras de livros imaginosos; ha em taes diversões mais



volupia, que arrasta a uma falta de sobriedade na escolha dos livros, do que um aprazimento cauteloso.

O leitor gera o entusiasta, e o entusiasta o escriptor. Nelle, porém, a imaginação cedo se impoz com tanta vida e força, que as leituras puderam em tempo ser subordinadas a uma individualidade. Tudo, portanto, quanto neste periodo José de Alencar fazia passar por diante dos olhos era com um intuito já formado, como quem procurava alguma cousa que lhe faltava, um órgão para a manifestação das idéas luminosas que lhe tumultuavam na alma. Não eram inspirações, que estas se apresentavam espontaneas; o que mais o aguilhoava era a fórma que lhes havia de dar, as roupagens com que havia de adornal-as. O seu trabalho foi ineontestavelmente arduo e revelador de uma decidida vocação artistica. A prova mais evidente deste acerto são as suas continuas visitas aos alfarrabios da bibliotheca de S. Paulo, onde horas e horas perdia elle, não se nutrindo com alguma curiosidade ou historia do passado que lhe recreasse o espirito, mas copiando trechos de João de Barros e Damião de Góes, decompondo os periodos monumentaes destes escriptores, diluindo phrases, compondo de novo, buscando com paciencia benedictina descobrir o segredo da originalidade dos seus dizeres tão pittorescos. Os assumptos pouco interessavam á sua musa fertil; a linguagem era tudo. Como Pope, tal qual nos foi revelado por Taine, José de Alencar procurava um estylo. E achou-o. Adiante veremos como esse estylo foi a alma de suas obras.

De posse do segredo dos deuses, José de Alencar tratou de ferir o objectivo para o qual o arrastava a vocação. Afigura-se-me o artista no momento sagrado da gestação, como o Jehovah das Escripturas, cheio de



verbo creador, onde em embryão existe tudo o que ha por fazer, e no qual confia, porque é a propria substancia que estremece. Um mundo inteiro em lineamentos agita-se na sombra. O que será elle? Não sabe, mas sente. Do cahos ha de sair, e o seu espirito o fecundará. O *fiat* o tornará visível, resplendente: o *vidit esse bonum* estreitará a creatura ao creador.

Penetrar na genese do espirito aonde tudo isto se passou, é um impossivel. Seria necessario abranger toda a complexidade do ser humano.

E' mistér um ponto de partida, e quanto a José de Alencar basta o que já assignalei.

A energia quando determina-se e se conhece, deixa atraz de si um abysmo, para o qual raro olha sem vertigem. Entretanto, é por ali precisamente que ella se une ao grande todo. Ouse quem achar-se com coragem explicar a vocação. Por minha parte a deixo nos limbos, e só no momento em que se traduzir em facto a apanharei para acompanhá-la, como á planta desde o começo da sua evolução vegetativa na semente.

José de Alencar não foi um poeta inconsciente, e esta unica proposição será sufficiente para explicar toda sua vida litteraria. Obedeceu precocemente a uma vocação, sentiu-se forte, dirigiu suas faculdades e tornou-se um artista consuminado. A' obra antecedeu um pensamento. A natureza exterior não veio a elle, não o coagiu: não o fez gemer como Job sob os raios do sol do deserto. Foi elle que correu ao seu encontro, abriu-lhe os sacrarios e tomou-lhe as cores com que havia de dar fórma ao vago das suas inspirações.

Como vimos, os meios de manifestação já estavam determinados. Uma tendencia particular de seu organismo o levára ao estylo, e esta tendencia quando



não pudesse ser demonstrada por factos intimos, ainda assim teria um documento irrecusavel. Apesar de seu retraimento calculado, José de Alencar, durante os tempos de academico, chegou a publicar alguns artigos em um jornal intitulado *Ensaios*, precisamente no primeiro anno do curso, em que de ordinario o estudante eleva-se sobre as azas de uma desmesurada confiança em si. O autor do *Guarany* não deixou de pagar este tributo. O que, porém, é notavel é a natureza destes seus primeiros escriptos. Não participavam em cousa alguma dos lampejos, expansões paradoxaes, e sobre tudo imaginosas, da primeira idade litteraria. Erguendo a ponta do véu que occultava o seu espirito, não deixou entrever o talento creador. Caprichoso, os seus assumptos eram estudos sobre a lingua, sobre o estylo e sobre ant.ropologia.*

É com prazer que o vejo depois traduzir essas suas preoccupações numa das mais lindas paginas de suas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos* :

A palavra, esse dom celeste que Deus deu ao homem e recusou ao animal, é a mais sublime expressão da natureza: ella revela o poder do Creador e reflecte toda a grandeza de sua obra divina.

Incorporea como o espirito que a anima, rapida como a electricidade, *brilhante* como a luz, *colorida* como o *prisma solar*, communica-se ao nosso pensamento, apodera-se delle instantaneamente e o eselarece com os raios da intelligencia que leva no seu seio.

Mensageira indivisivel da idéa, *iris celeste* do nosso espirito, ella agita as suas *azas douradas*, *murmura* ao nosso ouvido doce-

* Nos *Ensaios litterarios* fundado por elle e outros collegas em 1846, em S. Paulo, publicou varios trabalhos sobre o estylo e una biographia do Indio Camarão. Depois disto emmudeceu. Só, passados muitos annos, corrigio, modificou e deu á publicidade dous ensaios que fez em Olinda, quando ahi estudava o quarto anno — *Alma de Lazaro* e *o Ermitão da Gloria*.

mente *brinca ligeira e travessa* na imaginação, *emba-la-nos* em sonhos fagueiros, ou nas suaves recordações do passado.

Reveste todas as fórmãs, reproduz todas as variações e nuances do pensamento, percorre todas as notas dessa gamma sublime do coração humano, desde o *sorriso* até á lagrima, desde o suspiro até o soluço, desde o gemido até o grito ronco e agonizante.

A's vezes é o *buril* do estatuário, que recorta as fórmãs graciosas de uma criação poetica, ou de nma cópia fiel da natureza : aos retoques desse cinzel delicado a idéa se anima, toma um corpo e modela-se como o bronze ou como a cêra.

Outras vezes é o pincel inspirado do pintor que faz surgir de repente ao nosso espirito, como de uma tela branca e intacta, um quadro magnifico, desenhado com essa correcção de linhas e esse brilho de colorido que caracterisam os mestres.

Muitas vezes é a nota solta do hymno, que resôa docemente, que vibra no ar, e vai perder-se além no espaço, ou vem afagar-nos brandamente o ouvido, como o echo de uma musica em distancia...

O sentimento faz della a *chave dourada* que abre o coração ás suaves emoções do prazer, como o raio do sol que desata o botão de uma rosa cheia de viço e de fragrancia.

Eis o que José de Alencar queria fazer da palavra, «simples e delicada flôr do sentimento, nota palpitante do eoração».

Estudados «a fundo a força e os recursos desse elemento de actividade», e collimado o objectivo, só faltava partir.

Parece-me, entretanto, que neste ponto deram-se sérias hesitações em seu espirito. O theatro, onde se deviam passar todas as scenas que rodopiavam em seu cerebro, apparecia-lhe ainda eomo ao longe, indecisamente. Os caracteres amalgamavam-se, antes de affirmar-se. A nebulosa não conseguira transformar-se em mundo.



Creio ser esta a historia verdadeira de toda idéa.

Ha toda razão para presumir-se que a sua transplantação para esta Capital, atravez dos sertões do norte, houvesse-lhe infundido na alma uma impressão perduravel; depois, a contemplação dessa natureza alterosa do sul naturalmente devia ter-lhe provocado na mente contrastes indeleveis. As viagens a S. Paulo e a convivencia nessa terra, onde as tradições são tão vivas ainda com respeito aos primeiros exploradores do Brazil, sem duvida aguçaram-lhe o appetite das cousas patrias. De envolta com os classicos, em que estudava o estylo, se lhe desvendou inconscientemente o rico manancial dos chronistas brasileiros. Tanto bastou para que um ideal, que a furto despontava-lhe nos céos da imaginação, se concretisasse no argumento de um sem numero de romances.

Planos e mais planos de bellas obras se agruparam então em seu cerebro, e o romancista indeciso determinou-se a ser brasileiro.

E' facil calcular o labor empregado por José de Alencar para attingir esse desideratum, e separar a luz das trevas. Sei que fez muitos ensaios, nos quaes por fim a paisagem surgiu como a reminiscencia de um sonho ou talvez de um Eldorado; mas esta era solitaria como devêra ser a terra antes da apparição do homem. De confissões suas deprehende-se que, só depois de muito cultivar esse genero, escrevendo sem destino para a pasta, chegou a erigir a estatua do homem e a travar a luta das paixões. Foi seguramente o sexto dia do seu ge-



nesis artistico, o qual devia se prolongar, sem descanso, até ao momento de baixar á sepultura.

As difficuldades eram obvias. Olhando em torno de si foi-lhe necessario encontrar-se eom a natureza dos tropicos, com esse verdadeiro Brazil que o gerára, e do qual o separavam milhares de circumstancias resultântes da civilização européa que o recebêra no berço. Estas influencias não podiam ser eliminadas por um simples acto de vontade, nem o permittia a fatalidade do meio de onde saíra; elle não podia em absoluto repellir a atmosphera intellectual e moral que o envolvia. Isto, porém, não obstou a que a tendencia primitiva, filha do seu temperamento e de outras causas insondaveis, combatesse as influencias subteis da educação. Parte dessa natureza, o sol, as cambiantes, o dulçor das auras, o que ha nella de mais vivido tinha-se desde logo diluido na palheta de seu estylo. Mas os mysterios contidos na realidade lhe escapavam, precisamente porque para chegar a elles seria preciso mergulhar-se de todo no seu seio profundo. A luta, pois, foi reulida; pôde-se dizer a luta de todos os idealistas. E esta deu-se atravez dos prismas que interceptavam o abraço mystico.

José de Alencar atirou-se com sofreguidão aos chronistas e aos escriptores de character puramente americano, aos pintores da natureza agreste, e começou assim um estudo apaixonado de tudo quanto servisse para dar vida e luz ao seu espirito, fazendo emergir do obscuro esse sonho que constituia a esseneia de sua propria natureza. Do mesmo modo que o chimico luta por tirar do carvão a diminuta parcella do diamante, elle empregava todos os esforços para realizar uma crystallisação ainda mais admiravel, a da propria alma.

O mesmo gosto, que o levára em menino ao enigma,



atraiu o adolescente ao passado de sua pátria. Quiz decifral-o, dar-lhe fórma, e, de vago, reduzil-o a concreto; e, como seu genio não se afeiçoava á analyse, á observação, tentou adivinhal-o. O diffuso o horrorisava; a fórma nitida, eis sua grande sedueção. Dahi a angustia com que o autor do *Guarany* buscava na leitura uma sensação, que lhe explicasse de um só jacto tudo quanto em si não passava de aspiração, e que de um só *coup de baguette* fizesse emergir diante dos olhos de sua imaginação o sonho por uma vez consolidado. Enquanto o microcosmo não se transformou numa representação luminosa do que até então era abysmo, não deseansou. Sob este impulso comprehende-se quanto a índole dos poetas germanicos, com o pantheismo de Goethe á frente, lhe devia ser odiosa. A nevoa do norte suffocall-o-ia. Não ha um unico escripto seu, principalmente de sua mocidade, que denuncie impressão duravel occasionada por algum poeta dessa escola. Fausto e Hamlet não pertencem á raça dos escolhidos de seu coração.

Lançado em nova peregrinação atravez das provincias litterarias que estavam no caso de afagar semelhante paixão, foram os poetas da luz e do amor os seus verdadeiros guias.

Em suas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos* acham-se registrados todos os progressos destas influencias. Como na crosta de um terreno de formação recente, alli encontra-se a historia de todas as camadas, que se foram superpondo á lava primitiva, e com ella se amalgamaram. Um exame cuidadoso destas cartas mos-



tra quanto attrairam sua imaginação os Hafis de todas as litteraturas, os fulgores do genio oriental ; mas como sua sensibilidade não se coadunava com os rigores e as enormidades fulminantes, com as agruras apocalypticas das imaginações puras, mais de uma vez teve de esgucirar-se pela melancolia, que inspiravam certos aspectos de natureza. Assim vêm-se as brutas e candentes manifestações de Hugo, quebradas pela fibra chateaubrianica e lamartineana, fundirem na alma do poeta uma luz harmoniosa, uma claridade benigna, que, envolvendo toda a natureza, a transforma em uma plantasmagoria. Aos seus olhos o sol não abraza, antes obriga-nos a viver deliciosamente; a seu influxo tudo se doura, tudo se torna diaphano, tudo se desfaz em suavidades, no seio das quaes o amor vivido se dilata em ondulações voluptuosas. Occulta-se o enorme, desfazem-se os aspectos terríveis, para só se revelarem as louçanias, o mimo, a garridice, os caprichos e as faccifices da prolfica Ceres. E' assim que elle lamenta « que o sol de sua terra, esse astro cheio de luz e de esplendor, não inspirasse a Magalhães versos mais repassados de entusiasmo e poesia. » « Si fosse poeta », dizia o futuro autor de *Iracema*, « si quizesse compôr um poema nacional, pediria a Deus que me fizesse esquecer por um momento as idéas de homem civilizado, e, embrenhado pelas matas seculares, contemplaria as maravilhas de Deus ; veria o *sol erguer-se no seu mar de ouro*, a lua deslizar-se *no azul do céu*, ouviria o murmurio das ondas e o écho profundo e solemne das florestas. »

A luz constitue toda a vida de sua poesia, mas uma luz temperada e coada através de um coração amoroso e terno, sem os excessos, as trevas repentinas, as tristezas, as maguas, os pesadumes dos seus mestres Cha-



teaubriand e Lamartine, * de quem só o captivaram o doce orvalho dos olhos e as scismas de uma tarde esplendorosa.

Cada um dos raios do sol era um poema, cada uma das scintillas de sua luz uma poesia brilhante, cada um dos instantes de sua carreira um ciclo em que a imaginação percorria outros mundos, outras eras remotas e desconhecidas.

Farto dessa luz candida, « a natureza americana tão cheia de vida e encanto » não lhe inspirará sinão um delicioso sentimento da existencia. Todos os objectos, ao doce calor dos tropicos, se lhão de mudar em maravilhas, e os personagens, creados ao bafejo de sua fulgida imaginação, sob a abobada azul e diaphana do céu, lhão de participar dos caprichos desse sol que o poeta contempla com os olhos engolfados na liuha profunda do horisonte « a reclinar-se sobre um leito de nuvens, cobrindo com os seus reflexos de ouro e purpura os vapores ligeiros que se deslisan aos sopros da brisa da tarde. »

Nada nesse espirito se annuncia que não seja rutilo, ethereo, suavemente resplendente.

A patria de tal artista é uma especie de Arabia encantada, aonde a vara magica do genio concede a tudo tintas de felicidade. Esta é a terra do amor. Mas que amor! — um amor edenico e ao mesmo tempo caprichoso, como só o oriente sabe produzir. O amor que elle aspira é um « desses amores poeticos, innocentes, que tem o céu por doce, as lianas verdes por cortinas, a relva do campo por divan, e que a natureza consagra como mãe extremosa. » Não é de admi-

* Vide *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*, pag. 2.



rar, pois, que a mulher atravessando esses sonhos não se apresente sinão como uma *nimiedade* gentil, cercada de canduras e tics infantis, e que todas as suas concepções propendam para o que a natureza contém de mais tenue, perfeito e delicado « no frouxo roçar das arvores, nos murmurejos das ondas, nos cicios da brisa, nas *folhas de rosa* da harmonia. » Os typos, que mais lhe entram no coração, são Eva de Milton, Haydéa de Byron, Atala de Chateaubriand, Cora de Cooper. Tudo naquellas cartas está denunciando que o *gracil* para José de Alencar tinha-se constituido a fórmula da poesia.

E como não assim, si no estadio de sua vida a que alludo, graças ás disposições de seu espirito, elle não podia enxergar sinão o vivaz, o interessante, a gentileza!? Os escriptos, portanto, referentes a todo o periodo que foi regido por este movimento expansivo, resentem-se deste traço caracteristico, — da luz diaphana, do encantamento caprichoso, gracil e sorridente, que se diffundia por sua alma de artista. Veremos mais tarde todos estes elementos condensarem-se em verdadeiras obras.

O que é certo, e se torna bem patente pelas cartas alludidas, é que não houve autores que concorressem tão poderosamente para a formação do estro de José de Alencar, como os poetas, os escriptores de veia oriental, nomeadamente Victor Hugo, e os confidentes do coração, Chateaubriand, Lamartine e Bernardin de Saint Pierre; os primeiros como coloristas, os dous seguintes calcando-lhe profundamente o sentimento da paisagem, e o ultimo infundindo-lhe no animo as gottas mais dulcorosas da vida e do amor. De semelhante fusão nasceu o traço já indicado, e a poesia se lhe affirma por toda



parte como a ternura da natureza revelada pelo som, pela côr, pela fôrma, pela luz, pela sombra e pelo perfume. E' insuflado por este sentimento que José de Alencar volve-se para o seu bello Brazil, «filho do sol, cheio do seu brilho e luxo oriental,» e, tendo-o estudado atravez das velhas chronicas de Simão de Vasconcellos, Lery, Gabriel Soares, Rocha Pitta, e outros, * projecta a miragem, que occupava seu espirito, sobre a realidade para convertel-a num eden, onde sua fantasia viverá como em um paiz conquistado.

« A flôr da parasita, o echo profundo das montanhas, a restea de sol, a folha, o insecto falarão com eloquencia a seus sentidos, » e induzíl-o-ão a crêr com os aborigenes em uma terra toda illuminada pela theogonia que Thevet depurou de entre superstições esparsas. Como os nhengaraças tupys, elle enxergará o beija-flôr, o guaynumby, conduzindo as almas dos selvagens para além das montanhas azues, e encontrará por toda parte « esta flôr celeste que iria-se de lindas côres aos rigores do sol, » adejando como genio benefico que se incumbem de supprimir aos olhos do poeta as torpezas das regiões tropicaes.

Rios esplendidos deslizarão atravez de florestas magnificas, cascatas soberbas scintillarão despenhando-se do alcantil das montanhas, lagos, atravez dos quaes singrará a canôa do indio guerreiro amoroso, se mostrarão a seus olhos avidos de gozo; e no Brazil de sua imaginação, clareado pela luz magica e electrica, entrarão com elle milhares de olhos tambem cubicosos, que acreditarão viver com os seres phantasticos do passado. E será no oasis, creado por sua fantasia,

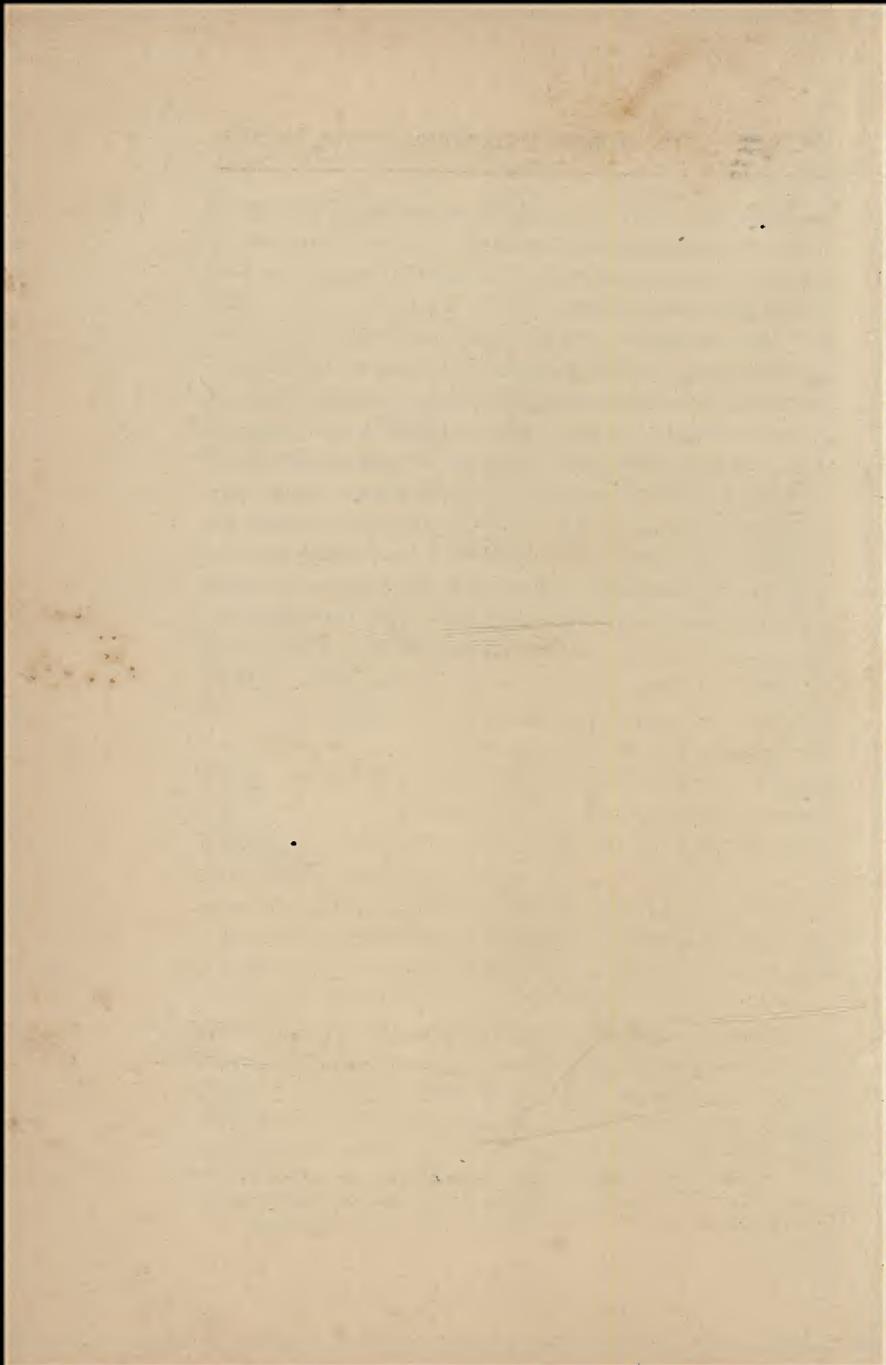
* Cartas citadas, pag. 85.



no meio de um deserto de imaginações aridas, que o autor do *Guarany* fará habitar um sem numero de entidades, que, uma vez contempladas, nunca mais se esvaecerão da memoria.

Outras leituras podiam ter concorrido para o desenvolvimento da individualidade de José de Alencar. Sabe-se, por exemplo, que Walter Scott, Fenimore Cooper, Marriat, George Sand, Dumas foram por elle mui assiduamente lidos; mas as influencias destes escriptores foi seguramente secundaria. Porventura constituiram-se seus mestres naquillo que se considera em obras d'arte o exterior, o molde, a *construcção*; nunca, porém, entraram na composição do espirito de quem um dia devia eserever os primeiros cantos da *Iracma*.





II

EXPLOÇÃO

1852—56

Armado de uma forte inspiração, com um poema e um Brazil na cabeça, recebendo a carta de bacharel em direito, José de Alencar apresentou-se um dia nesta Capital a espargir prodigamente as perolas de seu talento. * As primeiras produções não desmentiram o artista.

Quatro annos de tirocinio na advocacia, preenchidos os lazeres com estudos sérios, retemperaram-no para a luta da imprensa.

* Formado em S. Paulo em 1850, neste mesmo anno passou-se para esta Capital, onde praticou por algum tempo a advocacia no escriptorio do Dr. Caetano Alberto



Havia então um estylista primoroso que sustinha o sceptro do folhetim no Rio de Janeiro ; era Octaviano de Almeida Rosa. Conhecendo-o dos tempos de academico, e, certo das forças de que dispunha o recém-chegado, vendo-se o traductor de Byron subitamente obrigado a abandonar o campo de suas glorias, sentia-se embaraçado na escolha de quem dignamente o succedesse nas paginas menores do *Correio Mercantil*. Apparecendo José de Alencar elle não hesitou um momento em indicá-lo. * E deste modo ficou assentado que o autor do *Guarany* começasse justamente por exhibir seus dotes de escriptor pela face em que mais esmero puzera. Estreou pelos notaveis folhetins intitulados — *Ao correr da penna*, de que ainda o publico fluminense guarda gratissimas recordações. **

O estreante atira-se a uma vida de incessante movimento e producção. Avido de sensações, deixa-se envolver pelo turbilhão dos theatros, dos bailes, dos clubs, das festas, dos meetings, e, de reservado que era, cillo, transformado por febril sobreexcitação, a projectar-se, atravez das vulgaridades que o cercam, em conquista do futuro. Multiplica-se, reconstitue sua educação litteraria, reconcilia-se com as Pandectas por instantes ; a vertigem toma-o nos braços, e o mundo fluminense, dourando-se como em uma magica aos raios

* O convite de Octaviano a José de Alencar data de 9 de Agosto de 1853. São delle as seguintes palavras postas como corôa de saudades sobre a sepultura do amigo de outrora :

• Para elles (refere-se a Salles Torres Homem e a Souza Franco redactores do *Correio*) foi motivo de festa a noticia reservada... Não podia haver lartura maior. Adivinhavam todos as suas grandes forças intellectuaes e todos lhe querlam bem. •

** Estes escriptos andam hoje colleccionados em um volume editado pelo Dr. Vaz Pinto Coelho.



artificiaes de uma machina electrica, crea-lhe a cada passo estímulos irresistiveis.

No Rio de Janeiro de então pouco ou nada encontrava capaz de subordinar seu espirito, imprimindo-lhe direeção diversa do elance primitivo. A sociedade fluminense offerecia as condições mais apropriadas para o floreseimento de uma natureza fantasioza, amante das melopéas coleas e das longas travessias pelas *regiões azues*. O mais ligeiro abalo não vinha quebrar a monotonia da vida politica; na atmospherá moral reinava completa serenidade; nem siquer uma dessas perturbações na republica litteraria, que deslocam o talento das sendas habituaes para, por uma forte commoção, transportal-o a plajnos desconhecidos, inexplorados. A nau do Estado corria placidamente, ao som das aguas, sob a doee influencia do systema constitueional. Longe iam já os tumultos de 1848; o tufão revolucionario cessára por uma vez, e com elle os arrebatamentos da alma patriotica, unica fonte das inspirações masculas dos Alfieri. Por outro lado não tinhamos chegado á época dissolvente que atravessamos, * época que tem gerado em nós brazileiros tão pronunciado desgosto de nós mesmos, em que o desengano rege a esthetica e o sarcasmo serve-lhe de fórma.

A philosophia, que tonificava o ambiente, si tal nome póde-se dar á completa despreoccupação dos problemas humanos e sociaes, era seguramente a que mais se coadunava eom a indole contemplativa e entusiastica do estreante. O voltaireanismo, que com tanta iintensidade no fim do seculo passado influira no animo dos inconfidentes de Minas Geraes, perdera de

* Estas palavras eram escriptas em 1870.



ha muito seu valor; e para um paiz, onde os movimentos litterarios da França chegavam tão retardados e enfraquecidos pela distancia, para um paiz indolente e resignado aos frouxeis de uma monarchia cheia de promessas, nada havia mais commodo do que um theismo harmonico e sem ruidos. O aspide da questão religiosa não surgira ainda. Ganganelli, si tinha risos anti-christãos, guardava-os sem duvida nos limbos do pensamento.

Entre os poetas e escriptores nacionaes nenhum apparecera com feição propria, com uma individualidade que produzisse verdadeira sensação no paiz, como écho fiel do seu estado esthetico. O movimento romantico, de que haviam sido factores Salles Torres Homem, Magalhães, Porto Alegre e Pereira da Silva, nem sequer teve o merecimento de operar-se *intra muros*. Era o producto ingenuo da paixão de alguns moços de talento, que viajavam no estrangeiro, pelas poesias de Victor Hugo, Lamartine, Alfredo de Vigny e Musset. Publicando em Pariz a revista braziliense *Nietheroy*, proclamando os novos dogmas *à outrance*, parecera-lhes entretanto, na sua illusão de ardentes apóstolos, que o paiz os ouvia, e em troca de seus esforços dava-lhes inspirações nativas e virginaes. Diplomatas quasi todos, as suas aspirações resentiram-se logo de certo preconceito official, que cedo estancou-lhes a *verve*; e teriam ficado sem repercussão, si o genio do autor dos *Timbiras* não viesse agitar com seu sopro commovido as florestas brazileiras.

Vivendo os homens de mais notavel engenho fóra da terra natal, tambem fóra viveu a litteratura brazileira.

Nem ao menos José de Alencar encontrou uma agitação como a destes moços. As vagas da torrente acal-



mavam-se, e os destroços do classismo nutante derivavam inconscios em pleno preamar. Os cysnes facilmente deslisam pelas aguas placidas e serenas. Foi o que lhe aconteceu.

Que de dissabores não teria a estagnação moral de hoje derramado no espirito (daquelle, que instinctivamente se excluira ao dilettantismo byroniano de S. Paulo, tão destituído de causas, a que havia de produzir Alvares de Azevedo?! Livre, portanto, de influencias directas, fez José de Alencar a selecção que era natural. Encetando as suas revistas — *Ao correr da penna*, assestou o prisma, e escreveu ao sabor dos seus singelos impulsos. Era preciso lutar com a reputação de um primoroso poeta; fel-o com coragem. Arrebatou uma penna á aza de um anjo, de uma fada, e com essa penna caprichosa, que não obedece a quem a empunha, mas ás suas inspirações, que, cheia de faceirices, ora sorri, ora amua-se, ora se esconde, sempre saltitando, debuxando flôres, céus, nuvens, estrellas, sorrisos feminis e fórmãs angelicas; com esta penna *coquette*, de quem elle se despede, no fim de um anno, cheio de saudades, começou a gravar nos corações de todos a sua reputação em caracteres indeleveis. *

Os folhetins de José de Alencar eram um constante revolutar á pista de assumptos graciosos. Dirigiam-se ás moças de preferencia, e atravez de theatros, festas e politica, não consentia a musa que o minimo azedume viesse quebrar a fluidez dos seus dizeres. Nesta incansavel diversão a *coquette* esvoaçava como uma borboleta, tocando sem ferir, sugando sem desfolhar; nunca se enchia de coleras, nem entrevia aborrecimentos.

* Vide *Ao correr da penna*, pag. 3 e 552.



Acaso o Rio de Janeiro daquelle tempo não tinha sinão doçuras? O que é verdade é que o roseo espirito, que manejava semelhante penna nunea deixou de comunicar-se aos objectos que deserevia, sempre mergulhado em uma aprazível intimidade e caracteristia *nonchalance*. Um delicioso sentimento da existencia, sem abalos, sem repereussões asperas, invade quem quer que ainda hoje lê essas revistas hebdomada-rias. Tudo se converte em arabescos, e as cousas mais comezinhas, sob os rendilhados que lhe superpõe o talento do autor, assumem fórmas mimosas, de que jámais se approximaria a mão de um artista vulgar. Seria bem adequado comparal-os por sua vez « às bellas volatas que brincavam nos labios da Charton e iam perder-se num sorriso, aninhar-se nas covinhas da bocea, fazendo mil travessuras, a furtar beijos, e fugiam para pousarem umas vezes como beija-flór no calice da rosa, outras, batendo as azas douradas, para lançar-se no espaço colorido pelos raios do sol.» * O mundo, pois, de impressões consoantes com o seu caracter amante da luz e dos suaves fulgores, abria-lhe as portas de par em par. E' assim que o vemos umas vezes demorar-se na contemplação da « alva e graciosa Petropolis com suas brumas matinaes, com suas casinhas allemães, com seus jardins, seus cannaes, suas ruas agrestes » ; outras singlar « pelas aguas limpidas e azues de nossa bahia », nunca perdendo occasião de esconder-se nos sitios apraziveis da Tijuca, da Gavea, do Jardim e tantos refugios pittorescos que ceream a grande cidade. Si desereve uma festividade, as flôres e os sorrisos fazem-no tudo esquecer, si

* Obr. cit., pag. 216.



acompanha o carnaval só o preocupa um *loup brejeiro* e cheio de mysteriosinhos insinuantes. Não ha pagina, em que não se lobrigue « uma moeinha com os olhos quebrados e o eorpinho languido a fazer namoros a *crochel* » ; rara a linha, em que deixe de brilhar um raio de sorridente poesia. Que bellas tardes são as suas ! Com que lindas, com que alegres eôres não surgem de sua palheta as enseadas de Botafogo e de Iearahy ! Que formosas ilhas, que eneantadas paisagens ! A faseinante capital do Brazil em toda parte mostra-se-lhe como « a odalisea descida do seio das nuvens, fresea, pura e suave, que, roçagando as alvas roupagens de seu leito, resvala de seu divan de velludo sob o macio tapete da Persia, ou antes como a moreninha de nossa terra, cujo halito perfumado se exhala na aragem, euja tez se reflecte na opala dourada que eolora o horizonte. » *

Esta tendeneia para o agradavel se manifesta mais sensivel quando José de Alencar tenta o genero lugubre. As scenas tetricas dissolvem-se, a pezar seu, em uma *bluette*, em uma ehuva de rosas, e, ainda mesmo em dia de finados, o *sunt lacrimæ rerum* e a nudez dos eiprestes não tardam em eontrastar com as flôres e perspectivas ethereas. A vida, compara-a com um « *bouquet*, do qual eada flôr symbolisa um anno, um dia, uma hora » ; um eemiterio é um jardim onde jazem flôres eeifadas e murehas, e eonelue por transformal-o num lago, onde se representa uma scena de amor, no fim da qual tudo se esvae na voz harmoniosa da Charton.

Ha nessas paginas muito espirito, mas um espirito

* Obr. cit., pag. 253.



que nem de longe lembra o *humour* de Sterne ou de Heine. Temos uma palavra que verdadeiramente o define: é a *folâtrerie* dos francezes. Lembranças, repentis, agudezas, verdadeiras *fusées*, que recordam as primeiras tendências para os enigmas e charadas.

Não o confirma acaso este trecho extrahido de um folhetim escripto sobre as machinas de coser?

Eu podia commemorar o facto de Hercules fiando aos pés de Omphale, e mostrar o importante papel que representa na antiguidade a têa de Penelope que merceen ser cantada por Ilomero. Quanto á agulha de Cleopatra, esse lindo obelisco de marmore, é a prova mais formal de que os Egypcios votavam tanta admiração á arte da costura que elevaram aquelle monnmento á sua rainha, naturalmente porque ella excedeu-se nos trabalhos deste genero.*

E este outro specimen não revela a mesma veia?

Estou portanto convencido que as janellas d'alma são em tudo e por tudo semelhantes ás das casas com a unica differença do architecto. Assim ha olhos de sacada, de peitoril, de persianas, de empanadas, de cortinas; da mesma maneira que ha janellas azues, pretas e verdes, de forma chineza ou de estylo gothico. Essas janellas d'alma são de todo o tamanho. Umas excedem a medida da camara municipal, e deviam ser multadas porque affectam a ordem e o socego publico: são os olhos grandes de mulher bonita. Outras não passam de pequenas frestas ou setteiras, como certos olhos pequeninos e buliçosos que quando olham fazem coegas dentro do coração. O que porém dava materia a um estudo muito interessante é o modo por que a alma costuma chegar á janella. A alma é mulher, e como tal padece do mal de Eva, da curiosidade; por isso, apenas ha o menor barulho na rua, faz o mesmo que qualquer menina janelleira, atira a costura ao lado e corre á varanda. Entretanto cada uma tem o seu

* Obr. cit., pag. 56.

systema differente. As francas e leaes debruçam-se inteiramente na sacada, sorriem ao amigo que passa, comprimentam os conhecidos e ás vezes offercem a casa á algum de seus íntimos. Outras ao contrario nunca se reclinam á janella, licam sempre por delraz da corlina e olham o que se passa por uma pequena fresta. Deste numero são as almas dos diplomatas, dos jesuitas e dos ministros de Estado. Em compensação ha tambem algumas almas, que quando pilham um espirito descuidado, sallam pela janella como um estudante vadio, e vão flanar pelas estrellas, abandonando por um instante o corpo, seu hospede e companheiro.

Animula vagula, blandula
Hospes comesque corporis. *

Nos folhetins *Ao correr da penna* encontram-se paginas solemnes como o elogio a Mont'Alverne; outras de interesse e movimento, que já denunciam o futuro ro-mancista.

Uma das mais ardentes aspirações de José de Alencar era o jornalismo. Ser chefe de uma imprensa, dirigir-a a seu sabor, exercitar as suas faculdades em todos os generos possiveis, commover as massas com artigos artisticamente manejados, eis um sonho que constantemente o embevecia, cheio de horizontes largos e esplendentes.

Ganhas as suas esporas de ouro no *Mercantil* e no *Jornal do Commercio*, dispondo de um estylo proprio, com uma intelligencia disciplinada e immensamente maleavel, não lhe foi difficil encontrar quem o patro-

* Obr. cit., pag. 224.



cinasse nesse nobre intento. * Houve amigos que se interessaram por seu futuro litterario, lorigando no seu talento um elemento de vida para uma empreza jornalística. A sympathia que o cercava então ligou-o ao *Diario do Rio* agonizante. O espirito borbulhava-lhe como fonte inexgotavel, e a confiança dos outros exagrou-lhe a coragem. O jornal viveu e viveu das primicias dessa intelligencia vivaz e ardente, que anciava uma valvula ampla, por onde se expandisse aos raios do sol da publicidade. Na idade de vinte e scís annos não era pequena tarefa; mas o moço redactor reduplicou de esforços, revelando uma pujança e fecundidade fóra do commum. Os artigos de fundo, em que tratava dos mais variados assumptos, politica geral, economia politica, administração, jurisprudencia, eram redigidos de improviso e com a *verve* do publicista consummado. E tal era a facilidade com que elle, no meio de tantos outros incentivos á actividade, densenvolvia as suas aptidões, que, segundo refere uma testemunha ocular, tendo tido algumas vezes necessidade de ausentar-se do escriptorio da redacção, e querendo conciliar com essas digressões os interesses da folha, resolveu o embarço lançando no papel de um dia para outro oito ou dez artigos sobre assumptos opostos, magnificos não só pela fórmula como pelo alcance das idéas.

Foi no meio deste torvelinho que o poeta Magalhães lembrou-se de publicar o poema — *A confederação*

* Além das paginas menores no *Mercantil*, redigira elle neste mesmo jornal o *Forum* e varios artigos sobre a lei hypothecaria; no *Jornal do Commercio* publicou trabalhos de critica sobre Thalberg, Othelo, Mont'Alvernie Zaluar, etc.



dos Tamoyos. Esta publicação teve a particularidade de incital-o até á violencia e á injustiça, sinão em tudo, ao menos em alguns reparos. As cartas, que então saíram em folhetins no *Diario*, causaram sensação; e, embora traduzindo uma indignação litteraria mais filha de haustos febricitantes de autor incubado do que de uma reflexão detida sobre as bellezas e erros da obra criticada, passaram por um specimen de analyse. Impaciente e avido de effeito, José de Alencar vasou todos os fogos, que lhe trabalhavam no espirito, nessas linhas cheias de enthusiasmo. Não se considerando successor litterario de nenhum de seus conterraneos, o seu primeiro grito foi de revolta. Isto, porém, não o isenta de culpa. A critica contém em si muitos peccados; não foi de certo applicada segundo os processos correntes hoje em dia, nem mesmo como já haviam-na professado, antes daquella época, Fauriel, Ampère e outros; apenas denota um gosto superior, que ainda mais aggrava a situação. O processo foi simples: superpondo o seu talento ao de Magalhães, pelas differenças aferiu o critico a fraqueza do poeta que tentava um poema epico brasileiro no intuito de levar a barra adiante de Basilio da Gama e Santa Rita Durão. As cartas sobre a *Confederação dos Tamoyos*, portanto, nenhum nome mellhor teriam do que este: — plano da épopea que José de Alencar teria feito si se collocasse no lugar de Magalhães. As bellezas que este não soube exprimir, elle sentiu valentemente, e basta contrastar as citações de certos trechos para comprehender-se a profunda commoção de seu espirito diante desse fructo romantico mal aquecido pelos raios tropicaes. Este trabalho, entretanto, em que pesc ao finado José Soares de Azevedo, a Mont'Alverne e a outros amigos, que saíram em de fesa do poeta, foi um lindo



rasgo de penna, sinão de um crítico, ao menos de um homem de coração. E, si aquilatar-se o seu valor pela sensação que causou, pelos nomes illustres com os quaes o publico curioso pretendeu confundir o pseudonymo sob o qual occultava-se o autor, estas cartas constituem uma época notavel em nossa historia litteraria e talvez o mais brilhante successo de nossas letras.

O silencio do poeta pelo menos o confirmou.

A exuberancia, denunciada nesse trabalho de critica não tardou em concretisar-se; e logo de sua penna, sob o influxo de uma inspiração sobreexcitada, saem, *au jour le jour*, *Cinco minutos*, *Viwinha* e *Guarany*, obras que para mim constituem um periodo de verdadeira explosão, traduzindo do modo o mais sincero todo o raptó virginal de sua alma de artista.

O impulso não differe, nem sua indole parece ter soffrido alteração alguma; antes assume o maximo desenvolvimento.

Cinco minutos e *Viwinha* são duas miniaturas na fórma, no sentimento. Si nos folhetins José de Alencar estreára captivando os leitores pelo rendilhado da phrase, passando ao romance, concentrou-se no garridismo e nas faceirices da mulher. Em ambos os romances apparecem uns mysteriosinhos de facil desenlace, que eram muito do gosto do autor, e de onde resulta o interesse da maior parte dos seus livros. Carlota e Carolina são dois typos de mulheres pudicas, extremamente delicadas. Não possuem a *beauté du diable* das heroínas de George Sand; em compensação, porém, fazem-se realçar por uma graça feiticcia inimitavel. « A mulher, diz elle,



é uma flôr que se estuda como a flôr do campo pelas suas côres, sobretudo pelo seu perfume. Porque Deus deu o aroma mais delicado á rosa, ao heliotropo, á violeta, ao jasmim, e não a essas flôres graves e sem belleza que só servem para realçar as suas irmãs ? » *

Acompanhemos essa sylphide que surge no canto de uma gondola. A cabeça do mancebo que a espreita desvaira-se com umas furtadelas de olhos ocultos sob o travesso chapeusinho de palha. O contacto de uns braços setinosos, uns gritosinhos de susto, uns apertos de mão a furto acabam a obra começada pelos olhos, e, quando o romance principia, esvae-se tudo como um sonho, deixando o enamorado na mesma surpresa da criança diante de cujas mãos avidas estoura a bolha de sabão. O character dessa menina é fluctuante e vario como a sua apparição. Faz-se amar como a uma sombra, e a sua existencia apenas denuncia-se ao amante por um chapeu fugitivo ou pelo éco de uma voz ouvida algures. Por muito tempo mantém o louco numa distancia desesperadora, sem que mesmo este possa conhecer-lhe as feições. Por toda parte, pelos theatros, pelos bailes, pelos passeios, um eterno *non te scordar di me* a persegui-lo; e o misero a correr da côrte para a Tijuca, da Tijuca para Petropolis, sempre atraz de uma miragem, sem que da realidade nestes logares reste outra cousa mais do que as pennas de uma ave que abandonou o ninho. O amor em Carlota é caprichoso, e ella não o comprehende sinão fugitivo, obscuro e mysterioso. Cançada de occultar-se nos recessos da bahia de Guanabara, um dia escapa-se para a Europa, deixando-o transido

* *Cinco minutos*, pag. 82 (2.ª ed.)



e irritado. Nunca ninguém amou tanto, mas a sua natureza é uma natureza especial, que não permite entregar-lhe um corpo mirrado pela morte. Abandona suas afeições, diz ella, « porque, se ha uma felicidade indefinivel em duas almas que ligam sua vida, que se confundem na mesma existencia, que só têm um passado e um futuro, que desde a flôr da idade até a velhice caminham juntas para o mesmo horisonte, partilhando os seus prazeres e as suas magoas, revendo-se uma na outra até ao momento, em que batem as azas e vão abrigar-se no seio de Deus, deve ser cruel, bem eruel, quando, tendo-se apenas encontrado, uma dessas duas almas irmãs foge desse mundo, e a outra viuva e triste é condemnada a levar sempre no seio uma idéa de morte; a trazer essa recordação que como um crepe de luto envolverá a sua bella mocidade; a fazer de seu coração, cheio de vida e de amor, um tumulto para guardar as cinzas do passado ! » * Mas não é isto razão para deixar de fugir e sempre aguçando a paixão de quem a persegue: Carlota conhece os pontos mais delicados do coração amigo, adivinha as suas intenções, sabe que será acompanhada, e por isso mesmo provoca a perseguição, estampando os seus vestigios em todos os logares por onde passa. A incoherencia devia, mais cedo ou mais tarde, fazel-a alcançar. O apaixonado descobre-a em Ischia na Italia, aproxima-se e estreita-a ao peito. O golfo perfumado presencia esta scena de amor. « Sua belleza reanima-se e expande-se como um botão, que por muito tempo privado do sol se abre em flôr viçosa. »
—« Oh ! quero viver ! » exclama ella.

* Obr. cit., pag. 92.



O amor encarrega-se do milagre, e a faceira, a caprichosa vae abrigar-se « na quebrada de uma montanha, em um retiro, um verdadeiro berço de relva, suspenso entre o céu e a terra por uma ponta de rochedo... Uma linda casa, toda alva e louçã, um pequeno rio, saltitando entre as pedras, algumas braças de terra, sol, ar puro, arvores, sombras, eis toda a sua riqueza. * » E a lenda desse caracter arrulante termina com a parodia do verso de Beranger:—uma cabana e teu coração.

Carolina na *Vauvinha* não se resente menos desse genio *versatil*. Os seus arrulhos com o noivo na casinha da rua de Santa Thereza, que « sorri entre o arvoredo », as scenas de doce intimidade domestica que reina nessa mansão de amores, descriptas com tanta delicadeza feminina, com tanta candura, com tanto mimo, esses arrulhos, prestes a coroarem-se com as flores nupciaes, fazem-nos experimentar uma sensação grata e vivida, bem igual á causada pelo perfume inebriante de um laranjal em flôr. A garrida innocencia que transparece depois nessa menina, quando penetra na alcova do noivado, não tarda, porém, em contrastar com a discreta tristeza daquelle, que, concedendo-lhe o nome de esposo, ergue o vén dos castos amores com o pensamento fixo numa idéa torva e acabrunhadora. Habil no manejo destas transições, o buril de José de Alencar delicia-se em miniaturas a Benvenuto Celini, e a mulher como sempre torna-se aos seus olhos um objecto de cuidados infindos. Como artista apaixonado, engolfa-se na execução de sua obra, e correndo pelos dedos um por um

* Obr. ell., pag. 35.



dos fios de filigrana que entretece, não deixa escapar um só elemento, que possa concorrer para o effeito plastico do typo que descreve. Carolina é uma ave, cujo encanto se transmite aos proprios objectos que a cercam, e nelles se faz adivinhar.

Era pois um ninho de amor este gabinete em que o bom gosto, a elegancia e singeleza tinham imprimido um cunho de graça e distincção que bem revelava que a mão do artista fôra dirigida pela inspiração de uma mulher. *

O ambiente forma-se de suas emanações; a natureza, tocada da mesma commoção que o autor, se transforma, e prolonga por todo o ambito do raio visual as influências divinaes dessa formosa rapariga. Não ha esmeros que lhe bastem, e os carinhos, com que suas mãos de poeta a tratam, são iguaes ao da donzella tímida, que amima no regaço a tenra jurity ou desfolha a perfumosa violeta. Que situação mais ao sabor de sua musa do que a de uma noiva em colloquio pela primeira vez com o esposo no quarto nupcial? Essa quêda para o que ha de mais garrulo nas scenas da vida produzem a cada passo trechos desta ordem :

A menina trajava apenas um alvo roupão de cambraia atacado por alamares feitos de laços de fitas côr de palha; o talhe do vestido, abrindo-se desde a cintura, deixava entrever o seio delicado, mal encoberto por um ligeiro véu de renda finíssima.

A indolente posição que tomara fazia sobresalhir toda a graça de seu corpo, e desenhava as voluptuosas ondulações das formas encardadoras, cuja mimosa caração percebia-se sob a transparencia da cambraia.

* *Vivinha*, pag. 402 (2ª e.l.)



Seus longos cabellos castanhos de reflexos dourados, presos negligentemente, deixavam cair alguns anneis que espreguiçavam-se languidamente sobre o collo avelludado, como si porventura sentissem o extasi desse contacto lascivo.

Descansava sobre uma almofada de velludo a ponta de um pé-sinho delicado, que roçando a orla de seu roupão, deixava admirar a curva graciosa perdida na sombra.

Um sorriso, ou antes um enlevo, frisava os labios entre-abertos: os olhos fixos na porta vendavam-se as vezes com os longos cilios de seda, que, cerrando-se, davam uma expressão ainda mais languida a seu rosto.

Estas tintas predilectas á palheta do autor do *Guarany* são bastante conhecidas.

Carolina entra sorrindo no quarto nupeial insciente das desgraças que a envolvem, e debruça-se sobre ellas, como á beira de um abysmo. Amante dos contrastes, o romancista, para dar maior realce ao delicado temperamento dessa menina, fal-a passar por uma dôr violentissima. O marido suicida-se, ou antes desaparece na propria noite do noivado, dando a suppôr que o houvesse feito. Passam-se annos, as lagrimas estaneam, e a dôr metamorphosêa-se num « prazer acerbo, no magoar das feridas que se abrem de novo. » As recordações por fim dulcificam-se, e a alma agita-se-lhe em anneios mais brandos. Começa então a desenvolver-se no seu character o mais encantador dos caprichos: a sombra do esposo, alimentada por um presentimento poetico, procura tomar uma fôrma viva. O amor viuvo tenta resurgir, pois que a saudade não basta para encher-lhe o coração. A pobre Carolina acirra-se na lula consigo mesma; seu espirito resiste a principio;

* Obr. cit., pag. 104.



depois ondula e vacilla, acabando por ceder ás provocações de um amante occulto, cujas missivas são aceitas supersticiosamente como enviadas d'além tumulo. As illusões dessa moça chegam ao seu auge, até que um dia se resolvem na ressurreição do espóso, que de subito uma noite, revelando-se no jardim, vem legitimar os peccadilhos, confundindo-se com ella nos effluvios ineffaveis do mais caloroso amor. Os escrúpulos e minucias affectivas dos dous typos esboçados, um todo fugitivo, outro cheio de superstiçõesinhas angelicas, são sem duvida os precusores dos perfis de mulheres, que teriam de predominar nos livros de José de Alencar. Almas cór de rosa, com um quer que seja de violetas a trairem-se pelo perfume, estabelecem um eterno parentesco entre todas as suas creações.

Consequencia fatal da formação de seu espirito, os productos de sua imaginação sympathisavam excessivamente com a flór, com a borboleta, com o ninho que o pintasilgo construia no galho da roseira. O autór da *Iracema* amava mais a natureza nas suas miniaturas, do que nas magnitudes que arrebatam o espirito através do espaço.

Dizia com razão o maior critico dos temposmodernos que « a primeira questão que se deve propor sobre um artista é esta : — como enxerga esse artista os objectos ? nitidamente ou não ; com que elance, com que força ? a resposta define antecipadamente a obra, porque em uma só linha que seja, não se podendo libertar das primeiras



influencias, guardará até o fim a feição em principio manifestada.» *

O *Guarany*, romancee onde todos os thesouros de imaginação e sensibilidade foram derramados pelo autor, producto de uma grande sobreexcitação, que se fundiu inteiriça como vivia na alma do poeta, é a revelação mais palpitante do quanto é verdadeira a opinião do mestre. ** Póde-se dizer que nesta obra José de Alencar crystallizou sua alma, e que em toda sua carreira litteraria varias vezes teve de regressar a este fertil veciro para reforçar algum fio enfraquecido de seu bello talento. Ahí pullulam todos os seres que lhe'são gratos, e accentuam-se definitivamente os lados da natureza, que mais tinham ferido a sua imaginação, com a espontaneidade de uma indole franca e verdadeiramente tropical. O tempo em que elle o esereveu foi justamente o mais arduo do *Diario*. Acoitado em um segundo andar da rua do Conde, sem livros, sem auxiliares, sem *coterie*, dispondo apenas de um caderno onde lançára os residuos de suas leituras sobre o Brazil, não foi isto razão para que não o sceundassem as mais felizes e fecundas disposições de seu espirito.

Os momentos artisticos não duram toda a vida. Esse phenomeno de excitação cerebral, com effeito admiravel, que os antigos julgavam influença divina ou sobrenatural, o *Deus in nobis* do poeta latino, depende quasi sempre de circumstancias especiaes, que em nada honram a valentia humana. Não ha quem hoje ignore, depois dos trabalhos de Claude Bernard, Lhuis, Maudsley,

* Talne, *Histoire de la litterature anglaise*; vol. V, pag. 6.

** O *Guarany* foi escripto *au jour le jour*, em folhetins, para o *Diario de Rio de Janeiro*; data esta publicação de 1856.



Bain, que nestas occasiões só o que nos pertence é a força inicial, e que o cerebro trabalha por sua contra e risco, sem consideração alguma a quem lhe imprime o movimento.

O *Guarany* parece ter sido fructo de um destes estados mentaes. Tudo quanto fôra assimilado inconscientemente, de permeio com tudo quanto o esforço voluntaris obtivera, vasou-se de repente no papel, concretizando-se em uma obra que o proprio autor talvez não soubesse explicar. E' visivel a influencia que certos autores tiveram na genese do livro. José de Alencar encontrara os moldes do romance moderno, seguindo os processos de Walter Scott, levado ao maior aperfeiçoamento por A. Dumas, Sue e outros, e necessariamente teve de procurar nestes mestres os meios de captivar o interesse dos seus leitores pelo habil manejo das *medias res*, das machinas e de tantos outros artificios de que abusaram mais tarde Capendu, Ponson du Terrail, Montepin e o proprio Dumas, estragando o genero e provocando a justa reacção que deu em resultado o naturalismo de Zola. Muito lhe serviram nesse intuito estes autores, sem que comtudo podessem com isso imprimir nova direcção ao seu espirito. Emquanto ao aspecto geral, nada mesmo tem o *Guarany* que se destaque da phisionomia dos melhores romances publicados no periodo em que floresceram aquelles escriptores. O entrecho é commum. Um cavalleiro portuguez acastellado com sua familia nas margens desertas do Parahyba, a lutar com a bondade de uns e a maldade de outros, cercado de aventureiros que não lhe guardam fidelidade; uma menina angelica a provocar amores e sentimentos lubricos; a dedicacção de um indio; ataques de selvagens; actos de bravura e



de pericia por parte dos portuguezes: eis o circulo dentro do qual desenvolvem-se as scenas mais importantes do romance. Não ha quem não reconheça logo que a idéa do autor, qualquer que fosse ella originariamente, cresceu no meio das reminiscencias das obras do autor do *Waverley*, e que a visão brazilica entrelaçou-se insensivelmente com as scenas castellãs da idade media, que até certo ponto não deviam differir em substancia das que o autor suppoz nos tempos coloniaes. Quem não verá em D. Antonio de Mariz, « que como um rico homem devia protecção e asylo a seus vassallos », um *Ivanhoe* portuguez? Aquella casa do Paquequer, com suas disposições pittorescas e romanticas, não lembra de perto os castellos de Kenilworth ou de Lamermoor? E a cavalgada com que começa a narração? E as conspirações dos aventureiros? Os cavalleirismos de Alvaro? os combates? as sortidas? E esses Aymorés acampados, como una horda de guerreiros nas ruinas de Karnac ou sob as barbacãs de algum barão feudal? Enfim, os regulamentos marciaes, os puodonores fidalgos, a catastrophe theatral, tudo isso não traz-nos á idéa os monumentos, que se prendem á escola que em Italia gerou os *Noivos* e na França *Notre Dame de Paris*?

Mas não seja isto motivo para doestos ao autor de paginas tão bonitas. A originalidade de sua obra está seguramente em outra parte: esta originalidade consiste na subordinação da natureza bravia á belleza feminil, na transformação de tudo quanto cerea a mulher, ainda mesmo o enorme e o repellente, no mimo, na graça, na candura. Essa concepção pôde-se dizer que resume-se na palavra *Yara*, palavra tupy que significa senhora, e que serve de titulo a um dos capi-

tulos do livro, acentuando o eixo sobre o qual volte-se todo o interesse do drama. Uma menina celestial e ligeiramente caprichosa, que tira da innocencia e da candura uma força extraordinária para supplantar o deserto, uma creatura angelica, que com o seu pres-tigio insciente traz a natureza a seus pés: eis a mola, o centro, a magia do *Guarany*, e a explicação de todo o encanto que produziu e ainda hoje produz em nosso espirito esta obra inimitavel. * E' justamente por isto que todo aquelle que começa a ler o *Guarany* sente um indizível alargamento na alma. O leitor, desdobrando-se através dos sentimentos ineffaveis que desperta esse ideal de bondade, perde-se no esquecimento de si e da terra aonde pousam-lhe os pés; acha-se como em um paiz dourado por luzes coadas por opala, num céu azul e esplendente. A natureza revela-se-lhe por inextinguíveis cambiantes; do seio da terra irrompe o *lumen purpureum*, que tudo envolve, quando o cerebro se deixa conquistar pelos globulos de um sangue generoso. Todas as agruras somem-se da paisagem e um optimismo sadio invade a criação inteira. Um doce sentimento da

* Ha um romance de Mery—*A Florida*, que talvez despertasse em José de Alencar essa feliz idéa. As scenas deste livro passam-se tambem nos tropicós, em uma feitoria situada, se não me falha a memoria, na costa de Malabar. A heroína é uma creanta de origem franceza em situação idêntica a de Cecy, que tremula sob o pincel inspirado do autor de *Eva* como uma criação *feérica*. Mergulhada na solidão das vastas florestas daquellas regiões asperriimas, onde a deusa Bowantia se metamorphosea a cada passo em horrendos perigos, no tigre dos juncaes, na serpente gigantesca, na cobra capello, no gorilla, no thug estrangulador, nas febres palustres, nas convulsões meteorologicas, essa menina inoffensiva combate tambem o genio do mal com o olhar azul da innocencia. A propria natureza selvagem fornece-lhe armas á sua defeza e dá-lhe forças para domar leões que lhe guardam o aposento virginal durante o somno e elephants que a conduzem e acompanham em seus passeios pela floresta.



existencia despeja-se sobre os habitantes ineautos desse paraizo artistico; em tudo transluz uma felicidade crystallina.

Este ponto de vista, se por um lado altera a verdade, por outro força-o a crear situações, sem as quaes a obra perderia todo o seu valor.

E' sob o influxo, pois, dessa magia que a paisagem do Paquequer se nos mostra cheia de tintas tão maviosas, de effeitos de luz anesthesiante.

A tarde ia morrendo.

O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que illuminava com os seus ultimos raios.

A luz frouxa e suave do occaso, deslizando pela verde alcatifa, enrola-se como ondas de ouro e de purpura sobre a folhagem das arvores.

Os espinheiros silvestres desalavam as flores alvas e delicadas; e o ouricury abria as suas palmas mais novas, para receber no seu calice o orvalho da noite. Os animaes retardados procuravam a pouxada; enquanto a jurity, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.

Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua quêda, e ceder á doce influencia da tarde.

Era ave-maria.

Como é solemne e grave no meio das nossas mattas a hora mysteriosa do crepusculo, em que a natureza se ajoelha aos pés do Creator para murmurar a prece da noite.

Essas grandes sombras das arvores que se estendem pela planicie; essas gradações infinitas da luz pelas quebradas da montanha; esses raios perdidos, que esvasando-se pelo rendado da folhagem, vão brincar um momento sobre a arêa; tudo respira uma poesia immensa que enche a alma.

O urutão no fundo da matta solta as suas notas graves e sonoras,



que reboando pelas longas crastas de verdura, vão ecoar ao longe como o toque lento e pausado do *angelus*.

A brisa, roçando as grimpas da floresta, traz um debil sussurro, que parece o ultimo echo dos rumores do dia, o derradeiro suspiro. Já tarde que morre.

Todas as pessoas reunidas na explanada sentiam mais ou menos a impressão poderosa desta hora solemne, e cediam involuntariamente a esse sentimento vago, que não é bem tristeza, mas respeito misturado de um certo temor.

De repente os sons melancolicos de um clarim prolongaram-se pelo ar quebrando o concerto da tarde. . .

Esta nitida descripção faz esboçarem-se logo no espirito os perfis dos personagens que hão de agitar-se nessa historia. Alli não ha guarida possivel para o mal. Todos os aspectos desagradaveis são espancados pelas tonalidades ethereas de uma alma saturada de insenso e myrrha. A imagem da patria se entretrece com os fios dourados pela phantasia oriental do autor; o horisonte não lhe foge em planos indefiniveis, nem em recantos tenebrosos. Como os poetas da Hellade, elle reloga para bem longe o deus absconditus, e circumscreve o seu mundo dentro de uma consciencia desanuviada. Sob o céu que habita Cecilia tudo são suavidades e blandicias. O azul é o seu dominio. José de Alencar mais que nunca deixa-se possuir pelas *languours dorées*. De sua penna seria licito dizer o mesmo que o autor da *Historia da litteratura ingleza* disse do poeta Tennyson, « um *keepsake doré sur tranche*, bordado de flores e de ornatos sedosos, cheios de figuras delicadas, sempre finas, sempre correctas, que dir-se-iam esboçadas ao acaso para occu-

* *Guarany*; vol. I. pag. 69 (2ª ed.)



par as mãos brandas de uma noiva ou de uma menina. » *

O *Guarany* constitue o lado opposto ás miserias humanas. Nem um traço, de longe sequer, que recorde Dickens ou Balzac. Percorrendo-se a galeria inteira de seus personagens não encontro um só caracter bilioso ou apopleptico, em cujo fundo se destaquem as violencias reaes da natureza humana, os horrores da physiologia, e que represente a revolta social, a apothese de um vicio ou de uma classe, tremendas excavações nos abyssos da consciencia. Vautrin, Nueingen, La Palferine, Pecksniff, Ralph, Jonas, e outros sceleratos desconhecem Lore-dano. A familia inteira de Falstaff, que agita-se no mundo shakespeareano, imaginado por aquelles autores, renega o parentesco de Ayres Gomes. E' o caso de Milton : pintando o inferno, não deixa a musa do paraizo, ineapaz das concentrações que produziram em Dante o episodio da torre de Ugolino, que a inspiração penetre nos antros onde se escondem as feras e os reptis. Não representavam os gregos a dôr em Laocoon com a serenidade da alma do justo? José de Alencar, figurando a perversidade em frei Angelo de Luca, fal-o com uns toques taes de meiguice que retiram toda a hediondez de suas malversações, de sorte que as scenas tetricas do romanec não passam de contrastes, claros escuros, indispensaveis á harmonia do scenario. A meiguice, pois, da candida Cecy influe por toda parte ; inutil é fugir ao seu prestigio, á gracil magia de seu temperamento.

Vamos encontrar essa gentil menina a «sc embalarçar indolentemente numa rêde de palha, presa aos ramos

* Talne, obr. cit., vol. V., pag. 422

de uma acacia silvestre que estremeccendo deixa cair algumas de suas flôres miúdas e perfumadas. »

Os grandes olhos azues, meio cerrados, ás vezes se abriam languidamente como para se enteberem de luz, e abaixavam de novo as palpebras rosadas.

Os labios vermelhos e humidos pareciam uma fiôr de gardenia dos nossos campos, orvalhada pelo s reno da noite, o halito doce e ligeiro exhalava-se formando um sorriso. Sua tez alva e pura como um frôco de algodão, tingia-se nas faces de uns longos côr de rosa, que iam, desmaiando, morrer no collo de linhas suaves e delicadas.

O seu trajo era do gosto o mais mimoso e o mais original que é possível conceber ; mistura de luxo e simplicidade.

Tinha sobre o vestido branco de cassa um ligeiro saíote de risso azul, apanhada a cintura por um broche ; uma especie de arminho côr de perola, feito com a penugem macia de certas aves, orlava o talho e as mangas, fazendo realçar a alvura de seus hombros e o harmonioso contorno de seu braço arqueado sobre o seio.

Os longos cabellos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobriam a fronte alva, e cahiam em volta do pescoço presos por uma resilha finissima de fios de palha, côr de ouro, feita com uma arte e perfeição admiravel.

A mãosinha afilada brincava com um ramo de acacia que curvava carregado de flôres ; e ao qual de vez em quando segurava-se para imprimir á rêde uma doce oscillação.

... O que passava-se nesse momento em seu espirito infantil é impossivel descrever ; o corpo cedendo á languidez que produz uma tarde calmosa, deixava que a imaginação corresse livre.

Os sopros tepidos que vinham impregnados dos perfumes das madressilvas e das agueenas agrestes, ainda excitavam mais esse enlevo e bafejavam talvez nessa alma innocente algum pensamento indefinido, algum desses mythos de um coração de moça aos dezoito annos.

Ella sonhava que uma das nuvens brancas que passavam pelo céu anilado, roçando a ponta dos rochedos se abria de repente, e um homem vinha cair a seus pés tímido e supplicante.



Souvava que corava; e um rubor vivo accendia o rosado de suas faces; mas a pouco e pouco esse casto enleio ia se desvanecendo, e acabava num gracioso sorriso que sua alma vinha pousar nos labios.

Com o seio palpitante, to-la tremula e ao mesmo tempo feliz, abria os olhos; mas voltava-se com desgosto porque, em vez do lindo cavalleiro que ella sonhara, via a seus pés um selvagem.

Tinha então sempre em sonho um desses assomos de colera de rainha offendida, que fazia arquear as sobrancelhas louras, e bater sobre a relva a ponta de um pésinho de menina.

Mas o escravo supplicante erguia os olhos tão magoados, tão cheios de preces mudas e de resignação, que ella sentia um quer que seja de inexprimivel, e ficava triste até que fugia e ia chorar.

Vinha porém o seu lindo cavalleiro, enxugava-lhe as lagrimas, e ella sentia-se consolada e sorria de novo; mas conservava sempre uma sombra de melancholia, que só a pouco e pouco o seu genio alegre conseguia desvanecer. *

O que falta nessa mimosa descripção para completar o typo de anjo descido do cén para dominar guerreiros e captivar selvagens?

O poeta não fez mais do que dar corpo ao sonho de Cecilia. Tudo vai obedecer-lhe; tudo vai adorar-a. Sua presença no Paquequer dulcificará os mais duros corações. A propria natureza que a cerca amolenta-se para recebê-la; e ella, confiada nas promessas, dormirá á beira dos abysmos. A austeridade de D. Antonio de Mariz quebrar-se-á diante de suas ingenuas pretensões; as raivas burlaseas de sua mãe D. Marianna se dissiparão ao som argentino de suas falas; os ciumes de sua irmã Izabel se confundirão com o pezar de não ser tão boa; o valor de Alvaro transformar-se-á em um hymno perenne, como os sussurros da cascata iriada pelos raios de

* *Guarany*, vol. I, pag. 45.



um sol ardente. E Pery, o selvagem, que a supuzera pela primeira vez a imagem da virgem adorada pelos christãos? Pery, que o missionario reduzira á estupefacção das cousas maravilhosas? Pery, o representante da força nativa e tropical, será um automato; mover-se-á com a fidelidade e o heroismo do cão aos seus menores desejos; constituir-se-á a providencia na floresta. Os passarinhos, as rôlas, os colibris virão festejal-a entre as flôres de seu jardim, e o proprio jaguar, pela mão do indio audaz e submisso, virá rojar-se a seus pés por um capricho maravilhoso. As selvas lhe offerecerão os seus fructos mais deleitosos, os seus perfumes mais suaves, alcatifando-lhe os passeios deervas aveludadas, arqueando-se em doceis esplendidos, e até formando-lhe á margem do rio, com embastidas lianas e palmas magestosas, deliciosos recessos, aonde a diva possa boiar e brincar sobre as aguas, segura de olhos indiscretos que lhe estremeçam o pudor.

Chegada a este ponto a concepção, nada mais natural do que a transformação do selvagem nesse amalgama de sentimentos agrestes e de um cavalherismo só comparavel ao dos mais extremos menestreis da média idade. Porque afinal Pery mostra-se ainda mais blandicioso do que Alvaro, que a requesta. Pery adivinha os pensamentos de Yara. Se Cecilia imagina cercar-se de colibris, elle percorre as matas e colle um cofo cheio dessas flôres aladas e prismaticas; se por descuido ella manifesta a curiosidade de ver um tigre, afronta os maiores perigos e arrasta até seus pés a fera viva e açaimada; se lobra um objecto no fundo de um precipicio, aonde silvam reptis venenosos, despenha-se, e, acompanhando a vista da senhora, vai satisfazer um desejo nem sequer enunciado, e com a setta certa



traça uma linha impenetravel que a defende contra todos e contra tudo. O prazer dessa menina é a sua vida, a sua religião. Para ella não havia impossiveis.

Um dia Cecilia, apontando para os brancos vapores, que atravessavam o céu, perguntou-lhe, si ella pedisse a nuvem, elle iria buscal-a.

— Pery ia buscar.

— A nuvem?

— Sim, a nuvem... sómente como a nuvem não é da terra e o homem não póde tocal-a, Pery morria e ia pedir ao Senhor do céu a nuvem para dar a Cecy.

E' preciso confessar que por ultimo este selvagem chega a um refinamento, que faz quasi esquecer a sua origem autochtone. A tendencia para o gracioso leva o autor, por exemplo, a escrever paginas como esta :

Cecy era o nome que o indio dava a sua senhora depois que lhe tinham ensinado que ella se chamava Cecilia.

Um dia a menina, ouvindo chamar-se assim por elle e achando um pretexto para zangar-se contra o escravo humilde que obedecia ao seu menor gesto, reprehendeu-o com aspereza.

— Porque chamas-me tu *Cecy* ?

O indio sorriu tristemente.

— Não sabes dizer Cecilia ?

Pery pronuncia o nome da moça com todas as syllabas ; isto era tanto mais admiravel quanto a sua lingua não conhecia quatro letras, das quaes uma era o L.

— Mas então, disse a menina com alguma curiosidade, se tu sabes o meu nome, porque não o dizes sempre ?

— Porque Cecy é o nome que Pery tem dentro da alma.

— Ah ! é um nome de tua lingua ?



- Sim.
 — O que quer dizer?
 — O que Pery sente.
 — Mas em portuguez?
 — Senhora não deve saber.

A menina bateu com a ponta do pé no chão e fez um gesto de impaciencia.

D. Antonio passava : Cecilia correu ao seu encontro.

— Meu pae, dizei-me o que significa *Cecy* nessa lingua selvagem que fallaes.

— *Cecy* é um verbo que significa doer, magoar.

Que galhardo mancebo dos mais eximios nas justas do galanteio conseguiria ferir sua amada com tanta doçura e delicadeza?

Quanto a Cecilia, logo que se a afaste do seu papel sobrenatural, ter-se-á uma nova encarnação, mais perfeita, de Carolina e de Carlota. Como as suas duas irmãsinhas, não tem a innocencia seismadora da Margarida de Goethe, nem o diaphano da Dea de Hugo ; menos beata que Atala, é mais petulante que a Virginia de Saint Pierre, pudica simplesmente como Eva antes do peccado.

No epilogo parece que se concentraram todos os beijos dessa musa sorridente. E' talvez o unico idyllio em lingua portugueza que rivalize com a bucolica austral de Saint Pierre, tão justamente admirada pelo autor dos *Martyres*. *

* O que é para admirar é que José de Alencar dêra por acabado o romance com a catastrophe, em que desabou a casa de D. Antonio de Mariz. Mas a pedido de suas irmãs, que llam a obra com maximo interesse, permitiu escrever esse epilogo da mesma maneira que já por identicos empenhos supplicara o perverso Loredano em uma foguetra pouco antes do desastre.



Si houve talento nos idealistas, esse talento consistiu em convencer-nos da verdade de suas caprichosas creações. Não ha negar que José de Alencar no epilogo do *Guarany*, apezar de romper a cada passo com o real, chega a embevecer-nos na possibilidade daquellas festas da natureza, naquelle Despontar de amor em Cecilia pelo bruseo Goytacáz. Si a illusão é tão bem disposta ! si as luzes e cambiantes, espalhados na tela pelo magico pincel, nos prostram em uma tão doce languidez, em uma tamanha *nostalgia celeste* ! Quem ha ahi que não siga com o coração doudejante aquella canôa a resvalar como uma sombra pela face lisa do Parahyba, arrebatando a intangivel Yara ás devastações dos Aymorés ? E a transfiguração desse humilde Pery, que por ultimo tem mais de anjo das florestas, personificando o bom genio do Brazil, do que do anthropophago descripto por Hans Stade e Lery ? Em plena selva a phantasia do poeta alonga-se em descrições de uma côr nativa admiravel, aonde, usando de uma phrase sua, encontram-se á farta as acritudes da manga e do cajú ; as paisagens esfusiam-se em um tropicalismo intenso : lembram incontestavelmente Chateaubriand, mas despido desse esmagamento de um espirito assoberbado pelo deserto, desses extasis hystericos que levaram Proudhon a qualificar de *femmelins* todos os escriptores que se prendem a Rousseau. * O sentimento da solidão é quebrado a todo instante pelo perfume das gardenias e pelo esvoaçar dos co-

* « Le moment d'arrêt de la littérature française commence à Rousseau : il est le premier de ces femmelins de l'intelligence en qui, l'idée se troublant, la passion ou la passivité l'emporte sur la raison ». Proudhon, *Influence de l'élément féminin sur la littérature française.*



libris. A immensidade retrae-se para formar um grupo conciso e nitido, aonde o espirito do leitor atém-se a uma visão conereta e viva.

Cecy, acordando do pesadelo que a assombra, collocada no meio daquella solidão, abrigada unicamente pelo braço do selvagem, depois de consolar-se e submeter-se ao destino, anesthesiada pelos carinhos do amigo que a conduz invulneravel e respeitada pelas forças brntaes da natureza bravia, vê-se pela primeira vez só, diante daquelle «silencio que parece fallar,» onde «as sombras se povoam de seres invisiveis e os objectos, na sua immobilidade, como oscillam pelo espaço.» O indio dorme prostrado pelo cansaço no fundo da canôa, e ella, a debilitada entregue á força, não tarda commover-se em face do escravo que se transformára em herôe. «Como os quadros dos grandes pintores que precisam de luz, de um fundo brilhante e de uma moldura simples, para mostrarem a perfeição de seu colorido e a pureza de suas linhas, o selvagem precisava do deserto para revelar-se em todo o esplendor de sua belleza primitiva.» Cae a crosta do goytaez e surge o homem idéal, o amante desanuviado de todos os preconceitos sociaes, forte, dessa fortaleza que só possuem as naturezas virginaes. O filho das mattas, o senhor das florestas transfigura-se aos olhos de Cecy; «as montanhas, as nuvens, as catadupas, os grandes rios, as arvores seculares, servem de throno e de docel a esse monarcha das selvas.» Admira-o e agradece sua abnegação; contempla-o bafejado pela aragem matutina, acariciado pelas aguas do rio que arfam doceamente, pelos leques de palmeiras que se agitam rumorejando. Uma philosophia que não é da terra, uma philosophia celestial faz-lhe entrar na alma uma grande



resignação. Lembra-se ligeiramente da sua vida risonha de outr'ora e uma lagrima pende de seus ciliós e cae sobre a face de Pery. O indio desperta; e um mundo de novas e desconhecidas sensações começa para ella nesta doce intimidade. O seu enleio cresce á proporção que o indio exprime-se em sua pittoresca linguagem. Ella « é como a rolinha, quando atravessa o campo, sente-se fatigada e descança sobre a aza de um companheiro que é mais forte; » elle é quem « guarda seu ninho enquanto dorme, quem vae buscar o alimento, quem a defende, quem a protege. » Estas comparações a sobresaltam a principio, mas não obstam a que as duas almas se confundam, que os olhos de Pery brilhem de mais, que elle se repute seu escravo... seu irmão. Cecilia por fim, esquecida de tudo, familiarisada com a selva, que graças a Pery converte-se no verdadeiro *boudoir* de uma sultana para satisfazer os seus menores desejos, adormece num berço de flôres acalentada pelos sonoros ruidos que se diffundem pelos arredores. Pery, porém, presente a convulsão dos elementos em roda, vê o Parahyba erguer-se nas ferocidades de uma inundação, e prepara-se para disputar sua *senhora* ás garras do cataclysmo. A menina é deposta na canôa e o indio vóa adiante da procella; não tarda a ser colhido pelo perigo, e tremulo, com a innocente creatura adormecida nos braços, acouta-se no olho de uma palmeira. A torrente, entretanto, recrudesce com todos os horrores dos phenomenos desta ordem; as aguas a pouco e pouco sobem ameaçando o abrigo; chega o momento critico; o indio é um herôe, desce, mergulha, e, realisando uma obra de Hercules, consegue desarraigá-la palmeira. No meio da immensidade das aguas boia o improvisado esquite « como uma ilha de verdura, ba-

nhando-se na corrente.» Pela primeira vez o valoroso selvagem desespera por não poder poupar á sua senhora um momento de terror; mas, ainda assim, elle, que vencera o tigre, que vencera os homens, que vencera o veneno, crê vener os elementos, e, perdido na solidão tumultuosa do rio, pensa em salvar-a numa dobra do horisonte. A palmeira deriva arrastada pela torrente para sumir-se no infinito dos mares, e os dois amigos, embebendo suas almas em um sentimento de ternura infinda, coróam o romance com as tintas mais delicadas e graeis de que se serviu a inspiração de José de Alencar.

O halito ardente de Pery bafejou-lhe a face. Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e limpidos sorrisos: os labios abriram como azas purpureas de um beijo soltando o vôo.

A saudade, que deixa na alma este final vago e vaporoso, desculpa bem as violencias commettidas por essa musa feminil contra os documentos da vida real.



III

ACÇÃO E REACÇÃO

1856 — 65

Apezar de ter sido fraca a acção do meio sobre o artista, não deixou de produzir seus effeitos, desviando-o por momentos da sua linha impulsiva. Começou em 1856 para José de Alencar um periodo, em que se pôde dizer que o publico mais ou menos directamente determinou os productos do seu estro. Este facto explica-se pela vida de jornalista, que o absorvia de dois annos áquella parte. Em contacto quotidiano com os homens politicos, impellido incessantemente para as questões sociaes, não lhe foi possivel recusar-se á polemica e á luta; o espirito das discussões cedo empolgou a alma vaidosa do poeta, e o attrito do mundo não tardou em chamal-o para fóra dos perfumes e cambiantes entre os



quaes vivia. Não lhe faltavam estímulos; mas, como nem sempre o publico satisfaz-se com a *pose* que mais nos quadra, na vida de continua exhibição a que o jornalismo o obrigava, reconheceu José de Alencar a necessidade de manter o favor das turbas, e procurou o theatro, que nesse tempo parecia agitar-se ao sopro das esperanças de algumas peças nacionaes. Não foi, portanto, a indole de poeta, nem a musa do *Guarany*, que o levou a semelhante commettimento; foi simplesmente a vangloria do polemista, cheio dos movimentos do dia e das opposições de escola, quasi que poderia dizer o articulista sobre *a constituinte perante a historia*, *avido de victorias e desejoso de mostrar a multiplicidade de seu talento. Forçoso era que assim acontecesse, porque essa musa parece ter-se prestado muito contrariada a taes intuitos, desde que em si ella nada encontrava de reaccionaria, desde que tinha horror aos estrangulamentos e á guilhotina litteraria. Contudo José de Alencar entrou no torvelinho, e, embora de emprestimo, empunhou o copo soeialista no festim da moda, para acudir aos reclamos de Dumas filho, Augier e Feuillet, cujos écos estrepitosos faziam esquecer as comedias do desventurado Penna. E foi assim que *La dame aux camélias*, *Question d'argent*, *Le gendre de Mr. Poirier* e outras produções dramaticas tiveram *pendant* nas *Azas de um anjo*, *Credito*, *Expição*, etc. Não se dá, porém, uma passada nesse novo terreno, pereorrido pelo autor da *Iracema*, sem que se reconheça quanto no fundo eram antipathicas á sua indole as audacias dessa escola. A

* Refiro-me aos bellos artigos publicados no *Diario* refutando os escriptos do Sr. Homem de Mello assim intitulos.



propaganda, a satyra, e a revolta contra as instituições de certo não eram os adubos que mais propriamente podiam condimentar a nova obra tentada no theatro. Os elementos substanciaes da nova escola transformavam-se em um dissolvente horrivel na penna de quem escrevera o epilogo do *Guarany*, e á cada pagina vão-se produzir desharmonias immensas em sua alma por via d'essa litteratura ora sceptica, ora unguida, ora revolucionaria, que, tendo começado com o turbilhão sinistro dos personagens demagogicos de Eugenio Sue, depois enfeitados e alimpados pelas mãos delicadas de George Sand, por ultimo, em fórmula de theses, surgia na rampa dos theatros com a attitude do pregador christão, tomando por thema alternadamente phrases do Divino Mestre, de Diderot ou de Voltaire. Não; decididamente essa atmospherá prejudicava-o sobremaneira; nem jamais o modelador das fórmulas divinas da ideal Cecy poderia com desassombro jurar nos altares de Stendhal, cujas opiniões naturalistas já por vezes tinham invadido os arraiaes do romantismo, nem encarar os paradoxos de Balzac, cujo genio rugia á espera só de logica e observação. A autora de *Mau-prat*, dissera: — « a nossa poesia celebra a luta da natureza contra a civilização, a reivindicação dos direitos da animalidade supprimidos pela sociedade »; os desvarios de 93 recommçavam na litteratura, que sabia dos braços unguidos de Chateaubriand para cahir nos do feroz e incoherente Rousseau. Se assim, pois, definiam-se as pretensões dos restauradores do theatro, como seria possivel a José de Alencar ali encontrar inspirações fortes e legitimas? A consequencia foi que as almas de Carolina, Carlota e Cecilia, que persistiam vividas, fulgentes, na imaginação do autor, tiveram de



apparecer coagidas por um meio estranho e artificial, e violentadas pelas *crâneries* da *Valentina*, da *Indiana*, de *Lelia*, do *Jacques* de G. Sand, da *Musidora* de Gautier, da *Fernanda* de Dumas.

A vida de perto, sobre o palco, põe em derrota todos os fulgores de sua phantasia. Desapparece-lhe todo aquelle aprumo, que faz a gloria dos seus primeiros escriptos, e um constrangimento sem nome abafa os brotos de sua luminosa intelligencia.

Que a historia de Mlle. Duplessis, a historia ingenua de uma grande dôr, narrada sem mais atavios e sem intenções occultas, lhe fosse um caminho seguro, não ha que duvidar; mas o passo não ficou nessa peccadora sublime, e elle, pretendendo seguir as heroínas loucas, *crânes*, dos romances pertencentes áquelle periodo declamatorio, pojou na região do absurdo. As taboas do scenario tiveram de ceder, desconjuntando-se sob seus mal seguros pés, e dessa temeridade resultou que em lugar da verberação dos vicios ou do desbarato das instituições profligadas, encontra-se ou a apologia de um character ao som da lyra de Apollo, ou a incongruencia de uma alma construida de pedaços heterogeneos.

No prologo da primeira edição do *Verso e reverso* * lê-se que uma noite, porque elle vira alguém no theatro Gymnasio assistindo á representação de uma comedia livre, « veio-lhe o desejo de fazer essa pessoa sorrir sem obrigar-a a corar », e successivamente compoz aquella peça, que de certo não deixa de ser um prolongamento do estado dithyrambico em que o deixára o abalo provocado pela diva. *O Verso e reverso* não

* Representado pela primeira vez no Gymnasio em 23 de Outubro de 1857.



passa de um quadro risonho, e como destacado ainda das mesmas impressões, que lhe haviam ditado os folhetins *Ao correr da penna*; é a censura innocente dos costumes, um painel gracioso da vida fluminense, contrastando com as idéas de um provinciano recém-chegado, cheio de preconceitos. O espirito corre livremente, ladeado por uns toques ligeiros de malícia; através de uns namoricos de primos muitas scenas são tomadas do natural, mas tudo treseala o aroma dos jasmineiros das margens do Paquequer e da chacara em que o autor habitava em S. Christovão. Patenteado o portico, entretanto, José de Alencar não duvidou em transpor os penetraes, e de corpo inteiro precipitou-se em um mundo novo de creações abstrusas, que o estava a namorar. Si, por exemplo, se tomar Carolina, nas *Azas de um anjo*,* onde em má hora o autor se propoz discutir a rehabilitação da mulher, castigando a injustiça da sociedade, que a cada passo tolhe o regresso da perdida ao campo da virtude, percorrer-se-á todos os cinco actos da comedia sem achar sinão as contradicções e incongruencias de um character falho. O poeta esforça-se por dar vida á idéa, que pretende encarnar na sua heroina; mas todo o esforço é baldado, porque aspeças desatam-se, afrouxam-se as molas, e o manequim cæe por terra sem vida, mostrando todo o artificio, que o sustentava de pé. A infeliz, por mais que seja torturada, não perde o parentesco das Cecílias, que constituem a verdadeira affeição do dramaturgo; o que ha de repulsivo no typo dessa peccadora mostra-se como exercescência enorme, transformando-se assim o objectivo do artista numa superfetação, que mal

* Representada pela primelra vez no mesmo theatro em Junho de 1853.



assenta no vulto sympathico, que antecede a seus intuitos. Repugna aceitar a naturalidade desses actos abjectos, que são attribuidos a Carolina. A degradação nunca advém a uma mulher em semelhantes circumstancias sinão por uma progressão lógica, lenta e laboriosa, e da qual raro emerge-se sem ser por uma reconstituição na mesma ordem, a menos que se não recuse a lei reconhecida pelos homens da sciencia : *natura non facit saltus*. A arte neste caso, portanto, tornou-se-lhe ingrata ; fez estalar a materia prima ; procurando subordinal-a, e em lugar da verdade, da pintura real de um estado psychico, ella nos exhibe um desconhecido aleijão. Os cinco actos da peça nada provam, nada explicam ; as falas postas na boca de Carolina ou de Luiz não são humanas, nem sequer saem convictas do coração de quem ousou traçal-as no papel ; são declamações, ou tiradas emphaticas, dissonantes da alma dos modelos, que todo artista, observador ou não, guarda no fundo, bem no fundo, do seu *atelier*. E' o que ha de confessar quem quer que leia trechos como este :

CAROLINA.—Amor ?

ARAUJO.—Amor do dinheiro.

CAROLINA.—Mas seriamente os senhores não me comprehendem. Não sabem que para uma mulher não ha ouro que valha o prazer de humilhar um homem.

MENEZES.—Tanto odio nos tens ?

CAROLINA.—Muito !...

ARAUJO.—Comtudo não posso crêr que aquellas que, durante toda sua existencia correm atraz do dinheiro, façam delle tão pouco caso.

CAROLINA.—Pois creia ; todas essas minhas joias, todo esse luxo e riqueza que me fascinaram e que hoje possuo, não os estimo sinão por uma razão.

ARAUJO.— Qual ?



CAROLINA. — Talvez possam realizar um sonho de minha vida.

ARAUJO. — E que sonho é este ?

CAROLINA. — Não digo.

ARAUJO. — Porque ?

CAROLINA. — Vae zombar de mim.

ARAUJO. — Não tenha receio.

MENEZES. — Para zombar começariamos tarde.

CAROLINA. — E que zombe, não faz mal. Toda creatina boa tem o seu fraco; assim toda mulher, por mais desgraçada que seja, conserva sempre um cantinho puro onde se esconde sua alma.

MENEZES. — Estás bem certa de que tens uma alma, Carolina ?

CAROLINA. — Talvez me engane; é possível. Mas eu guardo-a com muito cuidado.

ARAUJO. — Aonde, nalguma caixinha ?

CAROLINA. — Justamente ! Numa caixinha de charão... Vae vêr, Helena; está no meu guarda-vestidos.

MENEZES. — E debaixo de chave ! E' prudente ?

CAROLINA. — No meio de todas as minhas extravagancias, de todos os meus prazeres, eu sentia uma pequena parte de mim mesma que nunca ficava satisfeita; chamei a isto minha alma, tive pena della, fechei-a dentro dessa caixa, e disse-lhe que esperasse até um dia em que seria feliz. (*Helena volta com a caixa.*)

ARAUJO. — Ah ! é esta ?

MENEZES. — E de que maneira pretendes dar-lhe a felicidade ?

CAROLINA. — Não sei; mas como o dinheiro é tudo, fiz uma cousa: dividi o que eu tinha e o que viesse a ter com a minha alma. Voltava de uma ceia onde me tinha divertido muito; mettia dentro desta caixa todo o dinheiro que possuia, para que um dia o espirito tivesse um igual divertimento. As minhas joias, depois de usadas uma vez, se escondiam aqui dentro; enfim a cada prazer que eu gozava, correspondia uma esperança que guardava.

MENEZES. — E quanto valerá hoje tua alma ?

CAROLINA. — Não sei; o que entra aqui é sagrado, não lhe toco, não lhe olho, tenho medo da tentação. Só abro esta caixa á noite, quando me deito.

MENEZES. — Pois deixa dar-te um conselho: põe tua alma a juro

no banco e esquece-te della. Ha de servir-te na velhice. Ou então diverte-te.

CAROLINA. — Não ; vou dal-a.

ARAÚJO. — A quem ?

CAROLINA. — A um homem que me não ama : e por causa do qual jurei que havia de vêr todos os homens a meus pés, para vingar-me nelles do desprezo de um. E sabem se cumpri meu juramento. *

Estas palavras ou são de uma farsante, que estuda os seus papeis para exhibi-los em publico correctamente, ou não passam de uma monstruosidade impossivel, porque ainda está para ser observado um caracter brando como o de Carolina, com energias satanicas ao mesmo tempo para conceber e realizar a idéa de degradar-se theoricamente, com o fim unico de vingar-se do homem que não a ama. Nos aditos d'alma humana as molas e as engrenagens movem-se por um modo muitissimo diverso. José de Alencar não procurou, nem podia procurar a explicação desses segredos ; e, collocado entre o ideal e o real, ficou muito longe de attingir a furia desarrazoada, mas eloquente, dos propagandistas e iconoclastas, que o desviavam do seu caminho.

Não menos emphaticas são as phrases que a sociedade fulmina pela boca de Luiz, o homem por quem Carolina faz todos estes esforços de acrobatica psychica, — typo por sua vez impossivel, rebuscado, que no fim da peça sacrifica-se aos preconceitos sociaes, casando-se com a infeliz, e isto não por um movimento de paixão, mas por acto delido e reflectido, como desaggravo á justiça que a sociedade não soube fazer. *Words, words !* como dizia Shakespeare. Palavras e só palavras.

* *Asas de um anjo*, pag. 161 (2ª ed.)



José de Alencar, portanto, fugia a si mesmo; e vê-se que entre a scena primeira e aquelle lacinho de fita perdido, que no final é restituído a Carolina com as *suas azas virgíneas*, devera existir um nexo mais coeso com a verdadeira indole da protagonista.

O desenvolvimento das theses do *Credito* e da *Expição* soffre a mesma critica.

Si passarmos ao *Demonio familiar**, propaganda contra a escravidão, depararemos com igual desacerto. José de Alencar propõe-se ali mostrar os inconvenientes, que chegam á familia com a presença em seu seio de elementos surraterios de dissolução íntima, como é indubitavelmente o escravo. Afastando-se dos processos já empregados em identico fim, longe de enternecer o publico com a evangelica figura de um pae Thomaz, por cujas virtudes e por cuja sorte o talento de Mme. Beecher Stowe conseguiu interessar o mundo inteiro, leva-o apenas ao riso cheio de bonhomia diante dos travessuras de um moleque intelligente. Não resta duvida que esse *diablotin* da rua do Ouvidor, a não passar das garotices aprendidas e macaqueadas do proprio senhor moço, não causaria susto a ninguém; podia-se continuar a tel-o em casa, quando nada, para lustrar as botas. Pedro não é um producto da escravidão; é um producto da familia brasileira; eis o grande engano. Quando muito seria uma reeriminação á relaxação dos nossos costumes, e neste caso tanto o papel assentaria num famulo ou num filho-familia de sentimentos menos elevados, dado a palestras de cozinha e a seducções de eriadãs, como no ardiloso moleque, criado com os

* Comedia representada pela primeira vez no Gymnasio em 3 de Dezembro de 1857.

mesmos vícios e vítima dos mesmos más costumes que o *enfant gaté* da easa. A nota aere escapou-lhe ainda desta vez, e o ferrete da ignominia não attingiu ninguém. Que importa que Pedro, por exemplo, venha trazer uma carta de namoro a sua sinhá moça? Não faz mais do que o que fizeram os Sêapins de todas as épocas. Molière enearnou um vício, que se aeha em todas as sociedades, quér com eseravos, quér sem elles; as suas comedias estão cheias de scenas semelhantes, sem que isto o arregimente no arraial dos inimigos da eondemnada instituição. O moleque é um farçola de força, é um garoto incorrigivel, e profere phrases assim:

— Mas nhandã precisa casar! Com um moço rico como o Sr. Alfredo, que ponha nhandã mesmo no tom, fazendo figurão. Nhandã ha de ter uma casa grande, com jardim na frente, moleque de gesso no telhado; quatro carros na cocheira; duas parcelhas e Pedro, cocheiro de nhandã,... Nhandã fica rica, compra Pedro, manda fazer para elle sobre-casaca á ingleza: bota de canhão até aqui (*marca o joelho*); chapéo de castor; tope de sinhá, tope azul no hombro. E Pedro só, tráz, zás, zás! E moleque da rua dizendo: « Eh! cocheiro de sinhá D. Carlotinha!... » Meio-dia, nhandã vae passear na rua do Ouvidor, no braço do marido. Chapeusinho aqui na nuca; peitinho estufado; tundá arrastando só! Assim, moça bonita! Quebrando debaixo de seda e fazendo xó, xó, xó! Moço, rapaz deputado, tudo na casa do Desmarais de luneta no olho. « Oh! que peixão!... » O outro já: « V. Ex. passa bem. » E aquelle homem que escreve no jornal tomando nota para metter nhandã no folhetim. *

Em que estas petulancias ferem a instituição?

A peça, entretanto, eomo pintura de costumes e scenas de interior, não deixa de enerrar naturalidade,

* *Demonio familiar*, pag. 22 (2.ª ed.)



apezar de muito embellecidas pela imaginação e apañadas sempre pelo lado gracil e sympathico.

A *Mãe* é um outro livro de propaganda, no qual muito menos do que no *Demonio familiar*, o autor consegue accentuar as suas intenções emancipadoras. * Não ha ali siquer uma scena repulsiva e caracteristica da escravidão. Joanna, a escrava, heroína do drama, si prova alguma coisa, é simplesmente que nem o estado servil pôde apagar no coração da mulher o sentimento materno. O papel dessa mulata, occultando-se de Jorge, que pelas circumstancias se tem elevado a uma posição social, a sua qualidade de mãe, operando prodigios de dedicação para poupar-o ao minimo desgosto, fazendo-se vender pelo proprio filho, para com o producto salvar a honra do pae de sua amada, matando-se afinal para que aquelle em ultimo caso não tenha diante de si uma escrava como autora de seus dias: tudo isto incontestavelmente é sublime e muito natural em uma mãe; mas improprio, pouco provavel em gente de cozinha, em gente aviltada, e de todo inverosimil no scenario dos costumes brazileiros. Como argumento, parece até contra-producente; porquanto, si a escravidão produz caracteres como a da mãe de Jorge, tanto apuramento de sensibilidade, tanta nobreza de coração, tanta energia, a escravidão não é essa sentina de vicios e corrupção apregoada por nós os anti-escravocratas. O que resulta dali afinal é que a idéa abolicionista tornou-se, apezar seu, um pretexto para contrastes e situações, que dessem maior relevo á apologia desse sentimento heroico chamado sentimento materno, que tumultuava-lhe na alma de poeta, pedindo uma fórma eloquente.

*Drama representado no Gymnasio em 1860.

Ha factos que podem muito bem ter acontecido, mas que o publico, quando os ouve relatar, estranha por desconhecel-os inteiramente, por julgal-os fóra de toda possibilidade. E no theatro creio ser uma lei impreterivel — nunca expôr circumstancias acerca das quaes os espectadores possam dizer: tal nunca se deu. A Mãe arrisca-se a isto.

Não obstante, as composições dramaticas de José de Alencar revelam conhecimento da scena, e energia no esboçar do perfil de alguns dos personagens. Os typos sérios, como os heróes dos Cinco minutos e da Viúvinha, são cópias do perfil austero do proprio autor. As mulheres, Luiza do *Verso e reverso*, Elisa da Mãe, Carlotinha e Henriqueta do *Demonio familiar*, tem todas o porte, a graça e a suavidade de contornos das suas primeiras heroínas. É pena que José de Alencar não chegasse a fazer brotar e viver no theatro as verdadeiras flôres de sua alma, e que os typos ingenuamente comicos de Azevedo, o blasé, de Vasconcellos, o vellio pinga, de Custodio, o eterno ledor de jornaes, sejã offuscados pelas tiradas desabridas, pelos artigos de fundo de um Menezes-Desgenais, ou pela emphatica corrupção de um Vieiriinha.

Não era a mordacidade o seu elemento, e o ridiculo em suas mãos antes embala do que fere.

Neste ponto a sua natureza irmana-se como gemea á alma chorosa de Lamartine. Conta-se que, tendo um dia um celebre caricaturista pedido ao poeta das *Meditações* o retrato para um album de caricaturas, recusou-o elle peremptoriamente, dizendo que nunca consentiria que a imagem do homem, obra de um Deus omnisciente, fosse deformada pela maldade artistica, na terra. Esse rigor helenico tinha-o José de Alencar em



alta dóse, e por isso levêra o seu theatro ter tomado outra direcção.

O Gymnasio deu-lhe, apezar de tudo, alguns triumphos. Deveu-os elle principalmente ao conhecimento da technica theatral. Seus dramas, si soffrem critica pelo *but manqué*, não assim quanto á disposição das scenas. O *Demonio familiar*, por exemplo, é um specimen de perfeição. *

José de Alencar deu incontestavel realce ao *Diario do Rio*, e a sua passagem pela imprensa diaria ainda hoje se faz lembrar nos traços fulgurantes que deixou. Parece, porém, que o theatro e o jornal foram para elle uma e a mesma cousa,—um desvio da sua verdadeira vocação, uma ponte de lianas, perigosa e frouxa, posta á força entre o *Guarany* e a *Tracema*. E atravessou-a imperterrito e ufano, mostrando o seu equilibrio e flexibilidade, passando pelas vivas emoções que costumam produzir estas exhibições e estes movimentos arriscados. Sustenta lo sempre pelo applauso, chegou ao lado opposto sem um gesto que traísse a sua deslocação: o estylo foi-lhe maromba admiravel! Hoje, que as lianas com a acção do tempo têm-se desprendido, só enxerga o critico o que é solido e real, e tudo quanto momentaneamente o autor obteve por artificios fica de lado, para só attender-se ao que lhe pertencia e dimanava

* Além das peças theatraes actra indicadas, José de Alencar co-ripoz *A noite de S. João*, comedia lyrica em dous actos, que foi posta em musica por Elias Alvares Lobo.



da sua individualidade. Quem quer que se dê ao trabalho de percorrer friamente as notáveis columnas do *Diario* daquelle tempo verá ali a mesma *pose* theatral, que buscou em suas dissertações sobre o paleo o creador das scenas da *Mãe* e das *Asas de um anjo*. Nestes escriptos de certo não se assignala um espirito positivo, verdadeiramente politico; a *verve* do polemista liberal, fascinado pelas idéas, que rutilavam no céo politico do velho continente, amortecia-se a cada passo pela natureza aristocratica, que formava o fundo de sua alma e enlurvava-lhe o estylo, sepultando-o nas alfombras do *boudoir* de Ceey, de Carlota, de Carolina. José de Alencar era apenas um engenhoso impressionista. Não arrastava pela profundeza das idéas; o seu segredo tinha sido conseguir sempre escolher nas discussões um ponto de vista de tal modo artistico, que raro era não surpreender ou deixar de ferir ainda mesmo aquelles para quem o fundo dos seus pensamentos não passaria a final de meros logares communs. Fôrma, tão sómente fôrma!

Jornalistas de incontestavel merecimento já se tinham mostrado nos horizontes da nossa patria. Justiniano José da Rocha, Paranhos, Amaral e Torres Ilomem projectavam as suas sombras de gladiadores muito longe. A muitos parecia que o joven autor do *Guarany* os igualava, se não os excedia; o que não é crível, se confrontarmos as organizações dos primeiros e do ultimo; e só se explica esta miragem pelo facto de que nenhum destes homens, com exceção de Amaral, soubera tirar da fôrma toda influencia magica, que é a força dos talentos como Girardin. Fôra, entretanto, para desejar que a essas titillações da penna do redactor do *Diario* se houvesse reunido um conheci-



mento pratico e real das cousas do paiz, ou então uma dessas intuições que faculta ao espirito penetrar do primeiro golpe na medula dos acontecimentos, que se desenrolam em torno de si. E' de crer que, como a politica não passava para José de Alencar de diletantismo, e as ambições reaes não lhe haviam invadido por ora os ossos, os factos coavam-se todos pelo prisma litterario. A esthesia era o unico diapasão pelo qual aferia elle todas as questões sujeitas a seu criterio. Entregue inteiramente á fuga da imaginação, penetrado da idéa de subjugar o seu circulo de leitores com a contemplação das fórmas e dos effeitos, é claro que a politica em sua influencia não podia ir além das aspirações do moço ardente que queria ser admirado. Os factos politicos em si não deviam ter grande significação, nem os problemas sociaes o impressionariam com a vehemencia, de que são victimas as verdadeiras vocações do apostolado da imprensa. *Frapper le public*: eis a chave de todos os seus esforços nesse periodo, em que sem duvida alguma o Brazil continuava a ser a phantasmagoria brilhante, revelada atravez das scintillações do estylo em mais de uma pagina de seus livros.

Em 1859 José de Alencar exercia o cargo de chefe de secção na secretaria do ministerio dos negocios da justiça, e pouco tempo depois o lugar de consultor do mesmo ministerio. Até aqui não ha desconhecer que todos os canaes se tinham aberto á livre impulsão do seu talento. Em caminho não lhe surgira ainda nenhum desses obices, nenhuma dessas mortificações que, acabrunhando o homem, abaixam o nivel das



faculdades ás vezes até o estálão dos brutos. A imagem pavorosa da *caipora* nunca se lhe apresentára diante dos olhos para bradar-lhe: — Não romperás! Desconhecia inteiramente as provações que os criticos asseguram terem afiado o gume do engenho de Chateaubriand e de Rousseau; ao contrario, grande parte da serenidade de seu espirito, e portanto de seus escriptos, é devida á ausencia da necessidade de «conquistar para si um canto no mundo, oade lhe fosse permittido respirar», e tambem á ausencia dos sentimentos de amargor, das opposições e desconfianças que acompanham e chehem de perplexidades o *struggle for life*. * Elle fôra fadado para as posições; não precisou ganhar a vida, e, saindo dos bancos escolasticos, seu pae, que, na politica e no animo dos maiores vultos do paiz havia plantado a consideração e o respeito, facilmente eercou-o com o prestigio de um nome celebre nos annos do parlamento. Os amigos do deputado da Constituinte tiveram desde logo sorrisos complacentes para o moço, que estreára com tanto talento; a sympathia anonyma desenvolveu-se em torno delle, e, a não fallar no silencio da imprensa, que fingiu desperceber os primeiros passos do joven litterato, não ha a referir sinão afagos e blandicias. Estas circumstancias avigoraram-lhe poderosamente as aspirações, e nellas está a origem por certo desse sentimento de bem estar, já denunciado no *Guarany*, que revela o homem satisfeito consigo mesmo.

Um dia elle fartou-se das emoções do jornalismo. Attrahido pelas tendencias mais firmes de seu temperamento, pensou ercar-se um remanso, aonde mais em

* Palavras de Leves a respeito de Goethe. *Life of Goethe*, vol. I, pag. 15.



reposou pudesse alar-se de novo ás regiões prismaticas do amor. Entretanto surgiu em seu caeaeter uma a'tivez por vezes rude, da qual rapido declinou para uma imperterrita segurança, ou para um exagerado sentimento da propria sufficiencia. Podia registrar queixas de muitos que lhe soffreram as asperezas, s' não es effeitos inconscientes das suas preoccupações. Mas isto pouco interessaria ao meu objectivo, e basta declarar que o fundo amovel de sua alma nem sempre se mostrou na vida com a mesma intensidade que nas obras. O movimento de seu tempo de rapaz foi muito e muito artificial. A casaca, a luva, e a curva do galanteio com cedo foram abandonadas; e o solitario da bibliotheca de S. Bento, em Olinda, reconquistou os habitos antigos. A obra a desenvolver-se-lhe no cerebro e o vaeuo a abrir-se a pouco e pouco em torno de-si. * Em tudo isto, porém, nada ha que estranhar. Quem é que aos trinta annos de idade, conselheiro, cercado da consideração de homens como Eusebio, certo de mais a mais da posição que sem rival occupava nas letras, não se teria deixado conduzir por essas veredas do amor proprio? Raro é o homem a quem o successo não consiga modificar. José de Alencar engolfou-se, um pouco fóra de tempo, no bri-

* O tempo em que José de Alencar se mostrou mais expansivo foi o da redação do *Diario do Rio*. Elle, que nunca soube fazer troça, que não lia o que escrevia em circulo de amigos, que não privava com sociedades litterarias de qualidade alguma, não obstante all por vezes amenizou o ruído da vida da imprensa com a complacencia dos que o cercavam. Ouí a um de seus mais estínavels compauheiros, que os ultimos capitulos dos *Cinco minutos* foram compostos sob a influencia de uma discussão, em que entrava um medico, na qual buscaram demonstrar-lhe a impossibilidade da cura de Carolina, que apezar de tudo o autor, escutando unicamente seu capricho deu por prompta no golfo de Ischia.



lho da sua estrella, que se alevantava. Sua indole, já de si orgulhosa, rebucada nos caprichos de artista, em excentricidades de *enfant gaté*, elhegon até a crear-lhe na propria intimidade uma fama de grosseiro, que de certo não merecia.

Infelizmente os frouxeis da cadeira de consultor do ministerio da justiça não foram remanso de poeta. A continua contemplanção da engrenagem da machina governamental e o contacto de ambiciosos vulgares provavelmente encandearam-lhe a vista; a visão aos boeados foi-se pervertendo, dando por ultimo como resultado ferir-lhe a estatura comezinhã de muita gente, que ostentava as pennas de pavão nos logares mais elevados. O confronto irritou-o; o desdem furtivo de uns acelerou-lhe o sangue, a indiferença de outros lançou-lhe n'alma golfadas de uma crua indig ação. Si por um lado fez-lhe mal essa insoffrida emulação, por outro obrigou-o a applicar-se ao estudo de questões juridicas, e encher a pasta de consultas de pareceres, que, pelo menos devido á fôrma, conquistaram-lhe uma reputação entre os diseipulos de Paulo e Triboniano. Não parou ahi. José de Alencar vinha das regiões da poesia e das artes, cousas frivolas para muita gente; e o mundo, aonde agora tentava, ou antes aonde era estimulado a tornar valido seu talento, esse mundo, não direi de positivismo, mas de *positividades*, de que a triea tomou conta em todos os tempos, esse mundo emfim que vive mais occupado de si do que de outra cousa: esse mundo ehato sorria sorrateiro, e semelhante sorriso o incommodava extraordinariamente. Os homens pratieos dominavam a scena, como era bem natural; e isto pareceu-lhe revoltante, estúpido, abusivo. Tudo queria apenas dizer que o sentimento do poder afinal o empolgava; e,



quando menos cuidou, o autor do *Guarany*, esquecido dos idyllios, dos threnos, enveredava pelas invias encostas da politica.

Disse elle algures que o homem politico foi o *unico homem novo*, que se formou em sua virilidade. * Acredito que com este novo homem appareceram qualidades, que tiveram adiante de alterar-lhe o character litterario. Nessa época seguramente a sua vaidade passou pelas primeiras provações. Correm mesmo por ali uns versos vigorosos, cheios de indignação, que transpiram todo o fel, que politicos ou não politicos der-

* Alludo a algumas tiras de papel, em que José de Alencar deixou esboçado um dos capitulos de sua auto-biographia, cuja leitura, só depois de chegado o trabalho a este ponto, foi-me franqueada por sua viuva. Tem por titulo este capitulo, em fórma de carta a um amigo:—*Como e porque fui romancista?* Em rapidos traços o autor ahí descreve os seus primeiros estudos, as suas emula ões na escola, as suas leituras predilectas dos tempos de academico, em nada discordantes do que ouvira a elle proprio. Fala nos profundos traços que lhe sulcaram, no espirito de menino *Amanda e Oscar, Saint-Clair das Ilhas* e outros romances do antigo repertorio; torna saliente a impressão que lhe causou em S. Paulo a fama grangeada ao Dr. Macedo pela *Moreninha*, dando por fim noticia do primeiro romance que compuzera, romance de grande movimento maritimo, intitulado *o Contrabandista*, calcado sobre o *Piloto* de Cooper, que uns seus companheiros de quarto queimaram, accendendo cigarros e charutos. Essa obra, segundo affirma, com ser da sua puericia, não desmentiria das outras, si, depois de corrigida, fosse publicada. No mais nada accrescenta sobre os segredos de sua vida.

Antes de findar esta nota, cabe-me oppôr uma duvida relativamente a uma das notas anteriores. Disse eu que *A alma de Lazaro e O ermitão da Gloria* eram fructos dos lazeres academicos. Pois acontece, que, referindo-se ao *Contrabandista*, José de Alencar não allude sequer a estas duas composições. Houve esquecimento do autor quando escrevia aquellas tiras? Creio que sim, porque estou bem lembrado de: ouvi-o desculpar-se das fraquezas dos ellados livros, que eram restos da sua bagagem academica, por signal até que Lazaro fora um personagem seu conhecido em Olinda, quando allí estudava o terceiro anno, cuja vida observara, muito e muito Impressionado pelas ruínas do convento do Carmo.



ramaram-lhe na alma. * Semelhantes versos revelam a existencia de decepções, que um moço de talento e já festejado não tolera sem protesto. Além disto, accrescia que do menino havia um qualquer espinho, que de vez em quando aumviava-lhe o semblante; uma preocupação talvez pueril, mas que nem por ser pueril deixou de travar-lhe a boca, e que, nesses instantes de desalento, abria-se-lhe em chaga dolorosa. Vio então quamanha era a sua illusão, e que a sociedade circumvisinha exigia muito mais do que talento. Sentio a necessidade de alguma cousa mais do que o rodapé dos jornaes, de um scenario maior, ou antes aonde fosse mais visivel para certos espectadores, que o interessavam e mostravam-se indifferentes.

* Estes versos não tem titulo; nem tem dedicatória; são os seguintes:

Ainda és bella! No teu labio rubro
Desfolha amor lubrico sorriso.
Dos grandes olhos negros que fascenam
Promettes n'um volver o paralzo.

Mas qu'importa! P'ra mim és uma estatua,
Legenda triste de infeliz passado.
Ou a sombra erradia de minha alma,
Extincta por um dia haver-te amado.

Póde a teus pés curvar-se o mundo Int-iro,
Podem render-te os homens vassallagem,
Que en cont-emplo d' longe sobranceiro,
Da mulher que en amel a f. la Imagem.

Talvez que um dia, quando não restarem,
Nem vestígios daquelle santo amor,
En venha, como os outros, já sem lágrimas,
Revelar-te o mysterio dessa dor.

Assim de longes terras peregrino,
Si volta á doce patria que o perdera,
Ajoelha ante a lousa de seus paes
Nas ruínas da casa em que nascera.

1839



E' uma verdade hoje reconhecida que sem politica nada se consegue neste paiz, onde tudo é grande menos o homem. José de Alencar convenceu-se disto. Não podendo ser diplomata como Magalhães e Porto-Alegre, pois repugnava-lhe emigrar, lançou-se desassombrado na politica. A consequencia disto foi emmudeecerem as musas por algum tempo. * A tarantula cresceu, cresceu, estendeu-se por fim em uma candidatura á assombléa geral. Em principios de 1860 embareou para a provincia natal, e ali afundiu-se nos aborrecimentos de um pleito eleitoral. Ainda em 1867, estando eu de férias na cidade da Fortaleza, mostraram-me na casa onde hospedou-se o illustre candidato, o lugar, em que elle passara dias inteiros amuado, sem dizer palavra, entregue todo á ruminação das contrariedades que curtia. Não obstante, revendo os campos nativos, em que outr'ora retouçara sua imaginação infantil, reviveram para elle esses carnaúbaes povoados pela aligera orchestra dos corruptions, *esses mares bravios* das costas do Moeoripe, aonde balouçavam-se os conductores do progresso. O arrebol, rompendo pelo viso das serranias, e o canto dos vaqueiros ao longe, saudoso, repassado de ternura, vieram desperta-lo desse pesadelo. Rapido atirou-se atravez dos taboleiros risonhos, resecentes do aroma convidativo da mangaba e do murecy, e foi deseancar á sombra dos nascentes arvoredos em flôr.

Póde ser preconceito meu, mas creio que poucas cousas existem comparaveis ás faceirices caboclas de minha terra. Nada mais voluptuoso do que as sestas

* Entre *Mãe e Luciola* medelam tres annos.



passadas ao outão das casas dos engenhos, ao som da voz de uma morena de olhos luzidios, de tranças clieirosas á baunilha, de seios tumidos, que, acompanhando a vagarosa junta de bois, descanta os seus olhos amorosos. Que ha ali que rivalise com o despertar da risonha natureza equatorial? com as brisas balsamicas, que sopram de continuo pelos valles? com os effluvios originaes que se desprendem do ehaõ; mal o molham os primeiros choviscos de outubro? E o transparente, o diaphano da luz do sol? a nitidez da atmospherã? e o ar que nos banha as faces e entumesce os pulmões, visitando-os com uma vida nova? o ar sadio e jucundo que dá timbre aos passaros, robustece o grito do animal silvestre, e concede ao ruido das aguas uma repercussão melodica, particular, que não se encontra em toda parte? O clima das vargens da Mecejana, berço natalicio de José de Alencar, produziu-lhe no animo um abalo singular. O prologo da primeira edição da *Iracema* está profundamente impregnado do sentimento, que os tableiros e os carnaúbaes lhe despertaram. * E assim foi hom; porque o espirito do autor de paginas tão genuinamente cearenses andava erradio e perdido da sua verdadeira orientação. A viagem ao Ceará serviu-lhe para isto. Satisfez-lhe a vaidade e reconciliou-o com os sonhos arabicos, de que ha tanto revoara. Regressando ao Rio de Janeiro com o diploma de deputado, seus impetos politicos cedo encontraram um sedativo na deficiencia do orgão da palavra. Não ha ambições, por mais intensas que sejam em um moço, que, no seio de um parlamento, resistam ao silencio e a um olhar languido para a tribuna, dentro da qual fulguram os talentos da

* *Iracema*, pags. 9 e 10 (3.ª ed.)



palavra. José de Alencar pensaria no nome de um Sheridan; lembrava-se talvez de um successo igual ao do dramaturgo e orador inglez, que, ao lado de Pitt, fez abysmar com sua facundia uma assembléa enorme; mas a natureza não lhe proporcionara, ou pelo menos parecia não lhe haver proporcionado, os recursos que fazem transluzir no verbo a imaginação do romancista. A tribuna não se lhe constituiu nas sessões de 1860 a 1863 rota franca por onde conduzisse o carro dos seus triumphos. Não quer isto dizer tambem que de todo cimmudesse; que mesmo soffresse em sua estréa, como d'Israeli, a reprovação dos companheiros, e fosse preciso intimar aos adversarios um prazo para que o ouvissem bem ou mal. Não: apenas a sua eloquencia não era espontanea e tumultuosa; elle tinha defeitos a corrigir e difficuldades materiaes a vencer. Comprehendeu isto, e retraiu-se; de sorte que naquelle tempo o obscuro deputado estava bem longe de mostrar a toga do orador, que o tempo e o esforço converteriam no ministro de 16 de Julho, no competitor de Zacharias e de Silveira Martins. Em compensação o seu talento recalcou-se nas obras litterarias, e em breve deu á publicidade *Luciola*, *Diva*, *Minas de prata* e *Iracema*.

O autor, descansado de certas lides, remonta-se á Tijuca, e ali em uma especie de *Tibur* horaciana procura uma beata tranquillidade para compor seus ultimos livros. Estas obras não trazem mais o calor e virgindade das primeiras, despreoccupadas, espontaneas; indicam, porem, grandes progressos no artista, sem perderem a alma da poesia revelada no epilogo do *Guarany*. Encontram-se nellas duas linhas ascendentes bem distinctas, que se tornam symptomaticas de algum divorcio futuro. As *Minas de prata* são incontestavelmente a



propagação do mesmo suave sentimento, que gerou o *Guarany*; *Diva* e *Luciola* traem a existencia de um verme corrosivo, que em sua alma se introduzira, primeiro por emulação de escolas, depois por vaidade e desejo de armar ao publico, e no fim por terem-lhe acirrado o temperamento. *Luciola* e *Diva* são, pois, prolongamentos dos furores do jornalista, e provavelmente residuos da pasta mixta, aonde haviam sido escriptos os dramas representados no Gymnasio e os artigos politicos e sociaes do *Diario*. Mas, em todo caso, o centro de suas composições continúa a ser a mulher, *Yara*, e o gracie a vida de seus livros.

Um dia o doutor Lafayette rompeu com José de Alencar, em consequencia de rivalidades forenses, por uma questão de *lana caprina*, em que muitas vezes os homens de espirito se aprazem dar espectaculo de suas pessoas. Pretendeu negar-lhe talento, e, do meio da troça dos Pegas, Cujacios, Lobões e Mellos Freires, só com o fim de transtorna-lo, disse que *Luciola* e *Diva* não passavam de uns monstrenços moraes. O ex-ministro da justiça, apezar de seus modos acanhados, segundo dizem, tem velleidades litterarias; cultiva a alta latinidade e cita com exactidão epigraphes poeticas. Talvez isto mais do que a raiva do polemista juridico concorresse para a injustiça com que tratou o romaneista brasileiro, considerando os seus trabalhos litterarios como um *frutras* (sic) inintelligivel. Em que pese, porém, aos idolatras, elle teve sua razão enquanto aos *monstrenços* alludidos. *Luciola* e *Diva* são pelo menos creaturas indefiniveis; são as mulheres caprichosas dos seus primeiros romances, com as eruas



superfetações de caracteres extraordinarios, tiradas dos livros de Octave Feuillet. Esta associação, mais hybrica ainda do que a da Carolina das *Azas de um anjo*, com vivissimo desprazer me obriga a palpar a primitiva natureza dessas pobres moças, que palpitam por traz de uma crosta que as esmaga. E' o caso de affirmar-se que ellas *hurlent de se trouver ensemble!* A magia do estylo de José de Alencar chegará para muita gente a encobir tamanho crime: mas observe-se o facto com um pouco mais de attenção do que a vulgar, e ter-se-ha surprehendido o romancista em flagrante delicto de incoherencia.

Via quem veja em *Luciola* uma simples imitação da *Dama das Camélias*. Vae nisto um grande engano. Nas exterioridades, com effeito, pôde-se encontrar qualquer cousa que dê a suspeitar a relação de cópia para modelo. Mas, logo que se analyse o fundo do character de ambas as mulheres, surgirá clara a divergencia. Margarida é uma amorosa ardente, que, por circumstancias naturaes, prostitue-se, e por suave gradação regressa ao paiz de onde emigrara, só pela influencia reflexa da passividade do miserando Duval. Lucia é feroz, idiosyncrastica: a prostituição nessa mulher é um desespero inexplicavel, que a todo instante contrasta com a alma poetica do typo ideal, que o autor tem diante dos olhos. Lucia é quasi nymphomaniaca. Tratada essa aberração physiologica á maneira por que Bellot tratou-a depois na *Mulher de fogo*, não a recusaria: mas, longe disto, o autor da *Tracema*, dando corda ao seu genio fantasioso, apresenta um retrato exdruxulo, sinão uma dessas extravagancias a Edgar Poe, em que a razão cambaleia de braço dado com a imaginação do nevrotico. A dualidade de Lucia, pois, no campo dos actos consciences da alma normal, é inadmissivel.



Quando Paulo vai á sua casa a primeira vez no intuito lubrico de desfructal-a, e, tomado de aneias febris, aperta-a ao peito, seus labios, « eneontrando naturalmente o collo da peeeadora, se embebem sequiosos na eovinha que formavam naseendo os dois seios modestamente oeeultos pela cambraia »; Lucia cobre-se de rubor, torna-se livida depois, e ehora com uma afflicção que chega a fazer aereditar em um ludibrio. Em seguida o moço, irritado, suppondo-se victima de uma comedia, lança-lhe em rosto essa perfidia: as suas palavras produzem reaeção. Os amaneirados da gata transmudam-se de subito; surge a perda em todo seu fulgor de baehante, louea, e diante delle abre-se «um abysmo de sensualidades nas azas transparentes da narina, que tremiam com o anhelito do suspiro eurto e sibilante. »

A' suave fixidez do gesto meigo succedeu a vehemencia e a energia dos movimentos. O talhe perdera a ligeira flexão que de ordinario o curvava, como uma haste delicada ao sopro das auras; e agora arqueava, enfunando a rija carnação de um collo soberbo e traindo as ondulações felinas num espreguiçamento voluptuoso. A's vezes um tremor espasmodico percorria-lhe todo o corpo....

Não revela acaso este trecho um organismo perverso? A scena, portanto, a que o autor se refere, exclue a anterior. Todos sabem que o pudor é a resultante de um justo equilibrio das praticas estabelecidas com o estado sadio da pessoa. " Ou o eynismo de Lucia

* *Luciola*, pag. 37 (3.ª e l.)

" « Como todos os sentimentos delicados, o pudor é um ornato moral, que o homem adquire lentamente. Assim, no seu estado actual ainda vem-o eclipsar-se, quando sobrevem alguma molestia, etc. E' um sentimento particularmente feminino, suscitado sem duvida na mulher pelo estado da gravidez ou da menstruação. » Letourneau, *La Sociologie*, pag. 50.

ou a sua pudicicia não têm razão de ser. Apaixouada uma vez por Paulo, o romance segue cheio de iguaes intermitteneias. A orgia romana em casa do Sá põe completamente em relevo aquella asserção. E' para ver-se o «orgulho satânico» com que de repente, no acume da festa, ella ergue a cabeça, empunha a garrafa de champagne e faz deseer pela garganta todo o liquido ahi contido; o desgarre com que salta para cima da mesa e aranea as vestes, como a Phryné da antiguidade, não, para absolver-se perante o Arcopago na contemplação das formas divinaes, mas para sensualizar cerebros entorpecidos pelo vicio, debochados, gastos pelo gozo bestial, para emfim pisar, despeitada, tudo que a mulher pôde conter em si de repugnaneias, quando em frente do outro sexo. Entretanto, é esta mesma mulher, a quem a companheira mais rafada esearnece clamando «que nem tão baixo desceria»; é esta mulher, que dali a minutos vae com o amante trançar um idyllio de innocencia sob as arvores do jardim, nada deixando a desejar á pastoral de Saint Pierre. Possui-o emfim a peccadora, e revive a creatura angelica que habitava o corpo daquella besta-fera apocalyptica; e é assim que, correndo os tempos, vamos encontra-la em um remanso poetico, lendo a Biblia, que passa a ser o seu «livro favorito», e a educar-se nos mais sãos principios da moral christã. Não tardam os accessos, que a despenham nos furores bacchicos da noite romana em casa do Sá; do mesmo modo por que vem, voltam os arrufos dos namorados, predominando sempre a phase da innocencia; por ultimo a cura impossivel opera-se sorrateira; eis no fim do livro Paulo e Lucia a lerem juntos *Paulo e Virgina* e a historia commovente da infeliz *Atala*, na communicabilidade de Adão e Eva antes do peccado.



Esta transformação surpreheende a todos, e contra ella protestam todas as leis physiologicas. A Lucia das derradeiras paginas do romance, andando nessa tranquillidade de coração, que o autor apraz-se em descrever, apezar da innovação do sentimento de maternidade, nada tem de commum com a Lucia dos primeiros capitulos da obra.

Diva é a irmã gemca de *Luciola*. Os furores eroticos de uma são os pudicos da outra. No fundo o mesmo *tour de force*; mudança apenas de situações. Emilia cujo perfil gracioso José de Alencar procura accentuar, era, quando menina, «muito feia», «um monstriinho», ainda que como «um colibri implume», esgalgada e magra; chamavam-na «esguicho de gente». * Tinha ferocidades horribéis, e chegava a maltratar o medico amigo, lançando-o até fora de casa, porque, auscultando-a em um caso de molestia, ousara encostar o ouvido ao seio nubil. Nas reuniões tomava a attitude de corça arisca; embirrava com um moço que a distinguia, guerreando-o com continuas alfinetadas, ora, negando-lhe acintemente uma quadrilha para dar o braço a outro, ora obrigando-o a humilhações medonhas, entornando chicharas sobre os vestidos, fazendo-o pisar os folhos da saia. Que diabo de genio o dessa rapariga? Entretanto, da pudicicia activa, que «mantinha os seus adoradores em respeitosa distancia», da «regia altivez e casta aureola em que ella resplandecia», revestindo-se de «certa magestade olympia que fulminava», ** quando menos se pensa vae-se vê-la humilde, chã, modificada. E porque? Um dos seus adoradores revoltara-se e ag-

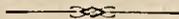
* *Diva*, pag. 9. (3ª ed.).

** Obr. cit., pag. 32.



gredira-a, castigando-a brutalmente no braço, que se erguera para repelli-lo. De outra vez lembrando-se ella de esbofeteal-o, o apaixonado trava-lhe dos pulsos, e, sem respeito ao sexo, prostra-a aos pés eomo uma escrava. E' só assim que Emilia pôde amar; mas no emtanto eil-a, por fim, de humilde transformada em romantica eomo qualquer Heloisa de melodrama. No incio de tudo isto apparecem-lhe caprichos de um pudor negativo e ineenecbível. Apesar da edueação restricta que tivera, atreve-se a andar sosinha pelas eneostas do Rio Comprido, disfarça-se em eaçador para encontrar-se com o namorado, e não recua diante da idéa de fiar no ermo com um moço ardente, irritado, e que já a offendera. Esta moça, sem juizo, leva a faeilidade até ao ponto de metter-se em casa de um rapaz solteiro; e, para que nada lhe falte do inecomprehensível caraefer de Lucia, soffre espasmos diabolicos; pois não sei que nome tenha o estado em que se deixa cair essa menina, quando, ao atravessar um dia com o Almeida um cercado, depois de te-lo vendado eom um lenço para ajudal-a a passar, injuria-o eomo uma louca, só porque o miserô procura ampara-la em uma queda provavel.

Eis, pois, confirmada a asserção do Dr. Lafayette. Luciola e Diva são uns monstregos. Comtudo, José de Alenear não eonebeu mulheres ruins, peiores do que os homens. Nunca elle soube de que estofo fez Cornille as Rodogunas e Cleopatras e Shakespeare lady Macbeth.



The first part of the document is a list of names and titles, including the names of the authors and the titles of their works. The text is written in a cursive hand and is somewhat faded. The list includes names such as "John Smith" and "Mary Jones" and titles such as "The History of the City of London" and "The Life of King Charles the First".



IV

O MESMO ASSUMPTO

1856—65

As minas de prata * foram a obra de mais tomo composta por José de Alencar, e em que, segundo parece, derramou maior amor paterno. Delineada e executada sob os auspícios de tal ou qual tranquilidade de espirito, nota-se na sua composição esforço visível e intuitos de artista. Accontece que não são os nossos filhos queridos os que mais nos assemelham. O *Guarany* é mais das entranhas do poeta. *As minas de prata* obedecem a uma educação mais artistica, e não têm

* Os primeiros volumes deste romance saíram em 1852, na *Bibliotheca Brasileira*, empresa dirigida por Quintino Bocayuva, a qual, como todas as tentativas deste genero entre nós, não conseguiu vingar.



o perfume da flôr, embora como fructo pareçam perfeitamente sazonada; é assim que sente-se o alvo muito visado, uma encenação demasiadamente cuidada, e um jogo de bastidores ruidoso. O romancista põe em contribuição todos os recursos de que dispõe, e com singular habilidade transforma a imaginação do leitor num vasto scenario, aonde o gosto e o capricho desenrolam uma infinidade de paisagens, earedos, surpresas, um tropel de personagens, que nada deixam a desejar. Um scenographo não conseguiria dispôr melhor os seus effeitos de optica; um ensaiador habil não o excederia em preparar as convenientes entradas e sahidas das figuras no seu drama, nem manteria tão bem a anxiedade do espectador diante de peripecias sempre crescentes. Nesta arte, pelo menos, José de Alencar mostra-se tão perito como os que mais a aperfeicoaram. Não são superiores ás *Minas de prata* nem *Os Mystérios de Pariz*, nem *O Conde de Monte Christo*, nem *Os Mohicanos*, nem *Os Mystérios do Povo*. Si o merecimento de obras semelhantes está essencialmente na illusão, que podem causar as disposições do contraregra, os alcapões bem manejados, as machinas corrediças, as mutações rapidas, as decorações, as ribaltas, desafios e duellos a proposito, scenas de calabouços, caçadas vertiginosas, *rendez-vous*, evasões, perseguições por amor, dedicações cavalheirescas, conspirações abortadas, *As minas de prata* são sem contestação uma obra prima. A quem tem alguma pratica do officio é facil, porém, comprehendêr quanto é simples o manejo de todos estes artilhijos, e quanto é futil a admiração de muita gente pela *prodigiosa* imaginação do autor do *Rocamboles*. Si não viesse fóra de tempo escreveria aqui um capitulo acerca dos pro-



cessos necessarios a qualquer curioso, com um pouco de paciencia, preparar-se para o desempenho do romance de capa e espada; tomaria mesmo para exemplo a historia de Molina, e, desmantelando-a peça por peça, levantando camada por camada, acompanhando o pensamento do autor atraz de cada um dos personagens, por todas as linhas adrede procuradas, notando as suas convergencias, divergencias, suspensões e conciliações, mostraria como tudo isto não possa de um theatrinho de marionettes, quasi sempre movido por cordéis fraquissimos, uma ardileza de funambulo, que perde todo o valor, logo que o publico conhece a simplicidade do segredo. E, não obstante, foi com isto que o autor de *Ivanhoe* fmatizou o mundo de seu tempo. A igreja catholica, que creou a arte da encenação e dos alcapões, com os seus autos sacramentaes, em boa hora inspirára ao seculo a idéa dos dramalhões e dessas engenhosas transposições theatraes de que o romance se apoderou. No meio dessas architraves e moitões vivem, entretanto, muitos objectos de arte, verdadeiros typos esculpturacs, cinzelados com amor, — lampejos de uma imaginação rica e vivaz.

As leituras das nossas chronicas, feitas com mais assento, posteriormente ao *Guarany*, parecem ter comunicado a José de Alencar um sentimento mais intenso da nossa vida colonial. A archeologia accentua-se a cada pagina, e, embora sob o seu ponto de vista de artista caprichoso, embora atravez do prisma oriental, que sempre o persegue, o Brazil se apresenta alli com um travo quinhestista bellissimamente confundido, amalgamado com a selvaticueza tupy. Desta sorte, não é sem uma especie de deslumbramento que do scio da vida cavalleiresca dos colonos de S. Salvador, vê-se de subito, ao som da



inubia selvagem, a imaginação do romancista alevantar-se para o deserto inundado de luz, e mostrar o vulto «do velho pagé acororado na crista do rochedo.» «Immo-vel,» diz elle, «e tratamento ligado ao negro rochedo, como uma continuação d'elle, o selvagem ancião parece algum idolo americano que o rude labor dos aborígenes houvesse lavrado no pincaro da rocha.» * E esse mytho, semelhante aos monstros religiosos dos centros da Asia, estendendo a vista, com ella envolve todo o sertão da portentosa Jacobina. Causa assombro o modo por que esse guarda feroz dos thesouros do deserto, apenas presente a chegada do aventureiro, desvia as aguas dos rios para sepultal-as no abyssmo eterno. É uma allegoria esplendorosa da invasão dos colonos avidos de ouro, os quaes a cada instante vêm luzir e offuscar-se no horisonte a miragem da *Manoa* ou do *Eldorado*. Mais propria para um poema, do que para um romance, dir-se-ha uma pagina da *Itacema* ou dos *Filhos de Tupan*, que se antecipa. As grutas magnificas com aspecto de «cidades subterraneas vasadas em prata» com as suas torres gothicas, ogivas arrojadas e coruscantes, fazem lembrar as *Mil e uma noites*; e a lenda do Moribeca parece uma historia das riquezas de Ali-Babá. Ha em tudo isto uma fantasia ostentosa e febril; e esses enxertos portentosos, postos assim no romance, chegam até a fazer crêr que a vida admite a parodia da realidade destes sonhos. As ercações dos indios de João Fogaça, representando os cinco sentidos do homem em seu maior gráo de acuidade, dão toda a medida do quanto á larga andou a faculdade inventiva do autor de taes vertigens.

* *Minas de prata*, vol. III, pag. 335.



Voltando, porem, ao genero a que propriamente se filiam *As minas de prata*, a primeira impressão caracteristica que se recebe é a da solemnidade que transparece em todas as paginas do livro. Custo mesmo a erêr que a colonia portugueza, no governo de D. Luiz de Souza, no tempo de Fernão Cardim, fosse tão principeseamente festiva; e si bem que, recorrendo à *Narrativa epistolar* do referido jesuita, reconheça que a mania daquelle tempo eram as representações e solemnidades, acho o quadro demasiado opprimido de europeis, sedas e veludos. * E' inutil talvez falar no cavalheirismo portuguez, nas reminiscencias de Magriço, no brio, no valor, na nobreza desses aventureiros que primeiro exploraram o Brazil: são chapas estas que ficaram correntes desde que Hereulano empunhou a penna no nunca assaz lembrado *Panorama*. A critica, que nem tanto hoje nos fallece, com certeza foi-lhe baldia em grande parte.

* Cardim refere-se propriamente a 1583-90. Neste ponto podiam-se tambem abroquelar as seguintes palavras de Gabriel Soares, que descreve de visu, em 1587, as riquezas dos moradores da Bahia.

« Ha na Bahia mais de cem moradores que têm cada anno de mil cruzados até cinco mil de renda, e outros que têm mais; e suas fazendas valem vinte mil até cluocenta e sessenta mil cruzados, e da vantageir, os quaes tratam suas pessoas muito honradamente com muitos cavallos, creados e escravos, e com vestidos demasiados, especlalmente as mulheres, porque não vestem senão sedas, por a terra não ser fria, no que fazem grandes despesas, n'órmente entre a gente de menor condição; porque qualquer peão anda com calções e gibão de setim ou damasco, o trazem as mulheres com vasquinhas e giboes do mesmo, os quaes, como tem qualquer possibilidade, têm suas casas mui bem concertadas e na sua mesa serviço de prata, e trazem suas mulheres mui bem ataviadas de joias de ouro. » *Tratado descriptivo do Brazil*, pag. 125.

A tudo isto, porem, se oppõe a força assimiladora dos desertos. Estas riquezas, portanto, não de parecer com o que ainda hoje vê-se pelos sertões: bacias de prata e vestidos de cabala antigos no meio de malas de couro crú, de bancos de páo e de paredes de talpa grossa.



Não sou do pensar daquelles que consideram o romance historico um genero esgotado, um *pastiche* incompatible com a esthetica moderna. Taine affirma que este genero viveu e morreu com Walter Scott, e acrescenta que todas «essás pinturas, que deixou o baronete de Abbotsford de um passado longinquo, são falsas.» Sem emhargo da exactidão dos costumes, das paisagens, «ações, discursos, sentimentos, tudo o mais é civilizado, embellecido, arranjado á moderna.» Mas, porque o creador do genero, como diz o mestre, «não teve nem talento, nem tempo para penetrar no amago dos seus personagens,» segue-se que a causa do romance historico esteja perdida para sempre? Si a *Salambô* de Flaubert e o *Cavallo de Phidias* de Cherbuliez não são, desde já, um ponto de partida para a nova phase desse genero litterario, resta esperar pelos estudos anthropologicos, que seguramente farão conhecer a alma do

* De duzentos em duzentos annos mudam-se no homem a estrutura das imagens e das idéas, as molas das paixões, o grau de reflexão, a natureza das inclinações. Quem é que pôde hoje comprehender e apreciar Dante, Babelais e Rubens, a menos que previamente não se tenha preparado com uma educação apropriada? Como, pois, acreditar que esses grandes pesadelos catholicos e mysticos, essas audacias gigantescas ou essas impurezas da arte carnal entrassem taes e quaes no cerebro do *gentleman* burguez? W. Scott detem-se apenas chega ao limiar da alama e no vestibulo da historia; da Renascença e Idade média escolhe apenas o digno e o agradável, apaga a linguagem ingenua, a sensualidade desabrida e a ferocidade bestial. No fim de contas seus personagens em qualquer seculo, para o qual sejam transportados, são sempre os seus vizinhos, rendeiros tratantes, bailhos valdosos, *gentlemen* enluados, todos maís ou menos burguezes, isto é, estabelecidos, situados por sua educação e seu caracter a cem leguas dos loucos voluptuosos da Renascença e das bestas feras da Idade média.» H. Taine, *Historia da litteratura inglexa*, vol. IV, pag. 301.

Michelet ou Carlyle, disciplinados no romance, e com uma educação renovada, realizariam toda a aspração que o illustre crítico deixa transpirar nestas criteriosas linhas.



homem antigo, tão bem como já lhe conhecemos a exterioridade. Não sei por que motivo a emoção do archeologo, quando profunda e recalçada, deixará de ter uma expressão no mundo externo da poesia,—uma manifestação esthetica tão legitima como é legitima a que resulta da contemplação da vida moderna. Si é verdade que nas artes tudo é relativo, e ellas se modificam á proporção que o eixo das nossas idéas se desloca, ou que o ponto de vista se transforma; si é verdade que no modo mesmo de enxergar o tempo presente vemos enormes divergencias de dia para dia, de individuo para individuo: qual a razão por que a lembrança e a saudade desse antigo, que os criticos tem se aprazido chamar mania medieval, hão de afastar as vocações verdadeiras do ponto de vista critico e scientifico, dos novos processos artisticos com que se reconstitue a vida do passado? Si a questão é de despreocupação das obsessões da vida de hoje, parece certo que a tendencia moderna para objectivar a arte produzirá o estado mental preciso para que não desesperemos tão depressa da regeneração do romance historico.

José de Alencar não podia collocar-se nestas condições extraordinarias. Aconteceu-lhe o mesmo, *mutatis mutandis*, que Theophilo Braga, com algum exagero, diz ter succedido a Alexandre Herculano: a insufficiencia dos trabalhos então existentes sobre a vida domestica da colonia, a falta de estudos sobre a fonte tradicional dos cantos e contos populares, e mais que tudo a indisciplina philosophica, não podiam deixar de empecer a actividade do romancista. * Dados porém todos os

* Como observamos nas consequencias de toda a actividade litteraria de Herculano, elle nunca teve uma disciplina philosophica no seu espirito,



descontos da época, e do estado mental do autor, não são *As minas de prata* uma das obras inferiores de José de Alencar. Como atraz denunerei, do seio desses crepusculos extraordinarios, coloridos por sua imaginação, do centro das paisagens dos sertões da Bahia, azuladas pelos fogos projectados em uma verdadeira orgia de côres e efeitos de luz, emergem os bustos do padre Molina e de Vaz Camiúha, que são perduraveis. No padre Molina principalmente, sem que se lhe carregue a pecha de imitação do D'Agrigny do *Judeu Errante* ou do Ventura da *Mocidade de D. João V*, eucarnam-se com desusada eloquencia todas as prevenções do autor contra essa Companhia de Jesus, a quem em seu tempo se costumava emprestar tanta intelligencia, tanto faro de riqueza, tão pronunciado satanismo. Si a sua idéa foi simplesmente desenhár o typo, tal qual existia na crença popular a respeito do jesuita astucioso e máu, o amante de Dulce nada tem que recciar num confronto com os seus congeneres. A figura dessa ave agoureira, surgindo de entre as sombras dos claustros do collegio de S. Salvador, com a ironia nos labios, sciente de todos os segredos da nascente colonia, a prescrutar os arcanos da terra dos Brazis e as consciencias dos colonos; a figura desse padre, pallido e macerado como um naufrago do amor, minando toda a Bahia, revolvendo archivos, e, ainda não desembarcado, já senhor dos fios com que teria de mover todos os habitantes da colonia, é uma figura que entenebrece a mente e nunca mais apaga-se

além da logica dos Padres das Necessidades; por isso faltava-lhe o poder de dar vida e movimento psychologico ás palcoes, de metter em acção as lendas e de fazer fallar os personagens, de os definir pela logica ou condicionalismo dos caracteres.» Theophillo Braga, *Historia do Romantismo em Portugal*, pag. 235.



da memoria de quem lê o romance. Apesar do aparato sombrio das scenas e da austeridade desses dois grandes vultos, que ensombram o drama desde o começo, esse passado colonial ha de se mostrar sempre como a legenda dourada, cheia da mesma intensa alacridade de que se resente o *Guarany*. Os quadros que mais se destacam, onde a vida mais palpita, são os em que a mulher serve de centro a torneios e galanteios. D. José de Aguiar no camarim da formosa judia Rachel seduz, pelas descripções voluptuosas que envolvem sua infeliz e desastrada paixão, o mais casto e reservado dos Josés. O proprio grave e sombrio Molina, que no collegio de S. Salvador, ao lado de Fernão Cardim, exhibe-se na terrivel qualidade de visitador e fulmina o provincial com a destituição, de que o armara o geral Claudio Aquaviva, não perde nunca o sestro daquelle Vilarzito, que, no enectar dessa interessante historia, é encontrado nas margens do Mincio a trançar idyllios com a *maja Dulcita*, petulante, risonho, a beijar as tranças da *chiquita*. E bem o prova a scena final do emparedamento, em que o jesuita, satânico, ambicioso, colhido por fim nos laços da esposa abandonada, rende-se, suspira, encanecendo de repente nas torturas deliciosas de um amor sacrilego.

Quanto a Estacio, Christovão, Inezita e Elvira, continuam a ser as mesmas variantes do Alvaro, da Cecy e de Isabel do *Guarany*; os mesmos beijos da musa garrula no par mimoso do pagensito Gil e da alfeoeira; os mesmos voejos e ciciados dos colibris das margens do Paquequer.

O indianismo foi um dos lados por que José de



Alencar mais se deixou arrastar na lição ehateaubrianica. A paixão pelo ideal tupy eedó o empunhára. Que o poema indigena adejou-lhe na alma desde os mais verdes annos, confirma-o a carta final da *Tracema*,* e a saudade que, a despeito dos sorrisos, começa aos poucos a invadir-o. Fôra justamente esta preoocupação, vinda de tão longe, que prostrára nas celebres cartas de *Ig* a épopeá pretenciosa do poeta Magalhães. Já no *Guarany* a impaciencia fizera, apesar das exigencias da composição, golfar no papel grande parte desse immenso desejo; ali encontram-se os cadeneiados cantos de Pery e a lenda do Tamandaré. Nesse tempo é bem possível que a *Tracema* já existisse na flôr, que só em 1865, depois da digressão ao torrão natal, arredondou-se no fructo esplendido, primieias da idéa talvez inexequivel desse poema promettido em 1856, e ainda em quasi sua totalidade inedito, — *Os Filhos de Tupan*.

* Diz elle no citado trecho da sua projectada autobiographia, que já em Ollinda, quando cursava o terceiro anno, lendo na bibliotheca de S. Bento os nos-
sos chronistas via desenvolver-se a cada Instante na tã das reminiscencias as paisagens do patrio Ceará. . . e uma cousa vaga e indecisa, que devia parecer-se com o primeiro broto do *Guarany* ou da *Tracema*, fluctuava-lhe na fantasia. Devorando as paginas dos alfarrabios de noticias colonias, buscava com sofredão um thema para o seu romance.

« Desde cedo, quando começaram os pruridos litterarios, uma especie de instincto me impellia a imaginação para a raça selvagem e Indigena. Digo instincto porque não tinha eu então estudos bastantes para apreciar devidamente a nacionalidade de uma litteratura; era simples prazer que movia-me á leitura das chronicas e memorias antigas.» *Tracema*, pag. 235 (3ª ed.)

« O assumpto para a experiencia, de antemão estava achado. Quando em 1818 (refere-se a umas férias passadas alli) reví nossa terra natal, tive a idéa de aproveitar suas lendas e tradições em alguma obra litteraria. Já em S. Paulo tinha começado uma biographia de Camarão.

« Sua mocidade, a heroica amizade que o ligava a Soares Moreno, a bravura e lealdade de Jacuna, allados dos portuguezes, e suas guerras contra o celebre Mel Redondo; allí estava o thema. Faltava-lhe o perfume que derrama sobre as paixões do homem a alia da mulher.» Obr. cit., pag. 20.



855

Digo primicias porque, ao que parece, a idéa grandiosa desse projectado monumento sossobrava-lhe a alma em um pelago insondavel. Por vezes ouvi-o manifestar as vacillações em que o punham os cantos inacabados, logo que os tentava corrigir; e recordo-me bem de que a duvida principal consistia em fixar uma das duas hypotheses — si o verso deveria soltar-se dos labios de um bardo civilisado, ou si da boeca de um tupy. No primeiro caso, elle dizia, todos os sentimentos indigenas teriam de desaparecer da teta, pois que seria estranho que a esthesia guaranytica penetrasse na alma do portuguez contemporaneo: racionalmente não poderia aproveitar o fundo das crencas indigenas e enearnar a legenda dos piagas na estrophe barbara dos *nheengaraçaras*; no segundo, corriam-se da vista todas as bellezas que assombravam o colono: nem as lutas truculentas dos selvagens, nem o urro do jaguar, nem a sombra da floresta, nem o brado das cascatas, nem o convulsionar dos grandes rios, nem os encantos da flora e da fauna conseguiriam desferir as cordas do instrumento indigena; indifferente a tudo isto por habito e conformação, o selvagem desconhecendo todo o segredo da arte descriptiva, concentrar-se-ia nos seus rudes sentimentos, nas suas vinganças guerreiras, nas suas paixões sanguinarias, na admiração brutal pelo raio, pelo trovão, que domina o animal apenas humanisado. E esta critica com razão o esbarrava; era o instinctivo reconhecimento da impossibilidade de construir-se hoje um poema eyelico. Da fusão, entretanto, destas duas hypotheses nasceu a *Tracoma*, para cuja apreeiação forcoso é tomar o unico ponto de vista razoavel, que sem decapitar a obra reconheça o que possa haver ali de falho e insufficiente.

Já vimos como e por mão de quem entrára o roman-



tismo no Brazil. Os vagidos da musa de *Urania* e das *Brasilianas* mal foram ouvidos pelo povo, que iniciava-se nos segredos da lyra civilisada. A imitação servil dos poetas europeus facilmente convencera de que o unico veio então possivel, por onde se inoculasse o romantismo, era o das tradições do paiz. A *Confederação dos Tamoyos*, impressa sob os auspicios de D. Pedro II, em régia edição dourada, si não foi, pelo menos pretendeu ser o canon litterario da nova geração. Esse canon, porém, não trazia o sello do genio, e, sob o ponto de vista romantico, nem sequer exprimia a comprehensão tardia do movimento, que procurava propagar. O indianismo, ou, por outra, o sentimento da legenda indigena, entranhado no coração crioulo pela reacção romantica, só teve um representante sério no Brazil, como só um teve tambem na America do Norte: — José de Alencar e Cooper. Sem embargo do que se possa dizer em abono de Basilio da Gama e de Durão, que, destituídos de intuitos, foram apenas influenciados pelos tons geraes da paisagem brasileira; sem desconhecer o grande sentimento das florestas, que em muitos e muitos logares se depara nos cantos do nosso grande lyrico Gonçalves Dias, é de inteira justiça aceitar o facto de que — impressão forte e inspiradora só se encontra na *Iracema*.

Muito de proposito aproximo hoje os dois romancistas brasileiro e americano; quero mostrar a divergencia entre estas duas naturezas e corrigir um provavel erro de minha puericia litteraria. * Quem se der ao trabalho

* Referencia á *Carta sobre a litteratura brasileira*, opusculo publicado em 1833, aonde, fanatizado pela leitura das obras de José de Alencar e de Cooper, confundindo as figuras de Pery, Póty, Chingachgook e Uncas como productos de duas musas gêmeas e indifferençaveis, por uma verdadeira illusão de optica, julguei calcadas umas sobre outras.



de lêr toda a série dos romances curiosos de Cooper, em que se desenrolam a historia da independencia de sua patria e as lutas incessantes travadas pelos pioneiros, chega-os alli de todos os pontos do mundo para travar a luta não só com o homem vermelho, como com as difficuldades offercidas a cada passo por uma natureza promettedora e cruel ao mesmo tempo, muitas vezes sentir-se-á cansado, e fechará o livro aborrecido; si, contudo, continuar e chegar ao fim dessa peregrinação, sem omittir os detalhes fastidiosos e as insistentes descrições de caracteres, uma cousa surgirá ao dobrar a ultima pagina, e é o sentimento como de um facto verdadeiro, que observou de perto e que o impressionou. A razão é simples: Cooper, embora recebesse os moldes do romance das mãos de Walter Scott, era por natureza e educação o que se chama um *temperamento realista*. Elle nunca procurou poetisar a natureza. Teve em principio uma vida rude, viajou como grumete atravez dos mares, viu tempestades, contemplou todos os phenomenos maritimos; depois deixou-se atirar pela sorte para o meio dos desertos do *Far West*, aonde viveu em guerras com tribus selvagens: e lá um dia por um capricho, sem prévia educação litteraria, lembrando-se de sentar-se a uma mesa e de molhar a penna num tinteiro, começou a desvendar, com a eloquencia simples de quem assistiu, essas narrativas fortes, verdadeiras, lucidas, que são ainda o encanto dos leitores de gosto e dos avidos americanos. O indianismo em Cooper, portanto, foi uma obra de acaso: o selvagem, como já observei algures, é sempre em suas obras relegado para o fundo do quadro, em cujo plano principal avultam o lutador sympathico, o colono, os Tom Marchs, o batedor de estradas, o caçador de pelles, os Nathaniel Bempos, e tantos outros



caracteres, que têm sido pilhados e estragados pela turba dos fabricantes de romances americanos, Gustave Aynard, Paul Duplessis, Chevalier, Gabriel Ferry, etc. * O interesse, pois, que o selvagem ali desperta é filho unicamente da verdade, que transluz. Cooper não o apresenta heroe: é o leitor quem o vai arrancar das sombras, dos escondrijos aonde a sagacidade o occulta. **

Opposto caminho seguiu o autor do *Guarany*. Vi-mos em principio como se formou o seu espirito e o seu brazileirismo na leitura das chronicas e nas vistas syntheticas de seu paiz. Pouco viajou; não experimentou a rudeza do deserto, e do seu gabinete perfumado foi que elle projectou a sua lente sobre os horizontes imponentes do Brazil. José de Alencar era de um idealismo absoluto. Na *Iracema* concretizam-se todas as illusões de sua terra: mas diga-se logo, muito e profundamente sentidas; e só a luz deste sentimento é que se deve enxergar os merecimentos e as qualidades do producto analysado.

Cumpre tornar saliente que José de Alencar não tinha uma poetica accentuada, como tiveram Goethe e Schiller, como teve Victor Hugo, apesar de inculcar no prologo dos *Sonhos d'ouro* a existencia de cousa pouco

* «Poucos terão talvez conseguido fazer dialogar o Indio sem destruir em grande parte a sua feição caracteristica. E foi por isso seguramente que Fenimore Cooper nos seus melhores romances, como por exemplo—*Ontario*, *Ultimo mohicano*, *Olho de falco*, etc., nunca fez os selvagens apparecerem shão no fundo do quadro envolvidos em sombras. Respeitou-os em sua tahturalidade sem tiral-os do mysterio; collocou-os como espectros em torno dos colonos que representavam diante delles a civilisação em luta com a natureza, e dahi derivou todas as situações, que sem duvida alguma determinaram o exito das suas obras.» *Jaquina, a Marabá*, pag. 289.

** O Sr. Herbert Smith, que escreve uma obra sobre os mythos dos Indios da America do Norte, e com quem conversei sobre o assumpto, diz, entretanto, que os Indios de Cooper estão muito distantes da verdade.



mais ou menos semelhante. A sua poetica foi o seu temperamento, foi a desenvolução do seu gosto, conforme descrevi no primeiro capitulo deste trabalho, scientificamente elle nunca pôde coordenar as suas idéas artisticas.

Milton um dia, definindo a sua esthetica, disse: *poet must be a true poem*, o poeta deve ser um verdadeiro poema. Com isto quiz apenas significar que a obra litteraria, que não é uma resultante exacta do organismo, pôde ser tudo menos uma obra artistica. As verdadeiras regras estão no sangue, estão nos nervos, estão na estrutura do individuo, estão na cerebração inconsciente. Não é extravagancia mesmo afirmar que o artista é um órgão do grande corpo chamado humanidade, que recebe, expelle, decompõe e compõe, segundo os mesmos princípios que o physico assignala, analysando as operações de qualquer órgão do corpo humano. * Isto, porém, não obsta a que o poeta, ascendendo a um estado de cultura excepcional, chegue um dia a conhecer-se, a analysar-se, a comprehender-se em todos os segredos de sua organização. ** E' o que

* « A experiencia assegura-nos que os artistas tem sempre muito pouco em vista o desenvolvimento de uma idéa, e essa mesma experiencia diz-nos ulteriormente que o publico do artista nunca se mostra ansioso por idéas, ao contrario deixa-as à conta dos criticos. Estudando uma obra d'arte, procedemos da mesma maneira que si tratassemos de uma obra da natureza: depois de havermos nos deliciado pelo effeito da impressão, passaremos a examinar (*to try*) até a certeza quaes foram os meios de que se serviu o artista para chegar a produzr taes effeitos, e não a idéa que se occulta per traz desses processos. Si na disseção de um animal comprehendemos claramente o mecanismo pelo qual se operam certas funcões, em que nos aproveita saber mais que as funcões são as causas finaes do mecanismo? » Lewes, *Life of Goethe*, vol. II, pag. 211.

** « O signal caracteristico do progresso da intelligencia é chegar a fazer com consciencia o que a principio se fazia se n consciencia. As mais elevadas



se encontra nos já citados poetas, facto phenomental para o qual propendem todos os cultores do bello nos seculos adiantados : era o que não havia nos cantores da antiguidade — grandes e magicos instrumentos, que não sabiam porque o eram.

José de Alencar não pôde talvez bem analysar-se, para de sua individualidade extrahir as regras de sua acção ; e, se houve no seu modo de ver um ponto de vista em que elle insistisse e de que fizesse cabedal, foi este a predilecção pelo indio, paixão mesmo que pretendeu tornar absorvente. As *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos* denuncia como já existia nelle o verdadeiro poema. Este ponto de vista, entretanto, era acanhado, e tinha o defeito de enclausurar-lhe o espirito em um circulo de inspirações muito coloridas, sem duvida, mas muito menores do que o seu talento; e, comquanto o tempo lhe arrefecesse este primeiro enthusiasmo, a leitura seguida de suas obras demonstra que nos seus canones nunca houve mudança substancial, porque ainda em 1875 essa paixão revivia no *Ubirajara*. * Mesmo assim, nesta ultima obra, melhor

operações mentaes, que em origem foram produzidas de um modo irregular e incosciente, attingem um modo de acção systematico. » Spencer, *Principes de Psychologie*, trad. Ribot (1874), vol. 1, pag. 693.

* «De igual teor, sinão mais grosselras, são as apreciações de outros escriptores ácerca dos costumes Indigenas. As cousas mais poeticas, os traços mais generosos e cavalheirescos do character dos selvagens, os sentimentos mais nobres desses filhos da natureza, são deturpados por uma linguagem Inpropria, quando não acontece lançarem a conta dos Indigenas as estravagancias de uma imaginação desbragada. » *Ubirajara*, pag. 160.

José de Alencar attribue todo o mal que se diz dos Indios aos jesuitas e aos aventureiros. Hoje, porém, apezar de ter por muito tempo participado dessa paixão, se n' que lhe recuse agora toda a sympathia, não posso deixar de acceitar como expressão da verdade o quadro crú que nos faz Gabriel Soares dos costumes tupinambás, Gabriel Soares que não era nem jesuita, nem aventureiro, sinão um espirito positivo e um eminente observador.



partido teria tirado para a grande clave da poesia humana, si as circumstancias lhe houvessem dado accesso aos estudos das religiões, dos cultos, da mythographia, que já então Angelo Gubernatis conseguira condensar na sua curiosa obra *Mythologia zoologica*. Mas José de Alencar conservou-se completamente indifferente aos trabalhos interessantes, que nos ultimos viute annos tem renovado todas as provincias do saber humano. Sem duvida a isto deve o não ter escapado ás influencias que amaneiraram Iracema, figura esta que bem merece os reparos feitos por Sainte-Beuve e Vinet ao caracter francez e coquetemente religioso de Atala. * Não teria dado á filha de Araken essa feição druidesca, que todos lhe notaram, nem aos bosques do Ceará e ás ceremonias da jurema entre os tobajaras tão pronunciados toques do culto de Karnae, aonde a prophetisa com sua foieinha de ouro ia colher o visgo sagrado e ouvir oraculos sob o carvalho legendario; comprehendendo melhor a theogonia tupy, pela comparação e filiação de todas as religiões conhecidas e dissecadas pelos processes modernos, afastaria do velho pagé esses assomos improprios de um fetichismo grosseiro, qual o dos tobajaras; deixaria de envolver os seus caboclos em um culto que o estado de sua civilização ainda não permittia, e, pondo os caracteres de suas personagens mais de accordo com o meio, teria poupado a Martim Moreno e a Iracema palavras, que provocariam um verdadeiro escandalo no espirito de Gabriel Soares, se este ainda fosse vivo. **

* Sainte-Beuve, *Chateaubriand e seu tempo*. Vinet, *Estudos sobre a litteratura franceza*.

** *Tratado descriptivo do Brazil*, pag. 311 e seguintes.



— Não ouves tu, virgem formosa? exclamou elle apontando para o outro fremente.

— E' a voz de Tupan!

— Ten Deus fallon pela boca do pagé. «Si a virgem de Tupan abandonar ao estrangeiro a flôr de seu corpo, ella morrerá!»

Na ausencia desse preparo, forçoso era que o autor, selvagem unicamente por um amor reflexo, fundisse a sua obra sobre as vagas reminiscencias dos poemas que outr'ora lera, e formavam o fundo da legenda tal qual podia viver em sua imaginação. A leitura imprime no espirito às vezes vincos indeleveis. Dá-se neste caso o mesmo que com os olhos, quando levamos muito tempo a encarar o sol, e de repente mudamos a vista: acontece que todos os objectos tingem-se das côres do espectro solar. Ora, quem assiduamente frequentou as estantes de certos autores, a menos que não seja idiosyncrastico, ha de ver tudo que houver em roda segundo as impressões incessantemente recebidas. E' preciso tempo ou uma organização muito vigorosa para romper essa crosta. Na *Iracema* é facil distinguir o que vem de Homero, o que vem de Ossian, o que vem dos poemas judaicos, o que vem de Chateaubriand. Quem, por exemplo, lêndo este trecho, não se recordará de Rachel no momento de avistar o seu futuro esposo Jacob, e de muitos outros episodios patriarchaes, que se encontram o cada passo nas paginas das sagradas escripturas?

A virgem aponta para o estrangeiro e diz:

— Elle vein pai.

— Veio bem. E' Tupan que traz o hospede á cabana de Araken.

* *Iracema*, pag. 68 (3.ª edição.)



Assim dizendo, o pagé passou o caximbo ao estrangeiro, e entraram ambos na cabana.

O mancebo sentou-se na rede principal, suspensa no centro da habitação.

Tracema, accenden o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia de provisões para satisfazer a fome e a sede: trouxe o resto da caça, a farinha d'agua, os fructos silvestres, os favos de mel, o vinho de cajú, o ananaz.

Depois a virgem entrou com a igaçaba, que na fonte proxima enchera de agua fresca para lavar o rosto e as mãos do estrangeiro. *

Este outro trecho não lembra as palavras ungidas de José no Egypto, quando lhe appareceram os irmãos ?

Tracema abrin a franja de pennas; e mostrou o lindo semblante da criança. Canby depois que o contemplan por muito tempo, entre risos, disse:

— Elle clupon tua alma.

E beijou nos olhos da joven mãe a imagem da criança, que não se animava a tocar, receioso de offendel-a.

A voz tremula da filha resoon.

— Ainda vive Araken sobre a terra?

— Pena ainda; depois que tu o deixaste, sua cabeça vergou par o peito e não se erguen mais.

— Tu lhe dirás que Tracema já morreu para que elle se console. **

Eis aqui Irapuan que entra na tribu. Seguem-se cs festejos; os caçadores depõem ao fogo peças inteiras; derrama-se o vinho, e os tobajaras banquetceiam-se como Ajax e Patroclo. Os seus ciumes contra o branco, que, lhe arrebatou o amor da virgem dos labios de mel, a re-

* Obr. cit., pag. 22.

** Obr. cit., pag. 178.



crudescencia dos odios bravios, as suggestões a que o leva o despeito ingenuo, o recolhimento à cabana, as lutas corporaes: tudo ali é tão homericamente esculpado, que, a não ser a phraseologia intercalada do tropo guarany, supprimido o titulo, ter-se-ia a leitura da *Odysséa*. Comtudo, no seio de todas estas reminiscencias fataes tumultúa fortemente uma qualquer cousa, que não se parece com livro nenhum conhecido. Do conjuncto dessa lenda resalta um tom inimitavel, uma sensação estranha, que não pôde ser sinão o resultado do sentimento original, que agitou José de Alencar no meio mixto em que a natureza o collocara. Não é um canto aborigene; mas tambem um europeu não seria capaz de escrevel-o. É um producto inteiramente crioulo. Como traduzir em outra lingua o calor paterno que se irradia desta invocação?

Verdes mares bravios da minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba:

Verdes mares, que brilhaes como liquida esmeralda aos raios do sol nascente, prolongando as alvas praias ensombradas de coqueiros:

Serenae, verdes mares, e alisae docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale á flôr das aguas.

O facto da intraduzibilidade de uma estrophe não será acaso a prova mais evidente do seu caracter original, do seu nacionalismo? Incontestavelmente a vista do torrão natal rescaldára essa sua fibra poetica. Ha ali uma tamanha concentração de saudade que nos transporta aos castos amores do autor pela terra de Iracema. A narração é cadeeniada; o periodo numeroso, solemne;

Obr. cit., pag. 13.



todas as scenas se apresentam como dentro de uma penumbra, ou como em um sonho orvalhado de lagrimas e sorrisos. E' um *tic* que pela primeira vez lhe apparece, um sentimento novo que se entretece como o cheiro da bannilha por entre aromas de outras terras. Esse amor triste e pezaroso de Martim pela gentil filha dos taboleiros não é outra cousa mais do que a repercussão de uma dôr, que começava a esfolhar-se no coração do poeta; a natureza, que nunca o impressionára pelo lado sombrio, como que de subito o enlanguece, e distila-lhe na alma esse veneno, que a sensibilidade de Rousseau depurou na contemplação das scenas grandiosas do deserto. A paisagem perde-se-lhe a cada instante em nevoas, e o *canto do acauan no fundo do valle* se antecipa ás profundas tristezas, que a morte da india havia de derramar na alma severamente poetica do fundador do Ceará. Não obstante, o gracil fórma ainda o fundo, em que se assenta toda essa pequena transmutação de seu espirito, continuando a mulher a ser nessa lenda encantada o eixo sobre que gira todo o interesse dramatico da obra. Com ser cabocla a filha de Araken, a amante de Moreno, nada perde do capricho que a evolução da mulher na mente artistica de José de Alencar deixára ficar no epilogo do *Guarany*. São as mesmas garridices e suggestões, desfazendo-se no dulçoroso abandono, na languidez do final de todos os seus livros, em que o amor representa o principal papel.

Um dia, ao pino do sol, ella repousava em um claro da floresta, banhava-lhe o corpo a sombra da oitxeica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acacia silvestre espargiam flores sobre o os humidos cabellos. Escondidos na folhagem os passaros ameigavam o canto.

Tracema saio do banho: o aljofar da agua ainda a rorejava.



como a doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das pennas do guará as flexas de seu arco, e concerta com o sahiá da mata, pousado no galho proximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto della. As vezes sóbe aos ramos das arvores e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o urú de palha matisada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios de cranatá, as agulhas de jussara com que tece a renda e as tintas de que matisa o algodão

Runor suspeito quebra a doce harmonia da sésta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante della e todo a contempla-la está um guerreiro estranho, si é guerreiro e não algum espirito máo da floresta. Tem nas faces o braneo das areias que bordam o mar: nos olhos o azul triste das aguas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rapido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flexa embebida no areo partio. Gottas de sangue borbulham na face do desconhecido.

Do primeiro impeto a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorrio. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é symbolo de ternura e amor. Sofreu mais da alma que da ferida.

O sentimento que elle poz nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançon de si o areo e a uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da magua que causára.

Este sentimento garrulo e flebil ao mesmo tempo, concertando com o accento grave do coração bondoso e forte de Martin, vibra em todo o livro, dando-lhe um tom que não se encontra tão pronunciado em nenhuma obra anterior de José Alencar. O amor de Iracema não é franco, porque não permittem os ritos que o estrangeiro



desfolhe a flôr consagrada a Tupan. E' preciso que o guerreiro se retire da taba onde o pagé na propria eabana o recebera. Chega Cauby, irmão de Iracema e offerece-se para guiar o branco. A despedida é dolorosa. « A tarde é a tristeza do sol, diz a virgem. Os dias de Iracema vão ser longas tardes sem manhã, até que venha para ella a grande noite. »... « A boea do guerreiro pousou na boea mimosa da virgem. Ficaram assim unidos como dous fruetos gemeos de araçá, que saíram da mesma flôr. » Irapuan que não se esquece da vingança, apenas separam-se, põe em sitio os fugitivos. Carpe ainda a sua dôr ao lado de Araken, quando o grito da inhumna vem despertal-os : é Cauby que avisa. Iracema atravessa a matta e interpõe-se entre os rivaes. E' ao tempo que os busios dos pitiguares atroam os ares. Irapuan corre a defender a taba, onde exproba ao branco offensas a Tupan e a Araken a violação dos ritos ; mas este faz ouvir a voz do trovão pela bôca do antro, em que está posta sua eabana, e o guerreiro indigena recua supplantado pelo terror religioso. Martim seisma sobre o poder do pagé e lembra-o á india. Alta noite ouve o grito de guerra de seu amigo Poty. Iracema occulta o segredo da presença dos inimigos de sua raça, e eurte as torturas pelas quaes vão os seus passar : o amor fal-a correr ao encontro do chefe potyguara.

Eis aonde verdadeiramente está o perfume original da *Iracema* : é nessa sympathica figura do Camarão que vem salvar o branco. O vulto de Poty emerge das sombras como uma visão real dos tempos idos.

Avança a filha de Araken nas trevas, pára e escuta.

O grito da gaivota terceira vez resôa a seu ouvido ; vai direito ao



logar de onde partio ; chega a borda de um tanque ; seu olhar investiga a escuridão e nada vê do que busca.

A voz maviosa, debíl, como sussurro de colibri, murmura :

— Guerreiro Poty, teu irmão branco te chama pela boca de Tracema.

Só o echo responden-lhe :

— A filha de teus inimigos vem a ti, porque o estrangeiro te ama, e ella ama o estrangeiro.

Fendeu-se a lisa face do lago e um vulto se mostra que nada para a margem e surge fóra.

— Foi Martin quem te mandou, pois tu sabes o nome de Poty, seu irmão da guerra.

— Fala, chefe potyguara ; o guerreiro branco espera.

— Torna a elle e diz que Poty é chegado para o salvar.

— Elle sabe ; e mandou-me a ti.

.....
— A raiva de Irapuan é como a andira ; foge a luz e vóa nas trevas.

A mão de Poty cerrou subito os labios da virgem ; a sua fala parecia um sopro :

— Suspende a voz e o respiro, virgem das florestas ; o ouvido inimigo escuta na sombra.

As folhas crepitavam de manso, como si por ella passasse a fragueira nambú ; um rumor, partido da orla da mata, vinha discorrendo pelo valle. O valente Poty, resvalando pela relva, como o ligeiro camarão de que elle tomara o nome e a viveza, desapareceu no lago profundo. A agua não soltou um murmurio, e cerrou sobre elle sua onda limpida.

Nunca a imaginação brasileira, posta ao serviço da historia, conseguiu levantar de sua obscuridade, com a eloquencia da intuição, um vulto tão exacto como o que ali fica revelado em poucas linhas. E' o Camarão semi-

* Obr. cit., pag. 77.



civilizado que encontramos na fundação do Ceará e nas lendas hollandezas.

Os tobajaras atacam o braneo, enquanto o pagé recolhe-se ao bosque: mas Iracema ergue a lage onde se esconde o trovão, e oculta o amante no bojo da montanha. Cauby defende a cabana e faz retroar a caverna. Os revoltosos aterrados arrebatam Irapuan, com receio da eolera de Tupan. Então Iracema e Martim desejam o abysmo, que dá em baixo na planície, para juntarem-se a Poty. Combinam a fuga, e quando chega a lua designada, logo que os guerreiros são entregues aos sonhos dourados que lhes dá no bosque o vinho da jurema, Iracema, depois de depor a igacaba de onde tirára essas illusões sagradas, abandona o albergue paterno com o branco e com o seu amigo. Em vão Irapuan tenta colhel-os, porque Jacuma, irmão de Poty, vem em seu socorro. Para logo ganham as praias do Camocim, onde este guerreiro tem a sua cabana. Iracema começa a entristecer, porque a abriga um teeto inimigo; Martim dirige-a ao Mocaripe, e ali estabelece os seus penates. A vida que os dous esposos ali desfructam é o idyllio perfumoso das florestas. Poty, o amigo sempre fiel, alterna-lhes os serões, e conta-lhes sua historia.

Antes que o pae de Jacuma e Poty, o valente guerreiro Jatobá, mandasse sobre todos os guerreiros potyguares, o grande tapape da nação estava na dextra de Batnirété, o maior chefe, pae de Jatobá. Foi elle que veio pelas praias do mar até o rio do jaguar e expulsou os tobajaras para dentro das terras, marcando a cada tribu seu lugar; depois entrou pelo sertão até á serra que tomou seu nome.

Quando snas estrellas eram muitas, e tantas que no seu camocim já não cabiam as castanhas que marcavam o numero, o corpo vergou para a terra; o braço endureceu como o galho do ubiratan que não verga: a luz dos olhos escureceu.



Chamou então o guerreiro Jatobá e disse: Filho, toma o tacape da nação potyguara. Tupan não quer que Batuireté o leve a ais a guerra, pois tirou a força de seu corpo, o movimento do seu braço e a luz dos seus olhos. Mas Tupan foi bom para elle, pois lhe deu um filho como o guerreiro Jatobá.

Jatobá empunhou o tacape dos potyguaras. Batuireté tomou o bordão de sua velhice e caminhou.

Foi atravessando os vastos sertões, até os campos viçosos onde correm as aguas que vem das bandas da noite. Quando o velho guerreiro arrastava o passo pelas margens, e a sombra de seus olhos não lhe deixava que visse mais o fructo nas arvores ou os passaros no ar, elle dizia em sua tristeza: Ah! meus tempos passados!

A gente que o ouvia chorava a ruina do grande chefe; e desde então passando por aquelles logares repêtia suas palavras, donde veiu chamar-se o rio e os campos Quixeramobim.

Batuireté veiu pelo caminho das garças até aquella serra que tu vêes longe, e onde primeiro habitou. Lá no pinheiro o velho guerreiro fez seu ninho alto, como gavião, para encher o resto dos seus dias, conversando com Tupan. Seu filho já dorme em baixo da terra, e elle ainda na outra lua seismava na porta de sua cabana, esperando a noite que traz o grande somno.

Todos os chefes potyguaras, quando acordam á voz da guerra, vão pedir ao velho que lhes ensine a vencer porque nenhum outro guerreiro jamais soube como elle combater. Assim as tribus não o chamam mais pelo nome, senão o grande sabedor da guerra, Maranguab.

Canto mais brasileiro do que este, onde com mais intensidade rescenda o perfume das gardenias, aonde com mais calor brilhem os reflexos das nossas lagoas, só o poderia compôr um selvagem, talvez poeta, que o acaso houvesse reduzido á rhetorica dos brancos.

Como « o colibri borboletando entre as flores de

Obr. cit., pag. 131

acacia, Iracema discorria as amenas campinas.» Nem Ceey nas margens do Paquequer, nem Carolina nos jardins de Santa Thereza, nem Diva nas encostas do Rio Comprido, são mais graciosas, mais interessantes, mais gentis. «A luz da manhã já a encontrava suspensa ao hombro do esposo e sorrindo, como a enredicha que entrelaça o tronco robusto e todas as manhãs a corôa de nova grinalda.» Para completar o idyllio, Martim, segundo o costume indigena, tomou no corpo as côres da nação potyguara, e «a alegria ainda morou na cabana todo o tempo que as espigas de milho levaram a amadurecer.» Um dia o branco sente-se morrer de saudades pela patria com a vista de um navio no horizonte.

Como o imbú na varzea, era o coração do guerreiro branco na terra selvagem. A amizade e o amor o acompanharam e fortaleceram durante algum tempo, mas agora, longe de sua casa, e de seus irmãos sentia-se no ermo. O amigo e a esposa não bastavam mais á sua existencia, cheia de grandes desejos e nobres ambições. Passava-os já tão breves, agora longos sóes, na praia ouvindo gemer o vento e solgar as ondas.

A saudade o mata. «O soluço de Iracema que o christão ouviu dentro em sua alma» não impede o movimento ingrato. «Chora o cajueiro quando fica o tronco secco e triste», diz ella, comparando suas lagrimas com as da generosa planta, mas isto não obsta a que a lembrança das virgens brancas escureça a alma do esposo. Entretanto, a india sente aproximarem-se as dôres da maternidade, e dá ao mundo Moacyr, que quer dizer filho de sua dôr. Vem Cauby visitá-la. Martim partira

* Cbr. cit., pag. 161.



com o amigo; o irmão espera o guerreiro branco para perguntar-lhe « o que fizera do sorriso que morava nos lábios de Iracema. » Volta o christão das suas peregrinações contra o inimigo, que o procura expellir da terra, e encontra nos braços da caboela o filho a quem os seios turgidos da mãe negam o alimento. O parto devia ser fatal a essa mimosa creatura. «O esposo vê então o seu corpo consumido pela dôr; mas a formosura ainda mora nella como o perfume na flôr caída do mauaeá.» A morte e o funeral dessa india despertam a mesma uneção que a morte de Atala, para cujo complemento só falta a figura do padre Aubry.

Desde então os guerreiros pytiguaras, que passavam perto da cabana abandonada e ouviam resoar a voz plangente da ave amiga, afastavam-se com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia. E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio. *

E finda-se esta lenda com um soluço, em que a propria natureza morta se levanta para enviar o seu brado atravez das ondas e depois embuçar-se nas sombras da tristeza. Considero-a a obra culminante de José de Alencar; pelo menos o livro em que sua alma de poeta com mais força e franqueza se revelou. Ha nessas paginas um sopro cheio de um *quid* divino, que faz esquecer todas as delicadezas que confundem, que irmanam a filha de Araken com qualquer uma das outras heroínas de seus romances.

Seja, porém como fôr, a *Iracema*, como poema intuitivo, ha de viver em nossa litteratura, como vivem na

* Obr. cit., pag. 190.



ingleza os poemas de Macpherson e na franceza o *Tele-maco* de Fenelon.

Entretanto José de Alencar realisára uma intima aspiração. Casára-se em uma familia anglo-brazileira, á qual se ligavam tradições muito vivas com respeito á nossa independencia. * Este casamento teve lugar em condições mais que poeticas. Exhausto pelo trabalho, tinham-lhe os medicos aconselhado o repouso, com prohibição expressa de entregar-se a estudos de qualquer natureza que fossem. Obrigado a esse retiro espiritual, come já por mais de uma vez lhe acontecera, escolheu as apraziveis encostas da Tijueira. Uma particular predilecção o arrastava para tão amenos sitios. Seguiu, pois, para o hotel Benet, e ahi, recolhido na contemplação da natureza, ouvindo o canto das cigarras, o murmurinhar do orvalho, o borborinho das cachoeiras, enlangueceu sob as moitas de bambús, dando ao espirito todo o desafogo que precisava para alar-se a outras espheras. Nem jornaes o deixavam ler; mas uma alma, acostumada as pergrinações pelo mundo da phantasia, não se conserva por muito tempo em uma beatitude semelhante. Começaram as digressões pelas montanhas. Um dia encontrou-o um inglez de manciaras simples e bondosas, que o levou até ao sitio pittoresco aonde habitava sua familia. Foi ahi que depararam seus olhos enamorado a senhora que depois desposou, menina loura

* O Dr. Cochrane, pae da esposa de José de Alencar, era filho de um irmão do almirante conde de Dundonald. O consorcio deu-se a 20 de Julho de 1854.

e gentil, que dominou-o por uma forte impressão, traduzida então em uos versos castissimos nunea publicados. Dir-se-hia a encarnação daquella eriaturinha meiga e serena que via-se correr pelas barbaeans da casa de D. Antonio de Mariz. O proprio poeta, que começava a navegar de novo no azul, talvez por ser essa familia de origem escosseza, por momentos embeveceu-se diante do chalet aonde a vira pela primeira vez como diante de uma paisagem de Walter Scott. Esta alliança não deixou de influir como um novo factor nas variações do seu character; e na *Iracema*, que já foi composta no dominio da familia, pressente-se um sopro, que não podia deixar de ser communicado á obra pelos sentimentos inspirados por esse novo estado. Note-se que elle, que tão eloquentemente soubera exagerar na *Mãe* o amor filial e em outros livros a paixão no homem ou na mulher, nunca tivera uma teela que vibrasse consoante a esse movimento limpido, tranquillo chamado amor de esposo. Foi preciso o lar para revelar-lhe o segredo das tias, sem as quaes é impossivel pintar com alma um quadro verdadeiro. Além desta alteração, apparece uma outra que não offerece menos interesse. José de Alencar, já de si grave e inclinado á solidão, affeiçoando-se ao systema do *home*, fechou-se hermeticamente no lar domestico, como quem queria viver numa especie de exilio. Suas relações extremaram-se, e o ruido da vida externa nunea mais entrou-lhe na alma sinão por aquelles conductos que se chamam o jornal e o livro.

Era ao tempo em que se formava o movimento no partido conservador, do qual devia sahir o ministerio *Dezeseis de Julho*. Do *home* a transição para a politica ingleza não era um passo difficil. Pequenas cousas as vezes tem



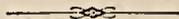
uma influencia que ninguem imagiava. A concentração no lar reviveu com toda a energia a tarantula da ambição : e de repente eil-o, possuido das doutrinas de Stuart Mill, por exemplo, a fulminar a situação Zacharlas, que lhe gerára na alma indignações verdadeiramente apocalypticas. Como acontece em todas as naturezas artisticas, se lhe afigurou um Brazil em decadencia e um Brazil regenerado : o typo estampou-se-lhe logo na imaginação ; e com uma porção de sarrafos arrebatados á estrutura enorme da politica ingleza, incomprehensivel, desde que se não conhece o espirito de sua philosophia, de Bacon e Hobbes até Bentham e seus discipulos, julgou poder apresentar ao paiz um ideal capaz de supplantar todos os males que corroiam o colosso. Dahi procederam as celebres *Cartas de Erasmo* ; mas estas notaveis cartas traziam um vicio de origem, o mesmo que notei nos artigos do *Diario do Rio*. José de Alencar, espirito poetico, privado de instrumentos de analyse, aprimorado só na ideologia franceza e apaixonada, sem o sentimento da força individual da raça cujas idéas procurava apropriar, estava muito longe de poder acertar com a verdadeira interpretação dos factos, a verdadeira causa dos males que minavam o progresso do paiz. Deste modo, fluctuando entre a corôa e o povo, pintando desastres em toda parte, alevantando pela patria um grito angustioso, acabou por dar-nos o mais cabal exemplo do quanto é de ordinario insufficiente o cerebro latino para receber e accomodar as idéas do norte da Europa. * Não obstante

* A revolução franceza é uma prova desta verdade. Foi a insufficientia pratica desse sympathico paiz, para receber as idéas importadas pelos philosophos da encyclopedia, que produziu os movimentos de angustia que deram ao mundo aquelle terrivel espectáculo.



as *Cartas de Erasmo*, aonde o seu autor soube com rara sagacidade emoldurar essas palavras sonoras e ruidosas, que são a salvação de muitos livros que por ali andão, essas cartas tiveram um momento de popularidade. Surprehenderam o publico, e, o que mais é, aplainaram no espirito dos *sachens* do partido, a que elle se filiára, todas as difficuldades, que lhe poderiam crear a idade e o sestro poetico. Tudo se lhe pôde negar nesses periodos numerosos, menos a arte de *enristar a palavra*, a arte de commover *apicibus- verborum ligata*, e fazer-se acompanhar pela popularidade enluvada. Ha ali lampejos de estylo verdadeiramente admiraveis, intuições até de quem vive já em um mundo de videntes; mas a nada disto correspondia infelizmente uma estructura que garantisse os impulsos dessa eloquencia. Era o poeta que mais ali vivia, e o entusiasmo nem sempre partia de verdadeiras e profundas convicções. Para ser Tacito faltava-lhe o crueza do dardo affado; não tinha o realismo de Juvenal e Mareial: preferio as doces suggestões de um cantor que implora, nunca passando dos furores do colibri.

A rude franqueza de Timandro, posta ao serviço das idéas que o haviam impressionado, teriam feito destas cartas um verdadeiro monumento politico e uma das paginas mais importantes de nossa historia parlamentar.



V

DECLINIO

1865 — 77

Taine é de opinião que a vida de todo artista se divide em dous periodos; ao primeiro pertencem as obras de verdadeira inspiração, de originalidade si é possível; ao segundo a repetição, as imitações, a cópia pallida de si mesmo. * E' exesusado reproduzir os factos

* Veja-se o desenvolvimento destes principios nas obras *Philosophie de l'art* e *De l'idéal dans l'art*. Lewes parece discordar deste modo de pensar, até certo ponto preocupado com a extraordinaria potencia creadora de Goethe, prolongada além dos setenta annos. Só a decrepitude pôde motivar o decrescimento do valor dos productos artisticos; e a proposito cita as autoridades de Flourens e Revellé Parisse, que asseguram ser o periodo entre os cincoenta e cinco e setenta annos, e algumas vezes além, portanto proximo à decrepitude, aquelle em que de ordinario o espirito adquire extensão, consistencia e solidez verdadeiramente admirave's.

physiologicos em que se funda a critica para reduzir isso a uma lei. A sensibilidade tem, como tudo neste mundo, a sua evolução; cresce em intensidade, exagera-se, gasta-se e decrece até amortecer-se inteiramente, como qualquer órgão que é obrigado a funcionar por muito tempo. Ora, desde que os productos da arte estão intimamente ligados a esta faculdade, nada mais natural do que participarem de sua intensidade ou frouxidão, conforme estiver em florescimento ou decadencia. E' uma cousa afinal que está no senso commum; a critica apenas chamou para estes factos uma attenção mais systematica.

José de Alencar já haveria entrado neste segundo periodo? Acredito que não. Suas faculdades mostravam-se tão vivas, tão fulgidas, tão poderosas ainda! O que antes me parece é que, a contar de 1865, graves perturbações foram determinadas pela politica na vida do artista, o que, juntando-se a uma concentração violenta das funcções em um ponto definido, deu lugar a que penetrasse em sua economia um elemento novo e morbido, que veio tornar-se depois a nota mais aguda do instrumento. *

Diz elle, no já citado trecho de sua projectada autobiographia, que «ou não tinha vocação para essa carreira (a politica), ou considerava o governo do Estado cousa tão importante e grave que não se animára nunca a ingerir-se nesse negocio»; e por isso chama

* «O reinado de Luiz XIV se divide em duas partes: antes da fistula e depois da fistula. Antes vemos Colbert e as conquistas; depois Mme. Scarron, as derrolas, a proscricção de 500,000 francezes. Com Francisco I a mesma cousa; antes do abcesso e depois do abcesso. Antes a alliança dos Turcos, depois a elevação dos Guleses e o massacre dos Vaudoises, e em o qual acabira o seu reinado.» Michelet.



homem *quasi estranho* e novo o politico, que o orgulho formára por ultimo dos destroços do litterato. De tudo se deprehende que os factos publicos não tinham tido a necessaria força até então para influirem em sua biographia. A sua presença na imprensa e no parlamento não fôra ocasionada sinão pela velleidade de escriptor ambicioso, ou pelas circumstancias especiaes em que o collocaram o nascimento e as relações. Nunca systematisára as suas idéas, nem fôra em tempo algum dominado pela *furia* propagandista. Duas paixões apenas se denunciavam em seus actos, -- a litteraria e o amor proprio. E' sabido que só aquellas duas forças podem crear os Burkes e Kociuscos, os estadistas e os apóstolos. Com o enfraquecimento das tentações pela gloria litteraria enristou-se o amor proprio, e o artista deixou-se por ultimo supplantar. Foi esse sentimento principalmente que o levou a eserever o *Systema representativo*, livro curioso, mas sem nenhuma applicação ao estado da questão eleitoral entre nós : nem revolucionario, nem evolutivo. Foi ainda esse sentimento, auxiliado pelas circumstancias e certas approximações, que o embarafustou em Macaulay e Erskine May. Invadira-o, entretanto, como nunca, um desejo immenso, uma necessidade forte de entrar nos negocios do paiz, de exercer sua vontade sobre algum acontecimento, de tornar-se por fim uma força indispensavel ao mecanismo governamental, e fazer-se respeitar, reconhecer justamente por aquelles que não se lembravam dos seus merecimentos. Como a Lamartine desesperava-o o unico pensamento de que o Brazil tinha illustrações politicas, e que elle não era uma dellas. * Movimento de pura vaidade, que, não

Mirécourt, *Biographia de Lamartine*.

sendo apadrinhado por uma idéa solida, arriscava-se a produzir efeitos muito desagradaveis. Ora, os homens querem ser illudidos, mas em regra ; não põem duvida em applaudir os que exigem esse genero de manifestação, comtanto que se convençam de que o pretendente a suas graças não o faz só por capricho. E' preciso sempre que quem brilha, brilhe em nome de alguma cousa estranha ou remota, ou no interesse desse publico cioso, que tem sido por isto mesmo a causa de tantas desgraças. José de Alencar não reflectiu maduramente sobre esta verdade, e, entrando na torrente politica, não soube calcular as resistencias, que se lhe deviam oppôr, bem como a intensidade do impulso e a direcção do seu proposito. Seu pensamento capital foi dizer cousas novas e discordar sempre dos homens e dos factos. Questão de temperamento e de habitos adquiridos em um meio completamente diverso daquelle, em que agora se empenhava, com a ingennidade de um artista e a confiança de um Hereules ; mas que Hereules ? um Hereules a quem a perfida da politica envolvera em uma tunica de Nessus mil vezes peor !

As *Cartas de Erasmo* transformaram-se na pasta do ministro da justiça do *Dezeseis de Julho*. Todos viram, não obstante, no enthusiasmo fulgido do moço, auspicios de grande alcance para o gabinete conservador, que se erguia com grande força e pujança. São bem conhecidas as palavras do organisador desse gabinete, o visconde de Itaborahy, a respeito do autor do *Guarany*. Essas palavras até certo ponto justificam a sua insistencia em influir, a despeito de tudo, nos negocios publicos de sua terra. O illustre visconde não imaginava que José de Alencar fosse uma



intelligencia tão vasta e tão cheia de lucidez; e como elle muitos outros notaveis no mundo politico e official. E sacrifique depois disto um homem toda a sua vida a escrever obras litterarias! Esta candida admiração e franca cortezia não eram, porém, penhores certos de que o caprichoso creador de *Diva* e *Luciola* se identificasse com os collegas em um pensamento uniforme e benefico á causa do paiz. Não tardou manifestar-se por parte delle um movimento excentrico, que foi augmentando dia a dia. As divergencias de indole e de idéas pouco a pouco se foram accentuando, e por fim a mais completa incompatibilidade declarou-se entre o ministro indomavel e os outros mais accessiveis ao pensamento imperial. Para resumir este periodo de sua vida politica, que não tenho a pretensão de descrever, pois só me occupo do litterato, basta dizer que, ao passo que por um lado José de Alencar seguia sem plano, confiado apenas na sua fertilidade imaginativa, tal qual tratasse de escrever um romance, sem olhar para o chão em que pisava, por outro os collegas, irritados uns, outros dominados pela má vontade a que incontestavelmente fazia jus o fulgor de seus talentos, embora nunca articulassem palavra capaz de os condemnar, sorriam aos que procuravam chamar sobre elle todo o ridiculo possível. Destas vacillações aproveitaram-se, quanto estava em suas forças, os seus maiores inimigos no parlamento e na imprensa; e então viu-se a repetição das mesmas scenas e escandalos que a França presenciou no tempo dos ministerios de Lamartine e de Villemain.

Porque não tinha esse poeta permanecido no lugar que lhe convinha, nas regiões do ideal e da arte? Por mais que repetisse que a litteratura não passava de um desenfado, ninguém acreditava, e os inimigos proposi-



talmente engastavam nos labios um sorriso desdenhoso. Foi isto talvez o que mais o exasperou, concorrendo para desencadear a sua rebeldia e aguçar-lhe o espirito de contradicção. Não queriam decididamente deixal-o brilhar. Havia por força uma conspiração contra as suas legitimas aspirações á gloria. A luta, entretanto, corria designal, porque, si era innegavel que lhe cabia asuperioridade intellectual, não menos certa era a existencia da argucia e da *positividade* dos companheiros, principalmente do mais moço, que comprehendeu logo todo o partido, que lhe era dado tirar destes factos no animo de D. Pedro II para afastar o unico homem, que naquella situação podia com seu brilho annullal-o e fazel-o esquecer. No meio de dissabores indiziveis teve, portanto, de cabir como subira. Sua natureza, refractaria aos segredos da cõrte, o excluia de uma organisação, que elle não comprehendia, e que tambem não podia comprehendel-o. Antes disto, porém, apezar da falta de orientação politica, José de Alencar, que, por um esforço sem exemplo, conseguira romper os obstaculos que o afastavam da tribuna, teve dias no parlamento de verdadeiras glorias oratorias. Ha discursos seus, que revelam uma força de vontade admiravel; é quasi incrivel que aquelle homem houvesse, com o estudo de gabinete, chegado a adquirir qualidades, que só o exercicio e a luta concedem por ultimo aos esforçados como premio de incessantes sacrificios. Si a eloquencia está no nervo da phrase, e no arrastamento do espirito, elle a teve; e os seus discursos foram nesse tempo talvez os mais solemnemente escutados. O improvisado com que respondeu ás invectivas do deputado Silveira Martins, passou por um desses movimentos sublimes, que são o privilegio das almas a quem a natureza concedeu a *indig-*



natio de que falla o poeta. Zaelbarias quiz esmagal-o do alto de sua reputação e de seu prestigio parlamentar, mas teve o desprazer de sentir que as suas armas, por mais aeeradas que fossem, encontravam uma armadura rija, eontra a qual tiveram de embotar-se. Pretendeu depois ridientarisa o, e deparou a satyra prompta até o sangne; e recuou eomo um Jupiter de operá comiea eom o raio de folha de Flandres amarrotado.

Restava a José de Alenear ainda um grande desgosto, desgosto tanto mais profundo quanto devia ser ardente a aspiração que lhe eortavam—a entrada na eamara vitalicia. Certas susceptibilidades imperiaes tinham sido feridas pela sua insistente eandidatura a uma das vagas deixadas por dois finados illustres, e os seus desaffectedos souberam habilmente avolunual-as para que se produzisse o desejado effeito. O imperador antipathisára naturalmente eom a altivez do ministro, que desde logo o inecommodou eom os seus arroubos de moço e de litterato *mal acostumado*. Tanto bastou tambem para que o ministro, esqueido das *Cartas de Erasmo*, se preoccupasse eom a visão de um poder pessoal, que só o era naquella oeeasião por oppôr-se ao levantamento de sua individualidade. Saíndo do poder eom o coração uleerado, sentindo-se vencido, todo o seu despeito ereseeu eontra o arbitro e director de nossas traças politicas. Nisto elle tinha toda a razão, porque todo mal que lhe haviam feito os collegas não fôra sem acquiescencia do monarcha, em enjos olhos os homens que governavam este paiz estavam aeostumados a lér o sim e o não irresponsaveis.* Esse olhar fatidieo perdeu-o; perdeu-o tirando-lhe

* Estas palavras eram escriptas em 1879.



simplesmente a calma precisa para representar o mais brilhante papel, que um homem em suas condições poderia ambicionar. Si elle, apenas ausente do gabinete, tem se apresentado na imprensa com franqueza, revelando os tropeços que no poder encontrava o homem de talento toda vez que pretendia fazer prevalecer sua vontade; si tem tido a coragem de levantar-se no parlamento, arregaçando os reposteiros de S. Christovão para mostrar uma cousa que até então nenhum ministro decaído se animara a fazer, isto é, o que se passava allí dentro no *tête à tête* ministerial; se afinal José de Alencar tem atacado o imperador, embora rudemente, mas logo, sem detença, talvez todas suas faltas como politico fossem redimidas, e o paiz impressionado e ouvisse de outra maneira, e ouvindo-o, dêsse-lhe forças para ser o que elle não era. Circumstancias especiaes talvez desviaram da imprensa algum artigo, em que dava vazão aos sentimentos que o agitavam. Infelizmente este assomo ficou nos limbos; e, só depois da sua não escolha, foi que pelo *Dezeseis de Julho*, jornal que redigia, auxiliado por seu irmão Leonel de Alencar, rompeu em uma série de artigos, esplendidos de indignação, mas marcados desde começo pelo publico com o estigma do despcito. A contradicção com as *Cartas de Erasmo* era palpavel; e, se bem que o facto das suas relações com o imperador pudesse justifical-o, na hypothese de uma experiencia, que antes de ser ministro não existia, sobrava a consideração de que não tem licença de dizer verdades um homem, que acaba de ser depreciado e excluido de uma cadeira senatorial. José de Alencar não quiz ponderar nada disto; e só fallou o seu resentimento. Teve mais uma vez occasião de ser eloquente e mostrar os recursos de seu estylo, a *verve* de sua imaginação; mas



isto não passou de um triste consolo; a avidez com que liam os seus artigos, depois de um celebre *Ecce iterum Crispinus*, em que Juvenal forneceu-lhe thema para sustentar cruelmente a corôa, não compensava o travo que a setta hervada lhe deixara na alma.

Tarde vieram as explicações. Só uma cousa colheu-se de todos esses desacertos,— a desorientação de um espirito eminente. A final de contas quem o feria sabia perfeitamente até onde ia o dardo adrede preparado. E conseguiu seu fim, porque desde essa época José de Alencar deixou de ser o homem que era. Foi um mal, um grande mal para nós, que tinhamos o direito de esperar da rejuvenescencia de seu talento, ainda em todo seu vigor, um novo impulso ao influxo das idéas, que começavam a caminhar no paiz. E esse desastre devemol-o justamente áquelle que, no estrangeiro era apontado como o mais extrenuo fomentador das nossas letras! A simples *goucherie* do ministro não autorisava uma punição semelhante, parecendo que o facto de buscar-se assim a falha da armadura do homem, não indicava sinão a inconfessavel queda, que, segundo dizem, sempre manifestara o monarcha pela demolição das individualidades.

José de Alencar por fim sentiu que as flôres do seu estylo não bastavam já para sustental-o, e que o publico para o qual appellava não o acolhia com o carinho a que tem direito os homens justos e populares. Desde então encheu-o um sentimento como de quem se acha em um terreno escoregado: nem o favor dos grandes, nem a sympathia publica. Este estado de espirito gerou-lhe uma magoa incuravel, acompanhada de um pesadume horrivel; começou a época dos desenganos e dos grandes desalentos. O céu dourado de sua patria deixou-se aos poucos escurceer, e o enthusiasmo dos

primeiros annos transformou-se na raiva e no pessimismo. O grupo dos adversarios, que até aquella época o haviam respeitado, desencadeou-se; e bastou este signal de defeccão para que os menos corajosos se atirassem sem commiseracão sobre sua bagagem litteraria, encetando uma cruzada demolidora contra o seu nome e a sua fama. O primeiro exemplo já tinha sido dado pelo redactor do *Quinze de Julho*, que não poupára meios nem modos de feril-o no que havia de mais sensivel e sagrado. Foi o ultimo golpe, que os máus coraçõs saborearam a longos sorvos. Tambem não custou muito que o corpo, gasto pela luta, por um trabalho incessante, por uma deslocação impropria do seu temperamento, não talhado para esforços em um terreno desconhecido, em que só o talento o sustentava, exigisse seu quinhão nas influencias que teriam dahi em diante de determinar a marcha de seu espirito. Recrudesceram certos incommodos do figado, e uma cõr esverdinhada nunca mais deixou-lhe a face, denunciando o estrago que a bilis operava, minando-lhe os intestinos.

Não ha quem hoie ponha mais em duvida que as funcções do cerebro, a intelligencia, a imaginação estejam immediatamente subordinadas aos órgãos mais grosseiros. * Somos sempre o que o estado sadio ou não

* « O espirito é constituido não só por funcções affectivas como por funcções intellectuaes e motrizes. Em todo acto mental ha um *consensus* destas tres especies de funcções, e as affectivas do cerebro, que estão provavelmente sob a influencia directa das funcções visceraes da vida vegetativa, são o fundamento das emoções e das impulsões: são ellas que dão a nossa vida intellectual e á nossa actividade força, coherencia, unidade. Na loucura, a influencia dessas sympathias organicas é assignalissima, porque então acontece que o estado morbido de uma viscera torna-se o ponto de partida de um sentimento pealvel, posto que indefinido, de depressão profunda que termina por tomar a fórma de uma allucinação definida. O mesmo succede nos sonhos:



de nossos orgãos permite que sejamos. Mais de um exemplo poderia eitar de autores cujo estado morbido se tornou celebre, coneretizando-se em uma feição partieular nas obras, no estylo. O Paseal das *Provinciaes* não é exactamente o mesmo das *Pensamentos*: alli um espirito são, robusto, lueido, ironico, o acerrimo adversario dos Jesuitas; aqui a alma esmorecida e agonisante, a olhar fixamente para o eéu, bem perto do extasi ou do misticismo; e para este effeito não foi preciso mais do que um susto e uma perturbação chronica das funcções digestivas. Miseros que somos! devemos a maior parte dos nossos melhores pensamentos ás nossas boas digestões.* Em José de Alenear deu-se igual phenomeno. O autor ridente do *Guarany* não é o mesmo do sombrio *Gaucha*. O estado morbido, pois, veio alterar-lhe consideravelmente o caracter; por consequencia o seu modo de vêr como artista começon a accentuar-se por um lado novo. Una sombra, um véu lugubre, uma nevoa angustiosa interpoz-se entre o seu espirito magoado e os mesmos objectos, que outr'ora se lhe mostravam tão feiticeiros e cheios de vida. Certas excentricidades despontam aos poueos aqui é alli, e o rosco de suas composições con-

quando dormimos com um desarranjo funcional em uma das visceras, raro é que não tenhamos sonhos determinados pelo sentimento vago de depressão, que se origina na perturbação organica: cremo-nos repellidos, afflictos, condemnados á morte, assistindo ao proprio enterro; em uma palavra, o *eu* sente-se opprimido por um modo, ou por outro, e o drama do sonho se caracteriza lugubre por causa do tom affectivo resultante da perturbação funcional. • Maudsley, *Physiologie de l'esprit*, pag. 36, trad. Herzen (1873).

* Os gregos tinham uma palavra muito expressiva para significar a *amenidade*, palavra que litteralmente quer dizer — uma pessoa que tem bons intestinos, e por consequencia humor facil, complacente, de bom accommodar. *Eucotos*, em bom francez, — *qui a des bons boyaux*. • Deschanel, *Physiologie des écrivains*, pag. 136.

verte-se no violaceo das tardes tristes. Por entre os destroços do seu mundo iriante e arabico derrama-se uma misanthropia, que muito a custo lhe assenta.

São palavras suas no *Gaúcho* :

Que significa este nome — *Senio* — no frontispicio de livros que vezes benevolas da imprensa já attribuiram a outrem ?

Cada um fará a supposição que entender.

Era preciso um appellido ao escriptor destas paginas, que se tornou um anachronismo litterario. Acudiu esse que vale o outro e tem de mais o sainete da novidade.

Porventura, escolliendo aquella palavra, quiz o espirito indicar que para elle já começou a velhice litteraria, e que estes livros não são mais as flôres da primavera, nem fructos do outomno, porcm sim as desfolhas do inverno ? Talvez.

Ha duas velhices : a do corpo que trazem os annos e a da alma que deixam as desillusões.

Aqui, onde a opinião é terra sáfara, e o mornaço da corrupção vac crestando todos os estímulos nobres ; aqui a alma envelhece depressa. E ainda bem ! A solidão moral dessa velhice é um refugio contra a idolatria de Moloch.

Todavia, não se perca de vista a seguinte observação : todas as alterações se operavam sobre esse fundo immovel, que o homem nuncá abandona e constitue o que em physiologia chama-se *caracter*. * Quero

* O caracter está para as circumstancias exteriores na mesma razão que o organismo para o mundo externo. Uma maravilhosa variedade de organismos entré vegetaes e animaes vive e floresce no meio de circumstancias que lhes fornecem os meios de vida, mas que não determinam a sua *forma específica*. Do mesmo modo vemos varios caracteres viverem em circumstancias *identicas*, por ellas alimentados, sem que se lhe devam a formação. Cada caracter assimilla do ambiente quejo cerca tudo quanto lhe é assimilavel e repelle o resto, exactamente como a planta que absorve os elementos necessarios para a composição da seiva. Não ha biologista que ignore que as circumstan-

com isto dizer que o José de Alencar do *Guarany* não se elimina de todo, e que a *sensação original*, que preside a sua obra artistica, ha de se manifestar em substancia sempre a mesma, com a differença sómente do desvio dos raios visuaes, da refracção da luz e da intensidade de sentimento; que elle por distracção deixa de empolgar a sua presa com o mesmo ardor de outr'ora. O caracter não muda, modifica-se. Esta garantia de estabilidade é o que constitue o *eu*; só com a dissolução ou com o desconcerto total da machina humana pôde elle desaparecer. Foi precisamente o reconhecimento desta verdade, já vagamente formula-la no seculo passado por Buffon — o estylo é o homem —, que fez com que um autor dissesse que Raphael, ainda mesmo mettido em uma taberna e obrigado a pintar beberrões, collocar-lhes-ia sempre nos olhos uma expressão apostolica. E' o caso: José de Alencar, ainda que influenciado pela enfermidade que o minava, no fundo não deixa de ser o gracioso autor do epilogo do *Guarany*. Mudam-se as tintas, mudam-lhe a composição da palheta, esfuma-se-lhe o quadro, certas figuras preoccupam-n'o agora mais do que outras, apraz-se-lhe a vista de preferencia no mankin, com desprezo do rosicler; mas a mão que maneja o pincél é sempre a mesma; tremula ou enfusiada, sem a segurança ou a nitidez dos primeiros dias, mas sempre a mesma.

O primeiro romance que José de Alencar publicou,

elas têm apenas uma influencia modificadora, e que estas modificações desenvolvem-se dentro de certos limites. A abundancia de alimentação e um tratamento especial podem modificar a ferocidade de um animal bravo, porem nunca farão de um leão um cordeiro.» Lewes, *Life of Goethe*, vol. 1, pag. 23.



depois da crise politica, foi o *Gaúcho**, planejado em época muito anterior ; contudo os caracteres, queahi se exhibem, desenvolvem-se na direcção precisa que seu espirito havia tomado. Veja-se desde logo como a paisagem se colora e se caracteriza ao influxo dos novos sentimentos que lhe tumultuavam na alma.

Como são melancolicas e solennes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Uruguay e seus affluentes.

A savana se desfralda a perder de vista, ondulando pelas sangas e cochilhas que figuram as fluctuações das vagas nesse verde oceano. Mais profunda parece aqui a solidão, e mais pavorosa, do que na immensidade dos mares.

E' o mesmo ermo, porém sellado pela immobildade, e como que estupefacto ante a magestade do firmamento.

Raro corta o espaço, cheio de luz, um passaro erradio demandando a soubra, longe na restinga do mato que borda as orlas de algum arroio. A trecho passa o poldro bravo, desgarrado do magote; cil-o que se vae retougando alegremente babujar a gramma do proximo banhado.

No seio das ondas o nauta sente-se isolado ; é atomo envolto numa dobra do infinito. A ambula immensa tem só duas faces convexas, o mar e o céu. Mas em ambas a scena é vivaz e palpitante. As ondas se agitam em constante fluctuação ; tem uma voz, murmuram. No firmamento as nuvens cambiam a cada instante ao sopro do vento : ha nellas uma physionomia, um gesto.

A teta oceanica, sempre magestosa e esplendida, resumbra posante vitalidade. O mesmo pégo, insondavel abysmo, exubera de força creadora ; myriades de animaes o povoam, que surgem a flôr d'agua.

O pampa ao contrario é o pasmo, o torpor da natureza.

O viandante perdido na immensa planicie, fica mais que isolado, fica oppresso. Em torno d'elle faz-se o vacuo : subita paralyisia invade o espaço, que pesa sobre o homem como livida mortalha.

* Esta publicação data de 1870.

Lavor de jaspe, embutido na lamina azul do céu, é a nuvem.

O chão semellia a vasta lapida musgosa de extenso pavimento. Por toda parte a immutabilidade. Nem um bafo para que essa natureza palpite, nem um rumor que simule o balbuciar do deserto.

Pasmosa inanição da vida no seio de um alluvio de luz ?

O pampa é a patria no tufão.

Ali, nas estepes nuas, impera o rei dos ventos. Para a furia dos elementos inventou o Creator as rigezas cadavericas da natureza. Diante da vaga impetuosa collocou o rochedo ; como leito do furacão estenden pela terra as infindas savanas da America e os ardentes areas da Africa.

Arroja-se o furacão pelas vastas planicies ; espoja-se nellas como o pódro indomito ; convolve a terra e o céu em espesso turbilhão.

Afinal a natureza entra em repouso ; serena a tempestade ; queda-se o deserto, como dautes placido e inalteravel.

E' a mesma face impassivel ; não ha alli sorriso, nem ruga. Passou a borrasca, mas não ficaram vestigios. A savana permanece como foi hontem, como ha de ser amanhã, até ao dia em que o verme homem corroer essa crosta secular do deserto.

Ao pôr do sol perde o pampa os toques ardentes da luz meridional.

As grandes sombras, que não interceptam montes, nem selvas, desdobram-se lentamente pelo campo fóra. E' então que assenta perfeitamente na immensa planicie o nome castelhano. A savana figura realmente um vasto lençol desfraldado por sobre a terra, e velando a virgem natureza americana.

Essa physionomia crepuscular do deserto é suave nos primeiros momentos ; mas logo após resumbra tão funda tristeza que estringe a alma. Parece que o vasto e immenso orbe cerra-se e vac mingando a ponto de espremer o coração.

Cada região da terra tem uma alma sua, raio creador que lhe imprime o cunho da originalidade.

A natureza infiltra em todos os seres que ella gera e nutre aquella seiva propria, e fórma assim uma família na grande sociedade universal.



Quantos seres habitam as estepes americanas, sejam homem, animal ou planta, inspiram nellas uma alma pampa. Tem grandes virtudes essa alma. A coragem, a sobriedade, a rapidez são indigêneas da savana.

No seio dessa profunda solidão, onde não ha guarida para defesa, nem sombra para abrigo, é preciso afrontar as privações com paciencia, e supprimir as distancias pela velocidade.

Até a arvore solitaria que se ergue ao meio dos pampas é 'tyo dessas virtudes. Seu aspecto tem o quer que seja de arrojado e des-tendido; naquelle tronco derreado, naquelles galhos convulsos, na folhagem desgrenhada, ha uma attitude atletica. Logo se conhece que a arvore já lutou com o pampeiro e o venceu. Uma terra sêcca e poucos orvalhos bastam á sua nutrição.

A arvore é sobria e affeita ás inclemencias do sol abrasador. Veio de longe a semente; trouxe-a o tufão nas azas e atirou-a alli, onde medrou.

E' uma planta emigrante. *

O mundo mostra-se sempre da côr dos olhos daquelle que o observa. O pampa por certo não é para to los, principalmente para o coração do irrequiêto gaúcho, que o ama, que nelle sente-se expandir, o pampa não é a paisagem triste, algida, melancolica, inanida de vida, *esse torpor da natureza* que estringe a alma do poeta que o contempla. O verdadeiro pampa não foi observado pelo romancista; este que ali fica esboçado nas paginas do livro não passa de um sonho, de um pesadelo: pintura mais exacta das desolações, das tristuras, que povoavam a mente do escriptor.** Essas rizezas e asserções para-

* *O Gaucho*, vol. 1, pag. 4-5.

** José de Alencar nunca viajou nas provinciás do sul do Brazil. Tudo quanto, portanto, disse sobre a vida do gaúcho e costumes da provincia do Rio Grande do Sul, foi calcado sobre informações obtidas de pessoas que alli haviam estado de passagem.



doxaes, que o tornam *quasi* desconhecido, são o producto da sua nova maneira de vêr as cousas. A phrase angulosa, o pensamento brusco e a ausencia de fluidez extremam-no daquella casta e facil idéalisacão dos primeiros dias. Si o pampa fosse descripto na mesma época, em que o vimos com o olhar limpido e o gesto simplesmente turvado pela commoção poetica inspirarse nas scenas de sua terra, outros seriam os aspectos da natureza, que nesse quadro apparece tão pesada, tão esmagadora, cheia de um sentimento de desgosto tão pronunciado. Coteje-se com a descripção florida do Paquequer no *Guarany*, com a dos sertões de Jacobina nas *Minas de Prata*, com a do Ipú, Maranguape, e Mcejana, na *Truceza*, e vêr-se-á a grande differença dos dois estados mentaes em que uma e outras foram produzidas. Entretanto, em ambos os casos a solidão e o deserto constituem o principal objecto de contemplação artistica. Mas, como agora o prisma se deixou embaciar e perdeu a sua brilhante e faustosa limpidez, o seu predilecto Brazil aos poucos vae-se esquecendo de que é esse paiz encantado, que se ostenta nas obras anteriores, para surgir na tēla com as proporções das margens do Asphaltite.

Seus livros não são mais aquellas elações sublimes de poeta oriental para a região das illusões eternas; ao contrario disso, transformam-se em repositórios disfarçados das suas queixas, dos seus despeitos, que

As notas mais importantes e scenas mais caracteristicas do livro foram escriptas sobre apontamentos que um parente seu, militar, ministrou-lhe de volta da campanha do Rosas. Estes apontamentos dormiram na pasta por longos annos, e só em 1870, quando já haviam perdido o calor que lhes poderia dar o enthusiasmo do narrador de viva voz, lembrou-se o autor de traduzil-os em um romance.



involuntariamente se vão ampliando, estendendo, multiplicando, através das antigas e suaves concepções, em allusões políticas, pretenções a jeremiadas, no fim das quaes annullam-se os intuitos litterarios, a vitalidade mesmo dos personagens, para só apparecer forte, vigorosa, a sua misanthropia encarnada nos heróes dos novos romances. *

Pela primeira vez, no *Gaúcho*, a mulher deixa de ser o ponto central de suas composições. Como que des-ponta-lhe uma obsessão demoniaca, que, afrouxando os laços que o prendiam ás *miniaturas gentis* e á candura natural, concentra todos os esforços de sua imaginação sobre uma sombra de Banquo. Essa sombra é o pessimismo, o desgosto, o amor proprio offendido, que, desconhecendo-se, systematisa-se, coordena-se em figuras, em fórmãs litterarias. Este sentimento, ou antes este estado doentio, engrandecido pela idealisação, que continúa a trabalhar com a mesma intensidade em seu espirito, imminente agora a tudo quanto constitue o amor do artista, não só ênsombra os sorrisos de Cecilia e Iracema, nas suas novas creações feminis, como abre brecha á irrupção de caracteres ferozes, mas de uma ferocidade illogica, de scenas truculentas, mas de um horror vacillante, indeciso, incongruente, como o que se experimenta em somnos mal dormidos.

O que quiz elle exprimir com esse homem singular dos pampas, esse Manoel Canho, triste, excentrico, cruel, em opposição a tudo, revoltado contra a sociedade, ali-

* As unicas allusões politicas, feitas antes d'isto por José de Alencar em obra litteraria, são as que se encontram nas *Minas de Prata*, vol. 1, pag. 122 e 123, e em uma nota da *Iracema*, pag. 231 (3.ª ed.), em que o autor fala na diversão que a litteratura lhe procurava contra a tristeza que lhe infundia o estado da patria entorpecida pela indifferença.

mentando systematicamente o odio contra os homens, isolado como uma fêra no deserto, perlustrando, cheio do pensamento homicida, as vastas savanas, sem uma palavra de amor para seu semelhante, nutrido sômente da dedicação que encontrava na convivencia dos irracionaes? Esse moço, que parece não ter coração nem para o sexo opposto, que não desfolha um sorriso de meiguice para os parentes, que prefere a sociedade da tropilha, para si a unica e verdadeira humanidade, a quanto encanto possa existir na vida de familia, nos serões do povoado, nas festas em que o peão sente-se feliz, não será uma victima simplesmente de uma preocupação absurda, que o elimina do seio da humanidade e o torna injusto e desarrazoado? Bem sei, e é facil verificar pela emphase do livro, que não foi este o pensamento do autor. José de Alencar pretendeu fazer desse personagem um vingador da justiça expatriada e acoutada no deserto. Isto não obsta, porém, a que chegue-se á conclusão de que o typo descripto nessas paginas nada tem de externo ao poeta, o qual, longe de colhel-o na observação dos caracteres existentes no meio em que vivia, copiou-o inconscientemente da exaltação de sua sensibilidade. Esse phenomeno é muito vulgar em todos os autores em que a imaginação sobrepuja a razão. E' o que ter-se-ia notado em Carlyle, depois de seu recolhimento em Chelsea, si elle fosse romancista; é o que se terá de notar em V. Hugo a contar do advento dos *Miseraveis*: um eterno monologar de vidente, de propheta, distribuido por diversos personagens, que se movem como automatos.

Facile credimus quod volumus. As obras de Shakespeare nunca tinham sido leitura attractiva ao espirito do autor do *Guarany*. O lar approximara-o dessas ereações



gigantescas, que causam vertigem sempre que se as lê com alma; esta approximação, no meio de suas decepções. acaso o fez acreditar que tinha chegado o momento de penetrar-se dos tons solennes, que tornaram Hamlet um rochedo inacessivel á critica de todos os tempos. Manoel Canho viveu em sua mente como uma alma profunda e hamleticamente indignada. A lembrança do assassinato de seu pae, committido pelo Barreda, e o casamento de sua mãe attraem-no ao sangue como ao tonno bravio as suggestões do baidarilheiro. Mas constituirá essa paixão sanguinaria a elevação real de um character? Si não passa de uma preoccupação, de uma idéa fixa, de um *tic*, não lhe encontro causas pathologicus; e, saltando do infeliz principe dinamarquez para o desgraçado Macbethi, é indubitavel que as difficuldades são ainda mais resistentes. E' que o Canho não pôde ser um estudo feito sobre a natureza humana; é simplesmente um pesadelo concretisado, um phantasma saído das profundezas de uma alma alquebrada, projectando-se, por um esforço da phantasia, com todas as incongruencias agitadas na imaginação onde gerou-se, em um scenario real, mas descripto de outiva. Doze annos viveu Canho no deserto afagando a idéa da vingança; e só porque um dia, encontrando o Barreda, teve d'elle compaixão e não o matou, antes ajudou-o a curar-se de uma enfermidade que o havia prostrado em leito de morte, duvidou de si e «dessa rispidez e concentração que eram a repercussão interior da pouca estima em que tinha geralmente a raça humana.» Entretanto, logo adiante, consola-o a idéa de que fôra a predestinação que o impellira a poupar o Barreda. « Aquelle homem era sagrado para elle como a victima já votada ao sacrificio. A idéa de



que elle havia de mata-lo tornava Manoel compassivo, não para o assassino de seu pae, mas para o enfermo que se revolvia no leito de dôres.» E por fim mata-o de um modo éstrondoso, tendo o satânico prazer de atravessal-o com a mesma lança, que doze annos antes fôra deixada no corpo exangue do autor de seus dias. Basta este traço para comprehender-se a inconsistencia emphatica de semelhante character, que, afinal de contas, por mais que se eternize em protestações contra a sensibilidade, não deixa de revelar os rudimentos de um coração, que, sem a crosta dos azedumes, sem os caprichos, os impulsos que a preocupação do ex-ministro da justiça lhe communica, devolveria para os sympathicos *typos* já descriptos.

O pendor natural da indole do romancista leva-o, na ultima parte do romance, a transigir com a rispidez do misanthropo. Manoel Canho chega a amar Catita; e, por mais que este amor se apresente convulso, extraordinario, por mais que se inenlque furioso, a devastar a alma do gaúcho como o pampeiro as infindas savanas, ninguem se persuade de que no fundo não transparecem uns residuos do cavalleirismo de Estacio, de Pery, de Alvaro. Verdade é que nessa luta, em que se empenha o autor para manter a logica do Canho, elle o obriga a esquecer-se de Catita, deixando-a casar com Romero; mas não se passam muitos dias sem que este cúa sob o punhal homicida do cioso gaúcho, que, não encontrando franca solução ás tergiversações de seu genio, cavalga o potro, arrebatá a amante, e desaparece em uma dobra do horisonte, envolvido em um tufão medonho, em uma especie de cataclysmo.* O Canho em summa

* A catastrophe é o final obrigado de todos os romances de José de Alencar.



nem é Hamlet, nem Macbeth: é puramente o desarrazoamento de uma natureza, que, predisposta para o amor, para a ternura, para o riso e para as flôres, perturba-se, contradiz-se, mal acondiciona a raiva, os maus sentimentos, a perversão calculada, confundindo as flôres, que despontam em torno de si, com os cardos e urzes, saturando o ar de aromas aces, abafando a repercussão melódica com accordes rudes e violentos, sem a energia e a eloquência das naturezas constitucionalmente orientadas para o mal.

Seja como fôr, a penumbra, em que se agitam os novos personagens, aniquila quasi todo o encanto das suas creações femininas, que, si bem que guardem o donaire das primeiras, perdem muito da sua frescura. As pobresinhas não encontram mais espaço franco para espanejarem-se na scena, que se enche toda com a hypertrophia das figuras masculinas, sobre que recae a melhor parte das atenções do escriptor. O culto á mulher desaparece; não é ella mais o centro do universo; seus olhos esgazeam-se; o céo torna-se tempestuoso; a paisagem cobre-se de uma côr cinzenta e triste. Os rios não rumorejam, as aves emudecem, o homem não sorri. A' senhora succede a victima: ao amor o medo. Catita ante Manoel Canho representa a rôla fascinada pela serpente. Não era por certo assim que captivavam Cecilia, Carolina, Inezita, Iracema, Lucia e Diva; estas eram soberanas, quando não soberanas, caprichosas; Catita, porém, nunca pensa em insurgir-se contra o amor do gaúcho, que se impõe. Sem cavalheirismo, animalisado, o homem abandona os sentimentos doces, que o civilisam, para mostrar-se unicamente pelas arestas de quem vive habituado com feras e cavallo. Perdida então a magia exercida pela mulher,



como que uns movimentos epilepticos se apoderam de seu espirito, e dali os esgares dessa imaginação, outr'ora tão rutilante, nas scenas do amansador, da Morena em flagrante delicto de caridade materna para com o filho de uma outra, da dedicação da tropilha que acompanha o gaúcho como bando de verdadeiros apaniguados... Desvarios que lembram muito de perto as extravagantes creações de V. Hugo no *Homem que ri*, e synthetisam as vinganças e represalias de um poeta desnorreado. Pois que a sociedade não o comprehendia e era tão má, tão detestavel, que repellia de seu ceio, como o mar ao ambar perfumoso, os seus productos mais vigorosos; pois que os homens eram tão estupidos, grosseiros, egoistas e perversos, que o afogavam na indifferença e no sorriso ironico: ao menos fossem obrigados por aquelle quadro eloquente a reconhecer que a natureza, elevando-os acima dos brutos, só fizera selecção do que nelles existia de mau, de horrendo, deixando sem oriente nas faças inferiores tudo quanto de sublime e amavel podia constituir o orgulho da humanidade.

Que maior desafio poderia um autor atirar á face do mundo do que o que fica estereotypado nas linhas que se seguem?

Afastára-se Manoel para descansar o corpo sobre a gramma. Enquanto festejava a baía seu poldrinho, sem nunca se faltar de o vêr e possuir, dormia o gaúcho um somno breve, mas profundo e reparador. Era tarde caída quando despertou.

Voltava a turdilha, guiando as selvagens coudelarias, que vinham felicitar a exilada pela sua boa volta aos serros nativos. Os relinchos de prazer, as alegres cabriolas, não tinham que invejar ao mais terno agasalho da familia que revê a irmã perdida. Si differença houve foi a favor dos agrestes filhos dos pampas. Nenhum se lembrou que era mais uma fone para a communhão. O cavallo é sobrio e generoso.



Erguendo-se o gaúcho, dispararam os magotes, e sumirau-se por detraz de nu serro. A baía, porém foi ter com as irmãs e conseguiu que tornassem. Outra vez apparecem o bando, mas parou em distancia ao signal do chefe, soberbo alazão, cuja estampa magnifica desenhava-se em miniatura no lindo poldrinho recém-nascido. O altivo sultão do selvagem harem avançou cheio de confiança.

Tinha a morena contado o que por ella lizera sen bemfeitor?

O pae do magote e o gaúcho saudaram-se como dois reis do deserto. Não houve entre elles affagos, nem familiaridades; mas uma demonstração grave de utilno respeito e confiança.

Quanto, porém, ás companheiras da baía, essas, apenas viram o alazão approximar-se do gaúcho, fizeram-lhe uma festa como não se imagina. Manoel recebeu-as a todas com a effusão e prazer que sentia por essa raça predilecta. A uma alisava o collo, a outras penteava as elinas, ou amimava-lhes a garupa. E todas se espreguiçavam de prazer e trocavam signaes de grande affeição, como se fossem amigos de muito tempo.

Nunca Manoel sentira tamanho prazer. Achar-se no meio daquelles filhos livres do deserto; admirar de nma vez tão grande numero de lindos e altivos corecis; deleitar-se na contemplação das estampas mais elegantes e garbosas; admirar a casta em sua pureza, e nos mais bellos typos, ennobrecidos pela independencia e liberdade; ha gozo que se compare a este para um peão?

O avaro, nadando em ouro, não teria as ineffaveis emoções de Manoel naquelle momento, no meio dos magotes que o festejavam, escaramuçando em torno. Tambem elle era filho do deserto, e desejaria fazer parte daquella familia livre, si outros cuidados não o chamassem além.

Cuidou enfim o gaúcho da partida. Cumpria o dever de... ia dizer de humanidade e talvez não errasse, tão intelligente e elevado era o sentir dessa alma pelo brioso animal, que elle prezava como o companheiro e amigo do homem! Para elle, que devassava e entendia os areanos da organização generosa, o cavallo se elevava ao nivel da creatura racional. Tinha mais intelligencia que muitas estatuas ermas de espirito; tinha mais coração que tantos bipedes implumes e acardiacos.



Não direi comtudo dever de humanidade, mas de fraternidade o era de certo; posso affirmal-o.

Manoel considerava-se verdadeiro irmão do bruto generoso, bravo, cheio de brio e abnegação, que lhe dedicava sua existencia, e partilhava com elle trabalhos e perigos.

Teria a si em conta de um egoista e cobarde si não seguisse os impulsos de seu coração, restituindo um ao outro, aquella mãe orphã ao filho desamparado. Agora que estava uma tranquilla e contente e outro salvo e reanimado, e completa pela mutua adhesão aquella dupla existencia, podia-se ir socegado; e o devia quanto antes, que um dever imperioso o reclamava em outro logar.

Esse dever sim, sim, era humano; era a vingança do filho contra o assassino que lhe roubára o paé.

Segurou Manoel, com o fragmento do laço do caçador, uma egoa rosilha, que já não tinha poldrinho a amamentar. Nenhuma resistencia fez o animal; todos se haviam rendido á influencia mysteriosa do gaúcho; e todos desejavam tanto mostrar-lhe seu affecto, que houve quasi quierellas e arrufos de ciumes pela preferencia dada á rosilha.

Quem mais se agitou com esta escolha foi a Morena. Embebida até então com o poldrinho, toda ella era pouca para a satisfação e alegria daquella restituição. Multiplicava-se; havia tantas mães nella quantos sentidos; uma nos olhos que embelham o filho; uma nos ouvidos, que o escutavam; uma na lingua que o lambia; uma nas avidas narinas, que o farejavam; uma no tacto com que o conchegava.

Mas onde estava ella sobretudo era naquelle sexto sentido, exclusivamente materno, que reside nas têtas lacteas, o sentido da sucção, pelo qual a mãe sente que se derrama no corpo do filho, e se transporta gota a gota para aquelle outro cu.

Percebendo o movimento do gaúcho, foi a egna arrancada ao jubilo materno pela lembrança do que devia ao bemfeitor. Correu para elle; e, afastando meio agastada a rosilha, cingiu com o pescoço a espadua do amigo.

Manoel abraçou-a entre sorriso e magoa.

— Pensavas tu, Morena, que me iria sem abraçar-te? Adeus!...
Levo de ti muitas saudades. A corrida que demos juntos, nunca, nunca hei de esquecer-a!... Duvido que já alguém sentisse prazer



igual a esse. Falam outros das delicias de abraçar uma bonita rapariga : si elles te apertassem como eu a cintura esbelta, voando por estes ares !... Adeus ! Lembranças ao alazãozinho.

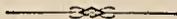
Arrebatando-se á emoção da despedida, pulou Manoel no costado do rosilha e apartou-se daquelle sitio.

No momento em que virava o roslo, que tinha voltado para ver a baía, esfregou as costas da mão pela face esquerda.

Seria uma lagrima que brotava alli !

Ficou-se immovel a egua, com a grande pupilla negra fita no cavalleiro que afastava-se rapidamente. Seu peito arfava com ornejo profundo, que parecia um soluço humano. *

O *Gaúcho* resume-se todo nesta scena singular. Aberto o livro, e lidas ao acaso paginas como esta, ninguém duvidaria ter diante dos olhos uma imitação das *Viagens de Gulliver*, cheia de um humorismo implacavel. Infelizmente, porém, não se trata de fabulas engenhosas a Swift, em que as coleras do moralista ou do misanthropo, senhor de si, se traduzam em phantasias caprichosas, mas expressivas. Ligadas ao resto da obra fazem entristeeer. O autor fala convicto ; o livro é um romance de costumes, e pretende basear-se na observação. Desde o momento que dobra-se a ultima pagina, a impressão, que invade o leitor, é a de um verdadeiro somnambulismo litterario, em que, já desviado por natureza do sentimento do real, o poeta perde tambem a percepção antithetica, que liga o phantastico á vida positiva e consciante.



* O *Gaúcho*, vol. I, pag. 93-103.



VI

O MESMO ASSUMPTO

1865 — 77



O *Tronco do Ipê* continúa a desenvolver progressivamente o typo misanthropo do *Gaúcho*. E' o mesmo subjectivismo, a mesma preocupação de superioridade a soterrar toda a vida objectiva do livro. A scena fica completamente cheia com a figura de Mario; o seu desgosto, a sua revolta, aquillo que o autor chama energias de uma alma digna, ainda consegue supplantar o elemento feminino, se é que não o desvirtua por uma vez. Irmão gêmeo de Manoel Canho, só com a differença das exterioridades e de uma approximação mais completa das indignações que sitiavam a alma do poeta, o heróe do novo romance impõe-se logo á imaginação como uma affronta a todos os sentimentos francos e bondosos da raça



humana. E' desagradavel o typo desse Hamlet-mirim, que, na idade em que todos folgam e desarrazoam ao acaso, já perturba-se com um orgulho descommunal, e succumbe á idéa de vingar-se na sociedade da morte de seu pae. Character sombrio e cheio de pontos meticulosos, como que José de Alencar combinou-o depois de haver atravessado alguma dessas muitas criptas que constituem os incidentes da nossa carreira pela terra. A fachada mesmo do edificio é lugubre ; o primeiro capitulo do livro um pesadelo, um verdadeiro vestibulo de casa mortuaria. Aquelle pae Benedicto, decrepito e demente, a pronunciar palavras desconnexas « como um instrumento perro a que houvessem dado corda, saltando a cantilena soturna e monotona, que é o eterno soliloquio do africano, » * previne o leitor contra a indisposição em que tortura-se o espirito do romancista.

E' certo que ao volver as primeiras paginas descortina-se a fazenda de *Nossa Senhora do Boqueirão* com seus prados risonhos, seus bosques ensombrados, suas paisagens planturosas, que um grupo de crianças travessas e brincalhonas percorre de troça com uns pagens petulantes e mucamas afaiscadas. Não tarda tambem a emergir desse fundo ceruleo a interessante Alice, « viva, agil e subtil como o passarinho, com os grandes olhos velutados de azul, sempre limpidos e serenos e os labios mimosos sempre em flôr, » a contrastar ** com a ele-

* *Tronco do Ipê*, vol. I, pag. 9 — 11.

** José de Alencar era muito amigo dos contrastes.

Em quasi todos os seus romances ha sempre uma moça morena de cabellos negros fazendo *pendant* á heroína, em regra loura e angelica. Foi um habito adquirido no estudo da *maneira scottiana*.

No *Guarany* Cecy e Izabel, nas *Minas de Prata* Inezita e Elvira, e assim por diante.



gante Adelia, dotada «da graça da rosa nascente», meio seria, meio rispida, com os seus gestos de *miss* aclimada. * Pelo decorrer da historia ha descripções de um encanto e de uma frescura tamanha ; ha scenas tão vivas entre as crianças que formam a parte mais curiosa do livro ; entre Mario e os companheiros desenrolam-se dramazinhos tão risonhos ; aqui e alli murmureja um arrabil tão chilhante, que se torna impossivel desconhecer a penna que escreveu *Cinco minutos e Vivinha*. Mas tudo isto se vae estendendo na tela como fios de ouro, entretecidos com outros de uma côr triste e denegrada, que roubam-lhes o brilho e por fim os obscurecem. Mario alli está, e não se esquece de que constitue a grande projecção do livro. As limpidas aguas do lago, onde boiam os nenuphars e pousam as gaivotas e os irerês, elle as vae perturbar e revolver, trazendo a superficie a vasa de um genio perverso, contradictorio, só feito para provocar soffrimentos alheios e em regra por causa de nonada. Não importam as suas cabriolas de criança, nem as suas digressões jocosas, nem as pirraças de Lucia com o Martinho, o pagem que o segue. Já em começo a mucama Euphrosina chamava-o de exquisito e menino máu. Elle é frio, «de poucas palavras, movimentos graduados, como quem quer tomar uns ares de homem serio,» e tem «internitencias incomprehensíveis, durante as quaes se operam as expansões energicas e vigorosas de seu organismo.» O autor, apezar de tornal-o indefinivel, compara-o ao «gamo condemnado por muito tempo á immobilidade, que, uma vez solto, arroja-se sempre por despenhadeiros e precipicios.» Mas o que não se encontra verdadeira-

* Obr. cit., vol. I, pag. 20.



mente é o motivo dessa *idiosyncrasia moral*, como elle a qualifica, sem que isto opponha-se a que a eriança caprichosa governe seu caraeeter e prometta «para mais tarde o homem de boa tempera capaz de grandes commettimentos.» * O que torna-se duvidoso, entretanto, é que a desenvolução de uma idiosyncrasia possa transformar-se nunca em virtude; e de facto o que de real existe no temperamento de Mario é o progresso rapido de uma mania, que o romancista inconscientemente insinuou na alma do personagem, em que mais se esmeou. E Mario vivia em uma casa, em que se suspeitava existir o assassino de seu pae; esta idéa o persegue de continuo e erava-se-lhe na mente como a *idéa-verrumba* de que falla o poeta dos *Trabalhadores do mar*. Embora não passe dos treze annos de idade, não deixa de possuir força bastante para arranear o segredo, que o persegue, das brumas que o envolvem, «interrogando a propria natureza inanimada». E' admiravel que uma tão tenra criatura pudesse emprehender uma luta semelhante. Isto não obsta a que o faça.

Debalde os rochedos irriçavam suas fragas e alcantis, como púas terriveis, ou abria suas gargantas profundas e medonhas para sumir o imprudente, cujo pé deslissasse á borda do precipicio. Debalde o lago sombrio, povoado das plantas, mas que a tradição fazia vagar por suas margens, envolvia-se, como em sudario, na solidão fria e glacial, exhalando pelas fendas do penhasco o lugubre estertor do redomoinho, a se estorceer em convulsões... Nenhuma dessas ameaças do ermo, nenhuma dessas coleras da natureza selvagem fez recuar o menino. Elle avançava, hesitando, é verdade; seu coração batia mais apressado; seus olhos inquietos moviam-se com extrema mobilidade

* Obr. cit., vol. I, pag. 31.



de um a outro lado; frequentemente voltava a cabeça imaginando que um perigo qualquer o seguia passo a passo e estava prestes á cair-lhe sobre. As vezes parava para escutar os rumores indefiníveis da floresta, essa voz estranha que toma quasi ao mesmo tempo todos os tons, desde o gemido até o grito humano, desde o zumbir do insecto até o rugir do tigre, desde a gota que borbulha até a catadupa que ribomba.

Mas pouco e pouco, Mario foi se familiarizando com essas illusões do ermo, verdadeiras miragens da floresta: com a differença que as miragens dos desertos da Arabia são produzidas pela luz, as miragens de nossas matas virgens são o effeito da sombra nas horas mais esplendidas deste clima brilhante.

Mas a luta se travava entre aquelle menino audaz e aquelle abysmo terrível; um delles devia triumphar e vencer ao outro, ou o abysmo havia de devorar o menino ou o menino submetterá o abysmo e zombaria de sua colera.

Mario triumphou. Como o rochedo, a lage recebeu seu jugo.

Sondou elle as profundidades do boqueirão, e estudou sua carcassa; com a continuação, chegou a conhecer todos os incidentes do abysmo. *

Esta transcripção é bastante para fazer resaltar o gráu de phantasia até onde foi arrastado o romancista na construcção desse menino extraordinario. Não se póde conceber um orgulho mais desmarcado, nem uma violencia de character mais precoce. Uma vez, estando Alice quasi a morrer afogada no redemoinho do *Boqueirão*, elle atira-se á agua para salva-la; mas só uma cousa o impelle: é a ambição de vencer a voragem e arrebatat a filha do barão, a quem odeia de morte e pretende esinagar com um acto de heroismo. No anção de apresentar nessa criança impossivel o arcabouço de

* Obr. cit. vol. I, pag. 161-165.



um caracter de gigante, José de Alencar tateia, buscando acentual-o definitivamente em periodos cheios de evoluções phraseurgicas.

Não hei de encobrir os defeitos desse caracter, como não pretendo exaltar suas qualidades.

O coração de Mario desenvolvendo com um vigor prematuro as fibras da energia, da perseverança, do heroismo, da amizade e do odio ficára atrophiado a respeito da piedade, da sympathia, da ternura, de todos esses sentimentos brandos e suaves que formam o bemol da clave humana.

Em qualquer outro momento, si viessem dizer a Mario que a filha do barão finha morrido, elle sentiria apenas a surpresa que produz um acontecimento imprevisto, e essa turbacão do espirito diante do terrivel mysterio, todas as vezes que elle formula o seu inexoravel problema. *

Nunca se viu tamanho desdem, Mario não permite que o admirem; e, quando o pae de Alice, o barão a quem antipathisa, a quem odeia, chama a attenção de todos sobre o seu acto de abnegação, a resposta que elle dá é que o cão da Terra Nova mais facilmente vencia o homem em heroismos como aquelle. Não obstante esta ferasinha modifíca-se na juventude, e da maneira a mais illogica. Alguns annos, passados na ausencia do barão, que o educa e protege, são bastantes, justamente na idade em que os resentimentos de um *homem de character* mais se aggravam, para apresental-o razoavel e accessivel a todos os movimentos de uma natureza affectiva. O Rio de Janeiro é quem produz esta poderosa revulsão. Mario não custa muito a «adquirir esta admiravel sciencia que ensina a ir com o mundo, a acceital-o como elle é



realmente e não como o sonham os moralistas ; » e, como em muitos outros romances a transição opera-se entre sentimentos varios, entretecidos nas scenas do romance, por cima de verdadeiras impossibilidades physiologicas.* José de Alencar tinha este defeito. Facilitava muito as soluções nas ultimas paginas de seus livros.

Na *Guerra dos mascates* evoluem os mesmos typos, apenas com a circumstancia de enfraquecimento em intensidade, pela introdução clara de um elemento novo. Esse elemento é o satyrico. José de Alencar, sem querer talvez, transformou este romance em um pamphleto politico. Conhecem-se as hesitações. Ora o escriptor olha para os chronistas, para as memorias historicas do Gama Rabeca, ora para os individuos que o cercam, para os que o fazem rir ou que o aborrecem. Em todo caso prevalece a preocupação maligna do presente. Ha alli retratos, cuja semelhança é mais que muito irrecusavel. Não foi, portanto, sem razão que um jornal desta Capital indicon, por traz dos nomes de Sebastião de Castro Caldas, do capitão Barbosa Lima e do ajudante Negreiros, os vultos de D. Pedro II, Rio Branco e Sayão Lobato. São do proprio autor estas palavras: « Copiando o vulto historico (Sebastião de Castro Caldas), além de vingar a sua memoria contra a injustiça e o aleive dos coevos, erigi em vera effigie, para exemplo dos posteros, a estatua dessa politica *sorna, tibia, sorradeira e escorsa*, que á maneira de

* Obr. cit., vol. I, 127. 181.



carcoma rói e corrompe a alma do povo.»* Em lugar do governador colloque-se o imperador, e ter-se-á a época em que se desenvolve essa politica *sorna e sorrateira*. Não importa que o romancista logo adiante proteste antecipadamente contra aquelles que hão de querer divertir-se experimentando carapuças, á custa de seu livro, « o mais innocente de quantos já foram postos em lettra de fôrma, desde que se inventou esse genio do bem e do mal chamado imprensa. Os intuitos são manifestos, e a tarantula das allusões suffoca inteiramente aquelle sentimento das bellezas coloniaes, que resplende nas paginas das encantadas *Minas de prata*. Não lhe serviram os expedientes de Labruyére. A *Guerra dos mascates* é pois o menos historico de quantos romances escreveu o autor do *Guarany*. A attenção foi muito enfraquecida pelas moscas impertinentes, pelos *blue devils*; os personagens, usando de expressões do mesmo autor, « não são mais do que os manequins da chronica, semelhantes ás figuras de pãu e cêra em que os alfaiates e cabelleiros põem á mostra na vidraça roupas e penteados.»** Como desviar o espirito dessa obsessão, si logo no prologo da obra se entrega em cheio a composição de um tratado chocarreiro sobre as eleições em nossa terra? Relevam-se as aggressões systematicas ás instituições consagradas, pelo tom humoristieo, que o escriptor apropria, mas por ultimo o que resalta é a indisposição do ex-ministro que escrevera o *Dezeseis de Julho*.

Leia-se o seguinte :

* *Guerra dos mascates*, vol. II, pag. 44.

** Obr. cit., *ibid.*



Nesse homem de pello hispido e couro adiposo, ressumbrava certa expressão e geito suino que chegava algumas vezes até a grunhir. O tronco parecia Diogenes puro, mas lardeado de D. Quixote e trufado com Aretino. O todo afogado em grosso unto de Tartufo, mas com rija eodea de Catão, que formava os folhos do grande pastellão de carne e osso.

O antagonismo dos elementos aggregados no individuo, o traziam em tamanha anarchia, que se lhe desartienlava o pescoço a cada instante em torcicollos e tregeitos, como se a cabeça lutasse para despegar-se do corpo estranho, ao qual por engano a tinha ligado. Desse cacoceta lhe proviera uma volta do cangote, que o tornava um tanto corcunda.

Os que mais de perto conheciam o ajudante tinham-no em conta de homem ás direitas, e fiavam tudo de sua inteireza. Tambem disso damos testemunho; mas era de lamentar que a natureza não tivesse virado ao avesso tão excellente pessoa, mostrando-a antes pelo forro.

Diz um critico que Milton involuntariamente retratou Carlos I e Cromwell em Jehovah e Satan, o principe de Galles em Jesus, e o *menage* inglez, com toda sua *respectability*, no formoso par de Adão e Eva. O que o poeta inglez praticou por influencia fatal do meio e do momento, José de Alencar fel-o por malicia,— por uma malignidade, quasi estou a dizer, feminil. Da primeira á ultima pagina transpira uma jogralidade, que nada tem de commum, sinão pelo estylo, com o espirito sinceramente jovial, que se encontra no *Verso e reverso*. O livro é uma risada á força, e o *humour* a custo esconde o estado desagradavel em que se achava a alma do autor. Tudo se mascára; e cada personagem é uma caricatura, que se deforma, a mais e mais, preparando a *pose* para a farça, em que só resplandece a sanha do critico. * E tanto

* Ob. cit., vol. I, pag. 82.

isto é verdade que o proprio autor se convenceu de que não escrevia mais romances, e se apressou desde logo a dar á sua obra o nome de « *Prologo de comedia* ». Esta pretensão chocarreira parece ter perpassado pelas paginas tambem do *Garatuja*, publicado ao mesmo tempo, o qual aliás relembra de vez em quando os mais sentidos quadros das *Minas de prata*. Ha, por exemplo, alli o typo de um velho escrivão, que sem duvida alguma é parente muito proximo do respeitavel Vaz Caminha. Este bafejo do sentimento das chronicas e codices antigos não foi talvez sufficiente para eliminar as *boutades e clownices* de uma musa tão casta, tão virginal e amavel.

Onde vêm resurgir com toda a intensidade os aze-
dumes do *Gaúcho*, é no *Til*. « A alma, dizia o poeta de quem atraz falei, constitue sua propria habitação, e pôde dentro de si fazer de um céu un inferno ou de um inferno um paraizo.* »

No periodo da vida litteraria de José de Alencar, que estudo, realisava-se talvez um triste movimento do céu para o elemento adverso. O *Til*, com probabilidade, é o romance em que a sua maneira mais se quiz approximar dos padrões da nova escola; o pessimismo era a causa de tão curioso effeito. Descobrem-se no livro scenas, descrições, que apparecem de permeio com as pastoraes antigas, como laivos de tinta escura e differentemente manipuladas. O romance foi escripto

* « The mind is its own place; and in itself, Can make of a Heaven a Hell, or of a Hell a Heaven. » MILTON.



quasi todo em Minas, durante o tempo em que elle buscava allivio aos seus incommodos nas aguas de Caxambú. Traçou os melhores capitulos, por assim dizer, em cima dos objectos, e essa impressão tão directa fez sem contestação palpitar acremente muitos dos seus periodos. O festejo de congos, o samba, a scena em que Bertha vé-se perseguida e ameaçada de ser estripada por uma vara de porcos bravios, os perfis do Xico Tinguá e do Sussuarana são traçados por uma mão segura e quasi direi de um mestrealista. Conhece-se que no momento algum livro novo o impressionara, levando-o pelo estimulo até superfetar a sua verdadeira indole de poeta.

No *Gaúcho* já elle commettera, á imitação de Victor Hugo nas suas ultimas composições, uma exhibição de monstruosidades e extraordinarias concepções; no *Til* deriva de repente essa preocupação para umas exquisitas miniaturas, mais proprias, é verdade, de seu character, porém nem por isso menos dignas de serem apontadas e marcadas com a estampilha da extravagancia. Encontra-se uma solicitude em descrever scenas muito baixas e insignificantes, como, por exemplo, as visitas da menina Bertha aos seus xerimbabos, o que a mais de uma pessoa causou verdadeiro desapontamento. Em toda a obra não existe menos de quarenta paginas occupadas com uma gallinha sura, com um bacorinho, com um burro troncho, com uma cascavel, como melhor não fez Zola no pateo do eremiterio do padre Mouret. Não é nisto que está a feição especial do *Til*. O perigo acho-o todo em Jão Fera, em Til, em Zana. Miguel, um anjo, Bertha, « cujo genio é o ser e o não ser » como em todas as suas heroínas, Linda, *pendant* na fórmula do costume á primeira, são figuras que logo esbatem-se no fundo do quadro, confundindo-se com a turba-multa dos personagens se-



cundarios. Jão Fera, sim, é que empolga o espirito do leitor ; quem o vê pensa logo em um tigre sanhudo.

O perfil adunco e chanfrado, que revestia a belleza feroz e sinistra do abutre, embotóu a rispidez, saturando-se de uma bruteza alvar. Entumeceram-se as faces, pouco antes crispadas pela cerração habitual das maxillas, e tomou a tez um tom fonheiro, indício da ebulição do sangue a ferver-lhe em bolhas no coração.

As fulvas pupillas que se encovavam pelas temporas, como tigres nas furnas, saltaram das orbitas dilatadas por um fluido espesso que tinha a phosphorecencia felina. De ordinario avineava-lhe a fronte uma ruga saliente, que depois de fender-lhe o sobrolho, partia-se em duas plicas profundas como gilvazes, a lhe cortarem o rosto. A temulencia da paixão injectando os musculos e insufflando as narinas, apagou todos aquelles surcos rasgados pela sanha; e até os labios sempre cozidos á feição de uma cicatriz, agora turgidos arregaçavam, mostrando pela estreita commissura os dentes agudos. *

Eis Manoel Canho e Mario, completamente desbastados da hypoerisia. Agora é o capanga, o malvado, o facinora, uma especie de Churinada, um homem atacado da mania sanguinaria, em guerra aberta e franca contra a sociedade. Em todo easo, o typo presume uma grande virtude, e como não tem mais entraves na lingua, não se espantem em ouvir de seus labios : — « Eu sou o direito da revolta contra uma sociedade apodreceida. » Como hoje, porém, a sociedade repugna aceitar representações assim, e, desde que o elemento de perturbação se manifesta, todos se apresentam deecididos a eliminal-o ou a enclausal-o, aeontee que o capanga sentencioso e hydrophobico não fica sendo no fundo senão um D. Quixote mal aconselhado. Este traço, que afinal é

Til, vol. I, pag. 49-50.

commun a todos os personagens eminentes dos ultimos livros de José de Alencar, é a degenerescencia do cavalheirismo medieval de Estacio, Pery, Alvaro e Paulo. Genio de destruição e de morte, era necessario que se tornasse sympathico por algum lado de ternura; dali a subserviencia desse demonio de fôrma humana á primeira eriança que encontra em caminho.

Era medonha a catadura de Jão Fêra, quando voltou-se.

A lance diante do tigre sedento de sangue, ou a língua bifida da cascavel a silvar, não respiravam a ferocidade, que desprendia-se daquella physionomia entumecida pela furia.

Bertha, ao primeiro relance, sentiu-se transida de horror; e o impulso foi precipitar-se, fugir, escapar a essa visão que a espavoria. Reagiu, porém, a altivez de sua alma e a fé que inspirava.

Travando as mãos ambas um galho que encontraram acaso atraz da cintura, e crispados os braços como duas molas de aço brandidas, conseguiu manter-se com o talho erecto e a fronte sobranceira, arrostando em face aquella rabia formidavel, que terrificaria ao mais bravo.

Jão Fêra, reconhecendo a menina através da nuvem de sangue, que lhe inflamára o olliar, e vendo affrontar-lhe os impetos, não abateu logo de todo a fêra sanha, mas foi-se applicando a pouco e pouco. A ira que se arrojava ao seu aspecto retraiu-se e de novo afundou pelas rugas do semblante, como a panthera que recolhe á jaula, rangendo os dentes.

Sua alma se impregnava do fluido luminoso dos olhos de Bertha, e ella sentia-se traspassada pelo desprezo que vertia no sorriso acerbo esse coração nobre e puro, sublevado pela indignação. De repente começaram a tremer-lhe os musculos da face como as ramas do pinheiro, percutidas pela borrasca; e as palpebras caíram-lhe, vendando-lhe a pupilla ardente e rubida.

— Estavas aqui para matar alguém? perguntou a menina com um timbre de voz, semelhante ao ringir do vidro.

Respondeu o capanga com uma palavra, que em vez de sair-lhe



dos labios, aprofundou-se pelo vasto peito a rugir como se penetrasse em um antro.

— Estava.

— Que mal te fez essa pessoa?

— Nenhum.

— E ias assassinal-a?

— Pagaram-me.

— Então matas por dinheiro? perguntou Bertha, com a vehemencia do horror que lhe causava essa torpe exploração do erime.

— E' meu officio! disse Jão Féra com uma voz calma, ainda que grave e triste.

— E não te envergonhas?

Com um assombro de soberba indignação foram proferidas estas palavras pela menina cujo olhar vibrante, flagellava as faces do sicario.*

Depois do typo do capanga o declive é rapido para as figuras esqueleticas e alvares de Zana e Til. O romance converte-se em uma especie de sala de hospicio de alienados, uma eôusa assim como o resultado do sonho de um poeta adormecido sob laranjaes em flôr: Bedlam ou Bicêtre atravéz de uma gaze azul. Em todo caso é pesadelo de poeta; a natureza arqueja, mas não se consubstancia com as desgraças verdadeiras. Os delirios dessa negra eaduca, que de vez em quando se revolve interiormente para vomitar um segredo que outr'ora lhe constituiria obsessão tremenda, estariam melhor em uma monographia scientificamente observada e escripta, do que nesse quadro fluetuante e indeciso, que se desenrola nas proximidades do *Boqueirão*. Braz, o idiota, menino de uma frocidade perversa,

* Obr. cit., vol. I, pag. 461-464.



contrastando a cada passo com a meiguice de Bertha, que emprehende o titanico trabalho de fazer penetrar a luz e a letra nesso cerebro escurcido ; esse engeitado da sorte, que se insinua como um pequeno Caliban nessa tragedia semi-infantil, aonde subtilisam-se as Titanias, dir-se-ia antes um cinocephalo caprichosamente introduzido no romance para assustar a uns e a outros divertir. Não ha um estudo da alma da creatura imperfeita. A scena, em que elle, levado não se sabe lá por que impulso, agarra pela cabeça uma caseavel, de que ia sendo victima a menina professora, e corre para longe como um possesso, é simplesmente uma scena de effeito, uma *ficelle*.

Todavia, ainda que desvairado da sua orientação litteraria, José de Alencar conserva o amor ao graeil : o que se demonstra pela preferencia que sempre dá ás monstruosidades pequeninas ; e estas tendeneias influiram tanto que o vemos pouco a pouco, talvez como já acima notei, obrigado pelas leituras do lar domestico, aonde as predilecções inglezas predominavam, ir-se affeioando a certos romaneistas, e imital-os em muita cousa que destoava do seu diapasão natural. Esta queda pelos meninos é uma das feições que os eriticois apontam no grande psychologo Charles Dieken, principalmente pelos atrasados e idiotas, os comprimidos, essas vietimas da malversação humana, que o entristeceram e o feriram profundamente, dando ás suas obras o eunho que lhes é proprio. * José de Alencar impressionou-se

* Vejam-se as scenas de collegios no *Nicolas Nickleby* e no *David Cooperfield*. Não conheço em litteratura alguma dramas de realldade mais palpitante.

- Talme com razão fez resaltar essa singularidade do genio Inglez, mostrando a pobreza da litteratura franceza nesse genero de creações ; não obs-

com essa feição do romancista inglez, e desde a *Guerra dos mascates* que exhibe uma galeria de meninos soffredores ou revoltados. *

Com a publicação do *Til* coincidiu um facto, que veio juntar-se e avolumar as causas deprimentes de seu character litterario e concorrer ainda mais para azedar-lhe o espirito, já bem mortificado. Desde muito tempo que José de Alencar, por temperamento, além de outros motivos que não cogito analisar, votava antipathia entranhada à colonia portugueza. Quanto mais o seu espirito attico se entranhava pelas chronicas e se embevecia com o que ha de esculptural e legendario no portuguez, conquistador das indias, descobridor do Brazil, no poeta dos *Luziadas*, tanto mais, ferido pelo contraste, sentia-se afastar do typo, que diariamente, segundo se lhe afigurava, aportava as nossas plagas com a ganancia do naufrago, a nevrose da fortuna e o sonho do judeu. Esta sublevação interior massacrrou-o por muito tempo, creando-lhe, mui naturalmente por instincto, entre os reinões, uma animadversão, que se agravava dia a dia. Não posso entrar aqui no detalhe de certas minudencias, que afinal não agmentariam o interesse. E' sufficiente dizer que de longo tem po uma ininterrupta série de pequenas

tante, a scena do *S. Bartholomeu* das erlanças, que V. Hugo descreve no *Neventa e trez*, parece ser uma das mais lindas inspirações do enorme cerebro francez.

* Nas *Minas de prata* já encontra-se o pagezillo Gil e a alfaloelra; mas tudo determinado pelas necessidades do romance. Só no *Tronco do Ipé* é que a pequenada começa a emergir. Depois surge n Nuno, Cosme Borrvalho, Lizardo, o Garatuja, etc.



evoluções, cá e lá, accumulou em sua alma enormes cargas de uma electricidade perigosa e vingativa. Neste ponto suas expansões eram relativas, e raro ouvia-se-lhe palavras menos dignas. Entretanto, alguma vez disse que a copia servil e o plagio eram o apanagio dos autores portuguezes, e que só concedia os fóros de autor a A. Herculano, com cujo genio teve muitos pontos de contacto. O autor do *Eurico* era provavelmente a unica estatura, que se hobreava com a sua. Nestas condições a sua bilis só esperava o momento para romper os diques. Deixou de parte as contemplanções e derramou-se sobre o litterato José de Castilho, que não contente com os proventos adquiridos em outros ramos de negocio, parecia pretender assumir uma tal ou qual dictadura litteraria. Homem mediocre, simplesmente notavel por uma memoria de *carnets*,* o irmão do poeta dos *Ciúmes do bardo*, que, pelas suas relações economicas e prestabilidade commercial, iniciara-se por toda parte, e conhecia todos os escaulinhos da grande cidade, começou a explorar as desaffeições do ex-ministro e de um modo revoltante. Era impossivel que isto ficasse sem uma replica. José de Alencar perdeu, então, a calma, e um dia, em pleno parlamento, vendo-o metter-se

* Ha abi um livro em defesa das *Georgicas* de Castilho Antonio, contra um certo João Munim, que publicou algumas reflexões sobre esta celebre traducção, aonde se vê que não exagero.

É um volume de 300 paginas em resposta a um ou dois artigos apenas inclsvos.

José de Castilho era uma especie de vulcão de citações de toda ordem, que, uma vez incendiado, não cessava mais de vomitar,—um torvelinho de Indicações Interminaveis, a que não escapava poeta grego ou latino, por mais escondido que estivesse.

Não se diga que tenho a pouca generosidade de fallar de um morto. Em primeiro lugar em litteratura não ha mortos; depois, isto é reprodução do que escrevi em 1872, quando saíram á luz as *Cartas de Sempronio*.



alli com piolho por costura, atirou por cima do hombro uma destas phrases de desprezo, que obrigam o homem mais glacial a commetter assassinos.* O estúpido autor da *Grinalda ovidiana* não pegou no punhal do sieario para ferir-o, mas passou á detracção e ao astucioso incitamento de antipathias, que podiam ter ficado ador-meidas.

Não é caso de offerecer-se aqui o libello contra aquelles, que mais ou menos ostensivamente tomaram parte nessa luta, direi melhor — nessa aggressão. Muitos mesmo fizeram coineidir as suas indisposições ou desabafoes com a gana do eritico mal intencionado; alguns talvez até tivessem o direito de exagerar a phrase. Estavam em sua casa, no lugar aonde, sem reparo, podiam lavar a roupa suja com vantagem. O que, porém, não podia passar desperebido era a preteneiosidade do estrangeiro, cuja *arte* seria provavelmente deseonheida aos que não enearavam o ataque das *Questões do dia* do verdadeiro e unico ponto de vista. Os pamphletos de José de Castilho não attingiam só a individualidade de José de Alencar; sorateiramente entravam pela nossa autonomia, já tantas vezes conspurcada; e só á indoleneia attribuiu a ausencia de uma *repulsa selvagem*. Fallo em repulsa e sublinho a palavra, porque entendo que é a unica manifestação legitima para quem, sentindo-se forte, tem conscieneia deste facto. Em todo caso, para nós foi feunda essa aggressão. Embora só preoccupado com a sua individualidade, o autor do *Guarany*, vendo que tudo lhe queriam negar desaforadamente, enebheu-se de subito de umas eoleras das quaes derivaram as sementes, que agora produzem os trabalhos de Baptista

* A palavra, *si mens non leva*, foi gralha immunda.



Caetano, Macedo Soares e Paranhos da Silva.* Indispensavel era que houvesse alguma victima para que um novo mundo de idéas brazileas surgisse.

Depois de tamanhas provoeações o espirito do romaneista recai em abatimento. Os medicos reeomendaram-lhe novas digressões. Suppondo-se talvez que a causa de seus soffrimentos fosse uma tuberculose, impelliram-no para o patrio Ceará. Esta nova visita aos carnaúbaes de Mecejana, ás lagoas verdejantes dos taboleiros, não foi-lhe tão fecunda em impressões alentadoras como em 1860. E' mesmo provavel que uma certa frieza dos comprovincianos lhe infundisse na alma motivos de mais pronunciada tristeza, tão verdadeiro é o rifão que diz—ninguem é propheta em sua terra. Lá o vi varias vezes, sempre com aquelle olhar scintillante de vidente, mas não lhe encontrei o enthusiasmo das cousas patrias. Como que presentia que algum objecto lhe escapava das mãos, e insistia em se lhe apegar. Em compensação teve o grande prazer de assistir á festa de inauguração da primeira estrada de ferro de sua provincia, e ainda este facto arrancou-lhe palavras arroubadas; mas a preocupação de fazer nutar o seu nome na nova onda civilisadora, que via alevantar-se, e de manter a escola que julgava-se com o direito de crear, e que tão tarde *Senio* lembrara-se de afirmar, trazia-o em constante sobresalto.

Em Arronches levou elle muitos dias percorrendo os arredores, conversando com os indigenas, a colher assumptos e tradições. Existia ahi um velho, que se dizia descendente do celebre Algodão (Amanai) dos tempos de Martim Soares Moreno; deste velho tomou muitos apon-

* 1879.



tamentos curiosos, que fizeram vibrar o sentimento nas cartas, que depois dirigiu a Joaquim Serra sobre o *nosso cancionista*. Voltando, porém, a esta Capital, sem palpaveis melhoras, esfriou-se a *verve*, e o romancee que então publicou, o *Sertanejo*, revela uma distração completa da fonte das inspirações, que lhe haviam dado a força de outras anteriores composições. O *Sertanejo* é um producto de movimento adquirido, da mesma maneira que a *Pata da Gazella*, *os Sonhos d'ouro**, *Senhora* e *Encarnação*; nada exprime; sombra pallida do *Guarany*, cujos personagens se reproduzem todos, apenas com a alteração dos costumes, do local, e da época. Arnaldo, o vaqueiro, é Pery transfigurado, a adivinhar de sua humilde posição todos os pensamentos de Dona Flôr, filha do rico e orgulhoso fazendeiro Vasconcellos. os quaes por sua parte são variantes de Ceey e D. Antonio de Mariz: as mesmas scenas de dedicacão, as mesmas imprudencias, os mesmos caprichos, a mesma onça, as mesmas *ficelles*, os mesmos perigos, as mesmas cobiças, etc. Até Ruy Socero aeliou o seu Sosas e o seu phantasma. Quanto ao mais, o romancee perde muito pelo mesmo defeito do *Gaúcho*. Foi escripto sobre informações. José de Alencar não viu os campos que descreveu. Não tendo saido dos arredares da capital, ignorava completamente a vida do vaqueiro, de sorte que viu-se na necessidade de phantasia-la. Ha descripções verdadeiramente impossiveis. As corridas de Arnaldo atraz do touro bravo, por entre earraseos e bamburraes, para deleitar simplesmente a angelica filha do capitão-môr, que espreita as suas façanhas de uma eminencia, são scenas espectaculosas e de theatro. No matto a cousa é séria-

* Neste romance apenas ha a retar um manifesto desejo de coplar o autor caprichoso descripto pelas *misses* — romancistas inglezas.



mente medonha e bem differente nos seus incidentes do espectáculo ameno, que se encontra nas paginas demasiado coloridas do romanec; accresce que o heróe do livro, em que o autor proeura estereotypar o caraeter cearense, não é fiel como espelho da verdade. O typo do sertanejo é muito pouco amigo do phantastieo; e o Ceará é talvez a provincia aonde existiu e existe mais accentuado o sentimento da realidade, da luta e da força. Si a misera tem sido tantas vezes flagellada! Arnaldo, pois, romantico de sobra, está muito longe de ser a imagem dos filhos robustos do valle dos Cariris.

A paisagem soffre os mesmos reparos, toda vez que o pintor se afasta dos lógaes que conhece; abundam erros topographicos e transplantações da flora de uns para outros logares; são inexactidões estas; porém, que, eomo na *Iracema*, em nada influiriam, se o *divortium aquarum* da inspiração alencarina não fosse rebatido por influencias, que perturbavam o curso natural das vertentes luminosas. Ainda ocorre censura igual a que fiz ás *Minas de prata*, sobre o luxo dos fazendeiros. No seculo passado mal se comprehende uma *enscenção* tão sumptuosa como a que apresenta o capitão-inór na sua quasi possessão feudal. Eu que vi proximamente os mais ricos dentre os aetuaes, de ceroula e eamisa, no terreiro, a dar suas ordens aos escravos, fazendo-se distinguir dos famulos apenas pelo diapasão da voz, não posso crèr nessa variedade de luxo, maxime conhecendo o poder enorme de assimilação que têm os sertões. A presença simplesmente de alguns objectos, levados de vez emquando pela vaidade dos esposos e dos pais, não autorisa essas licenças poeticas. *

* Vide nota anterior sobre as *Minas de prata*.



Cedo a pobreza, as necessidades, as lutas estranguladoras entre as duas mais importantes raças da província, nivelaram tudo alli, creando as predisposições para a liberdade e o espirito, que nos tempos que correm vão pondo os cearenses na vanguarda do partido abolicionista. *

No *Ubirajara*, lenda tupy, que tem por scenario o Brazil antes da descoberta, o genio de José de Alencar não conseguiu talvez alevantar-se muito acima do nivel em que se collocára. O *Ubirajara* é a continuação da trajetória partida da *Iracema*; nada acrescenta ao indianismo; quando muito denota que os seus estudos progrediam, e que o seu espirito entrara alguma coisa pela anthropologia selvagem **. Em todo caso, porém, perde de sentimento; sendo antes para accitar a opinião de um critico brasileiro ***. que reputa esta lenda uma parodia, no fundo e na fórma, de certas scenas do Pentateuco.

Ao frio recebimento desta obra seguiu-se o máu exito do *Jesuíta*, **** que o trouxe a imprensa muito irritado, e deu logar aos folhetins intitulados *Domingos*, publicados por Joaquim Nabuco no antigo *Globo*. Estes artigos foram respondidos pelo romancista, e, como

* Escripto em 1870.

** O livro foi escripto sobre nevíssimas impressões oriundas da leitura das paginas de Claudio d'Abbeville e Ives d'Evreux.

** Capistrano de Abreu.

*** Levado á scena e n 1875.



constituíam uma aggressão proposital, azedaram consideravelmente a discussão.

Em 1876, a pertinácia da molestia levou-o a Europa. Mal se comprehende como este passeio não lhe agitou a alma violentamente. O artista deixou-se ficar em frente de tamanhas novidades frio, anesthetic. Esteve em Lisboa, esteve em Pariz, esteve em Londres; mas tudo isto passou atravez de seu espirito como a impressão que experimentam os individuos atacados de nostalgia. Na capital dos Lusos houve mesmo um desagradavel encontro de desaffeições litterarias, que deviam ter-lhe produzido mortificações horribéis. O seu amor proprio não resistiria á indelicadeza dos que ali se abstiveram de receber o primeiro litteratto brasileiro; e quando não se tem o direito de exigir o predicamento, tanto peor. O grande emporio das lettras e das artes, do luxo e da vaidade, a garridissima Paris, não foi menos indifferente ás suas vaidades e provaveis embaraços de escriptor; essa indifferença, pois, elle arrastou-a pelos ruidosos boulevards; depois contemplou o Sena, subio ao Pantheon, examinou as curiosidades de tarifa, entrou nos logares aonde se exhibem as notabilidades, e tudo isto não teve talvez o poder de inspirar uma dessas paginas arroubadas, que são o desespero dos art'istas. A vitalidade febril, nervosa, scintillante daquelle povo frivolo e cheio de *tics* luminosos, fazia com o desalento de nosso melhor poeta e a debilidade de seu corpo o contraste mais digno de lamentar-se. Dumas, Feuillet, Sardou e outros irmãos pelo espirito attico, todas essas grandezas litterarias da França, que

elle soubera tanto comprehender e interpretar, não se poderam transfigurar na occasião para communicar-lhe ao cerebro o timbre, que é o grande phenomeno das viagens. Só uma coisa o impressionou, e isto mesmo foi um accrescimo de mortificação : como eram possiveis as revoluções em uma cidade, aonde desde o *decretour* até o *ganté* apelintrado não se encontrava senão a delicadeza e a *clairvoyance* do habitante de Athenas ? Este problema só lhe foi resolvido pela visita a Belleville ; os rebarbativos blusas, que occultavam-se naquella immunda *Cité*, escorados pelas esquinas, com o bonet sobre o rosto e o caximbo ao queixo, olhando para o visitante com esse olhar de bode, o *tuentibus hircis* de que falla Virgilio, o aspecto ponson-terrailico das vielas, das casas, das mulheres, *mangeuses d'hommes*, petroleiras, de todo esse pessoal que ali se agglomera, a gyria medonha que, ao passar, ferio-lhe os ouvidos : tudo isto convenceu-o de repente da verdade ; eis de onde sahiam as communas ; eis o povo de Marat ; eis a gente de Courbet ! E retirou-se horrorisado...

Nenhum espectaculo, porém, lhe fustigou os seios da alma como o tenebroso oceano de casas chamado Londres. Não sei que escriptor disse algures que o Tamisa era a morte dos poetas. Não ha naça mais verdadeiro, comtanto que si refira aos poetas meridionaes. Com effeito só as naturezas shakespeareanas, como Browning e Swinburne tem pulmões para respirar o ar daquellas forjas de Vulcano, e descobrir a emoção artistica na bolgia horrível da vida industrial moderna. Uma alma fina e melodiosa, um espirito eleito e contemplador, não resiste alli por muito tempo : estala, rebenta, comprime-se, confrange-se ou reduz-se a uma massa inerte, sem accção. José de Alencar, cujo emperramento pela Inglaterra,



em certa phase de sua carreira politica, foi tão assignalado, dizia que de pasmo era a nota particular que soava ao ouvido de quem quer que penetrava alli ; e sentia-se vibrar em sua palavra um quer que seja, que indicava todo o constrangimento de sua mente. A entrada em Londres por estrada de ferro, a cavalleiro da cidade, causou-lhe o effeito de um sonho máo, de um destes sonhos em que se vê, como no *Orlando Furioso*, gigantes a correr conduzindo a propria cabeça e cyclopes a desarraigar florestas inteiras. Ha alli uma tal vertigem de cruzamentos de linhas ferreas, wagons, locomotivas infernaes, viaductos quasi aereos, que se torna impossivel deixar de sentir um sobresalto como ao entrar na cidade plutonica do Dante que se estende infinita. Uma vez percorrendo os caminhos subterraneos da grande metropole, fez-lhe isto tamanha angustia que sahio disposto a não mais usar deste meio de transporte.

O regresso do poeta para a terra dos palmares não o rejuvenesceco, apezar de tudo ; nem a morte da nostalgia creou-lhe nova inspiração.

Tenho uma supposição ; esta viagem foi immensamente perniciosa ao autor do *Guarany*. As disposições de sua alma embotada pelo soffrimento fecharam-se a todas as fontes estheticas, para só avivar-lhe a sensibilidade pelo lado morbido, infecundo, prejudicial. Não consta que escrevesse as suas memorias de viagem, sequer um fragmento de impressões ; isto em um escriptor de raça, que pela primeira vez perlustra a patria da civilisação, é mais que muito extraordinario : é que o poeta brasileiro encontrára-se com a terrifica visão de um movimento scientifico, de que a politica e muitas cousas pequeninas o tinham afastado desde os primeiros triumphos litterarios. A montanha philosophica era negra



demais, e tonteava-lhe a vista; e aquillo que no Brazil, em seus primeiros vagidos, parecera-lhe coisa de rapazes, talvez entusiastas demais, apresentou-se-lhe sob uma feição medonha, muito, muitissimo aterradora. * Na Franca o littréismo e o laffitismo a erguerem-se desassombrados no meio de um ladrido de nuanças philosophicas; na Allemanha as ideias de Harttman, Schopenhaner, Höeckel, Vogt, Wirohow, Moleschot, e nm milhão de pensadores a transformarem a Europa no inferno do pensamento, em uma batalha campal, em que os systemas se cruzavam com a rapidez e vehemencia dos projectis, dos obuzes, da explosão de dynamite; na Inglaterra o grande caudal de Darwin e Spencer a derramar-se em ondas luminosas, subvertendo na lei da evolução todas as systematisações caprichosas e mysticas: depois de tudo isto, a dança macabra das succursaes litterarias e artisticas, o desespero das originalidades; aqui, alli, acolá, cada excentrico de fazer medo, cada reformador de atordoar; no romance, George Eliot, Goucourt, Zola;

* Em um dos ultimos numeros do *Vulgarisador*, pouco antes de sua morte, José de Alencar publicou um artigo sobre o homem prehistorico. Nesse a. ligo vê-se o effeito das leituras de Lubbock, Saint Hilaire e de um volume de Quatrefages que lhe fôra emprestado por Zahar; mas sempre reluctantante. E' um Improviso sobre um dos mais bellos assumptos da sciencia; porém o *mal do poeta* ainda é mais profundo. Longe de procurar generalisar os dados adquiridos, elle quer sorprendel-os, denunciando desde logo a *malicia* do inventor.

São palavras suas: « Si não me engano o *Vulgarisador* é destinado a propagar o *espírito novo*, ao qual talvez por falta de comprehensão ainda não me converti. Reconhecendo os altivos commettimentos da sciencia moderna, todavia não sacrificio ao Idolo de hontem uma civilisação milenaria.»

Outras: « Por um como presentimento do passado semelhante á propheta de Vieira, penso que o Brazil é o berço da humanldade; e que o Adão da Biblia, o homem vermelho feito de argila, foi o tronco dessa raça americana, que supõem degeneração das outras, quando ao contrario é a sua estirpe commun.»

Vide *Vulgarisador*, 1^a vol., n^o 5.



na pintura um Manet ; na musica Wagner, Boito ; toda uma geração de *desastrados* psychologos, dizendo-se uns descendentes de Dickens, outros de Thackeray, outros de Balzac, outros de Flaubert, cada qual procurando suas origens proprias e sem excepção clamando pelos direitos da viviseccão.

Si é verdade que em suas mãos cahio por esse tempo o *Ventre de Paris* de Zola, pôde-se imaginar o horror que não lhe deveria ter causado esse Claudio Lantier, pintor impressionista, que não via em torno de si senão architectura bastarda. As igrejas, os maiores templos, parecem tudo menos isto, sendo certo que do principio do seculo até hoje só se tem erguido um monumento digno deste nome -- o *mercado*. Diante do mercado tudo se acachapa ! Para Lantier-Zola a pintura é a reproducção, por exemplo, de um montão de eomestiveis. * A sua philosophia é o commentario do quadro que representa a batalha dos *Gordos e Magros*, horrorosa inspiração darwinica, uma ressurreição selvagem que vive sob todo o homem civilisado, ou antes a reconstrucção do primata do qual sahio a humanidade. Ora, um temperamento como o de José de Alencar, o poeta das delicadezas e tenuidades, não podia resistir a esse embate de asperas brutezas, a essas scenas, como dizia o classico Lucena, cheias de um *negrame escuro*. Não ha duvida que o choque foi enorme e a decepção indefinivel. Calcule-se uma symphonia de Beethoven, subitamente interrompida por uma descarga electrica ; calcule-se uma paisagem de Wateau, de repente invadida por uma turba de satyros doidos, esguedelhados: pois

* *Ventre de Paris*, pag. 2.2, (13ª ed.)



não seria outra a dôr exercida no autor da *Tracema* pela irrupção desse bando de idéas novas para dentro do hemispherio azulado, em que traçara o seu *Paquequer* e de onde fizera emergir a sua louca Cecy. Elle viu que toda a sua obra ia desvanecer-se ao contacto da rispidez do modernismo. As fibras da harpa dos novos poetas estavam horriavelmente retezadas, e sómente desferiam sons rudes e ensurdecedores; e a musa casta dos bons tempos convolava-se em seus adejos para o paiz das eternas saudades.

Uma vez de volta á sua terra, o que restava-lhe fazer? Deixar-se succumbir ao peso da enormidade dessa angustiada emoção? Não o fez. Havia dois recursos: enfrentar a montanha e galgar-lhe o viso, ou afundir-se. A vaidade, a sua mui legitima vaidade, não permittio o ultimo alvitre, a sua idade repellio o primeiro. Um cerebro não se reconstitue em materia de crenças, em sciencias, aos quarenta e sete annos. * José de Alencar, debateu-se entre os desenganos de *Senio* e as energias da nova geração; sorriu muitas vezes de Hœckel, chamando a sua obra de «romance biologico», e pensou em discutir as vertiginosas questões do seculo. ** Passados os primeiros effeitos deste encontro, escreveu o *Protesto*, que segundo estou informado, tinha como fim principal congregar tardiamente em torno de si uma

* «As novas idéas de que elles se occupam (os que tarde procuram estudar certas sciencias) poem necessariamente em acção novas fibras do cerebro, para o qual isto consttue um estado violento que enfraquece o systema nervoso.» Tissot, *Santé des gens de lettres* (1871), pag. 148. Veja-se tambem Hufferland, *Macrobíotica*, pag. 30, ed. fr. de 1871.

** Já citei um artigo seu publicado no *Vulgarisador*, era provavelmente o começo dessa tentativa.



porção de rapazes escolhidos, que o ajudassem na grande luta e propagassem a fama do mestre. *

Nas horas de calma, para um fim humanitário, traçou os ternos capitulos da *Encarnação*, ** ultimo brinco da mesma penina travessa e coquette, que escrevera os folhetins *Ao correr da penna*. Depois, com as entranhas carcomidas por sarrateira enfermidade, arrastou-se gradualmente para a sepultura, com a preocupação do retardatario e o amor da familia, dos filhos, que com um zelo de artista elle e a esposa cinzelavam a Benvenuto Cellini. A vida se lhe retirou do corpo com respeito, já os membros estavam mortos, congelados, e a cabeça ainda trabalhava. Sua vitalidade incontestavelmente era muito poderosa! Essa imaginação fulgente, que tantos raptos de alegria e tambem de tristeza lhe dera, foi o ultimo hospede a abandonar o sacro asylo. Apertou ao seio a estremeçada companheira, para recommendar silenciosamente os filhos; as lagrimas rolaram-lhe das palpebras, e, com profunda saudade, sem uma convulsão, sem um estertor, apagou-se esse phenomeno que no Brazil chamou-se José de Alencar. ***

* « O *Protesto*, como diz o seu nome, não é uma propaganda mas um desabafo; não é uma aggressão; pôde ser quando muito uma resistencia; » *O Protesto*, n. 1. Neste periodico, que apenas chegou ao n. 5, José de Alencar publicou, além de artigos de politica, o começo de um romance *Ex homem*, em que prometia continuar a questão do celibato clerical e uma chronica sob o titulo de *Beatices*.

** *Diario Popular* (1877).

*** Preocupava-o muito nos ultimos tempos a idéa de morrer e não deixar a familia amparada. Fel-o, entretanto, com um criterio que não parecia de poeta. Por esta razão entregára-se a uma hygiene rigorosa, lamentando que a sua mocidade não tivesse sido desenvolvida sob os preceltos da gymnastica, etc.



Vi-o depois de morto, e com verdadeiro pezar demorei-me longo tempo a olhar para esse rosto pallido, tranquillo, desfeito simplesmente pela paralytia da morte. Essa cabeça, que tantas illusões afagara durante a vida, e que tanto influira sobre a minha existencia litteraria, alli jazia enregelada como qualquer porção inerte da materia. Custava a acreditar.

O seu salimento não foi estrepitoso. Alguns representantes da imprensa e os amigos, que sinceramente o amavam. Junto da tumba estiveram Joaquim Serra, Ferreira de Araujo, E. Taunay e Octaviano de Almeida Rosa. O ultimo fôra seu amigo e mestre em algumas cousas, e de quem por ligeiros contratempos se afastára. O Dr. Duque Estrada Teixeira, pranteando a sua morte, comparou-o ao jequitibá, que derriba-se na floresta, e não encontra leito que o ampare na quêda. O vacuo, deixado no paiz por José de Alencar, foi sentido modestamente. Na sua morte devia se dar o que se deu em toda a sua vida,— o retrahimento das explosões da opinião publica. Nunca se lhe fizera uma manifestação na altura regular sequer dos seus merecimentos; e, como tudo tem sua explicação, é preciso dizer que nada concorreu tanto para isto como a aristoeracia de seu talento. A imprensa, no entanto, vibrou intensamente; sentia-se-lhe na phrase uma decepção real. Se, porém, compararmos tudo isto ao rumor de outros obitos, o autor do *Guarany* ficou insepulto. A memoria nacional deve-lhe ainda um monumento. A *Gazeta de Noticias*, sob a firma de *Tragalabas* (Joaquim Serra), reunio em um bouquet de goivos a palavra compungida de toda a mocidade que estava a postos. *

* Ha ahi phrases que significam muita sympathia ao talento do finado

Repito : a aristocracia de seu talento foi uma das mais poderosas razões por que a nova geração sentiu-se apartar, embora admirando-o. Desde o seu estylo até as suas maneiras, tudo transpirava reserva e o *não me toques* do arminho. Ora, essa mocidade alevantava-se com umas valentias, umas fraquezas que excluíam toda a reticencia. Intimidade com o mestre, cousa impossivel ; d'ahi as consequencias de um começo de hostilidade organica, que, si elle não morresse, acabaria em uma guerra crúa, em que a sua feição tyrannica muito laveria de soffrer. Acrerescia a esta razão outra, ainda mais valiosa : a falta de orientação philosophica, defeito não só seu, como de todos os poetas que applicaram os principios sem unidade de vistas. Isto é verdadeiro. Por algum tempo dera-se elle a leituras de historia geral, religião e philosophia, no intuito de eserever uma obra monumental sobre o Brazil ; mas, chegando á questão das origens, ficou tão perplexo que logo convenceu-se da inutilidade dessas cousas, e abandonou a fraudulagem. Incontestavelmente era o que mais embaraçava o seu desejo de ser o director dessa pleiade que se estendia para o futuro anciosa e a perder de vista.

Se a philosophia positiva tambem por outro lado

José de Alencar podia, se quizesse, pelo menos, ser muito querido co rapazes.

E' preciso apauhar duas petalas, que se desfolharam das flôres sepulchraes.

« Vertem lagrimas hoje as flôres da Iracema, » disse-o Pedro Luiz.

« Foi uma contradicção: linha as valentias do genio e as fraquezas de um animo apprehensivo. » Palavras de José do Patrocinio, com as quaes concordo sem restricções.



He penetrasse no cerebro, acredito que elle seria outro. Aquelle niveo e dulçuroso idealismo não se compadecia absolutamente com a observação e as demonstrações experimentalistas, que invadiam tudo. Para o fim de agradar a mocidade elle não podia arrastar a tuba sonora de Hugo, nem a fibra doída e o sentimento das miserias do autor de *Pendennis*, nem as crispções aphrodisiacas de Balzac, nem a analyse porejante de luz de Flaubert, nem os despeitos napoleonicos, as iras espatifadas, a monotonna descriptiva de E. Zola. Esta convivencia por ultimo o assassinaría: si elle insistisse em sustental-a perderia o estro. Ser realista um impossivel; quando muito deformava-se, e José de Alencar seria de menos um poeta.

A creanga é « pae do homem », como disse Lewes. O orgulho nunca deixou-o cercar-se de verdadeiros amigos, e acreditou talvez que se bastava, sem lembrar-se do magnifico exemplo da amizade cordial de Schiller e Goethe. * Este cordão sanitario, traçado entre sua pessoa, o publico e os proprios admiradores, privou-o dessa seiva electrica, dessa mutua communicação de influencias vivificantes, sem as quaes é tão difficil a vida do artista, como é impossivel a da planta, sem o sol, sem a chuva. O isolamento acaba por consumir as proprias grandes luzes, maxime em um paiz aonde a actividade cerebral tem dado já os tristes exemplos de Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Franco de Sá, Lessa, Castro Alves, Casimiro de Abreu, etc. Com este modo de entender a vida em seu paiz José de Alencar quasi atrophiou-se.

* Só o genio pode viver consigo n esmo. Desta é que podemos dizer : seu centro de gravidade cae todo dentro de si mesmo. Schopenhauer, *Sagesse dans la vie*, pag. 43.

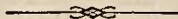


Já é conhecido o complexo de influencias que determinaram a segunda phase de sua vida litteraria e as aberrações de seus escriptos. Voltando a este assumpto, pôde-se afirmar que era muito cedo ainda para o esgotamento das suas facultades poeticas ; apenas verificara-se um caso de desvio, um declínio : e se fosse a dar, sob as vistas da sciencia , a formula do desenvolvimento mental do autor do *Guarany*, diria que essa phase, isto é *Senio*, com os seus romanecs da *Pata da Gazella* em diante, não passa de um caso teratologico. Não foi assim que H. Taine explicou a personalidade estranha de Swift ? Não basta o estado morbido para que se julgue explicado um movimento qualquer extravagante em um poeta ; é preciso que haja uma deformação na ordem dos factos, constante e ineluctavel. Qual a razão por que as qualidades de José de Alencar não continuaram a evoluir na linha natural ? Por falta de força impulsiva ? não ; porque o seu espirito guardava a mesma tenacidade. Neste caso o que se pôde dizer apenas é que o estado doentio preparou-lhe a transição para um outro estado, em que a sua impulsão esthetica converteu-se em irritabilidade chronica.* A monstruosidade physica e a aberração de facultades nascentes devem derivar das mesmas leis observadas nas deformações do embryão. Assim pois, o autor do *Guarany* condemnou-se a ser uma linha forte isolada ; em torno della não se moveram as vocações litterarias do paiz. Como Gautier e J. Paulo Richter foi um enorme kiosque posto ao lado da corrente civilisadora, que a todos surprehendia, mas que a ninguém detinha. Entravam, admiravam-no por

* Daresle, pag. 24.



dentro e por fóra, examinavam as suas excentricas novidades, mas nunca se deixavam ficar dominados pela magia do expositor de tantas bellezas artisticas. Muitissimo mais influiram sobre a mocidade Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Varella, sem terem produzido a decima parte das obras que elle deixou. E' precisamente o caso de A. Herculano em Portugal.* Entretanto, diga-se o que se disser, foi o movimento de differenciação mais enérgico que temos tido; e a prova está em que nas provincias era o autor mais lido, e quiçá mais comprehendido na tecla nacional. Si por um lado a modificação de seu character litterario privou-nos da continuação de suas obras, do *Guarany*, da *Iracema*, por outro promettia abrir-lhe os diques da raiva, collocando-o na situação mental a mais apropriada para o ataque e a subversão das pretensões de além mar. **



* Theophilo Braga, *Historia do romantismo*, pag. 377.

** Em Portugal muito se tem procurado ridicularisar o espirito brazilico. Isto vem de longe.

Quando no seculo passado o mulato Caldas Barbosa cantava esta modinha :

« Nós lá no Brazil,
A nossa ternura
A assucar nos sabe
Tem muita doçura, »

o poeta Bocage, aproveitando-se da figura mascavada desse tocador de viola não poupava satyras ao Brazil.

O mesmo aconteceu com o brasileiro que pretendeu erguer-se aos ares, em um baão, o padre Bartholomen de Guemã :

« Olha o padre voador ! o padre da carangueijola ! o doente vindo do Brazil ! » Era o que diziam. E os poetas calhram-lhe no costado como galinhas á baratas.

Só depois que Antonio Carlos intimou-lhes o respeito, foi que se deixaram disto. Camillo Castello Branco quer, porém, reanovar a chula, esquecendo de que falla a um dos melhores mercados que tem seus livros.

VII

A CRITICA

José de Alencar queixava-se amargamente de não ter tido critica para suas obras. *

O eonego Pinheiro não o contemplou no seu *Curso de litteratura*, e o sabio viennense Wolf, apczar de publicar o seu *Brazil litterario* em 1862, quando já existiam o *Guarany*, *Cinco minutos* e quasi todos os dramas, apenas allude ao romaneista em uma palavra; isto, porém, explica-se pelas *inspirações* de Magalhães, que foi quem lhe forneceu os mais importantes dados, e quiçá as provas da propria proemmença na litteratura patria; com

* « Nos trinta annos vividos desde então (refero-se á escola) muitas vezes fui esbulhado do fructo de meu trabalho pela mediocridade agaloada; nunca senti senão o desprezo que merecem taes pirraças da fortuna, despetada contra aquelles que não a incensam. » São palavras suas no autographo citado *Como e porque fui romancista*.

Officialmente o unico galardão que teve foi um habito de Christo, que não quiz acceptar.



efeito, exceptuando as saudações que de occasião escreveram F. Octaviano, Homem de Mello, Zaluar, Salvador de Mendonça, M. de Assis, Joaquim Serra, Felix Ferreira, Ferreira de Menezes, Guimarães Junior, D. Diogo y Mendoza (pseudonymo), Norberto Silva, não teve elle o prazer de vêr em vida uma apologia, quero dizer, uma critica de sympathia sequer igual á que tiveram outros brasileiros muito menos notaveis. * Apenas um cearense, um moço de muito talento, Raymundo da Rocha Lima, publicára na provincia uma série de artigos sobre *Senhora*, ** unico estudo, sob o ponto de vista verdadeiramente critico e sem paixão, que existe sobre a sua personalidade litteraria. Fôra disto só se via o espirito de aggressão, que não era justificado litterariamente, pelo menos até 1875, por acto nenhum de absorpção ou de idolatria ao mestre, que pudesse ser acoidada de prejudicial ao progresso das lettras patrias.

Em 1858 já o contrariavam no theatro, prohibindo por immoral o drama *Asas de um anjo*. Longo tempo os orgãos da publicidade occultaram a existencia do *Guarany*, que, entretanto, o publico, apoderando-se do livro, foi alevantando pouco a pouco, até dar-lhe direito de cidade e cineo edições. Este facto um dia lembrou á critica alguma cousa. Um moço, — infelizmente não foi um brasileiro, — um fecundo romancista portuguez, Pinheiro Chagas, que então (1866) estreava no folhetim, disse

* A biographia publicada em 1866 por Innocencio Silva, consiste numa ligeira enumeração de suas obras, e nem sempre é exacta.

** Estes artigos andam colleccionados em um volume publicado pelos amigos deste moço precoce, que, falleceu aos vinte dois annos de idade, quando o talento borbulhava-lhe com mais exuberancia. Tem o titulo de *Litteratura critica*. Neste livro se encontra o mais judicioso trabalho, que já se escreveu sobre Guerra Junqueiro.



muito bonitas cousas sobre o cooperismo de José de Alencar e sobre a litteratura, que poderia nascer da *Iracema*, aonde « a musa nacional soltava-se enfim dos laços europeus para sentar-se melancolica e pensativa á sombra das bananeiras. * » No fim, porém, destas bonitas cousas vinha um resaibo venenoso, — a descoberta de que em nosso mais imaginoso escriptor existia um defeito, uma encarnação de defeito nacional, que era o não saber escrever portuguez. tudo isto no meio de uns adocicados como « livro primoroso » e « estylo magico. » *Alca jaeta est.* Era o que bastava. Desencadeiou-se o tufão, e todo mundo começou a achar graça em notar incorrecções no autor do *Guarany*; até o estadista Zacharias aproveitou-se desta ceceima para desgostal-o na tribuna, procurando ridicularisal-o com a pecha de escriptor mal amanhado, e autor de palavras já inventadas. ** Depois veio Henrique Leal qualificando sua linguagem e estylo de « desenidados e frouxos », embora resgatados por bellezas inestimaveis. *** Em 1872, então, fizeram explosão as iras de Castilho, que, para melhor apoiar a sua propaganda, poz-lhe o letreiro de « operario da cõmmuna litteraria, demolidor feroz, petrolisador intellectual, digno membro do directorio da *Escola Coimbrã.* » **** *Proh pudor!* O chulo

* *Novos ensaios criticos*, pag. 219.

** A isto José de Alencar respondeu victoriosamente, dizendo que « ao ser romancelista devia os seus dias mais felizes. » (Sessão da Camara dos deputados de 9 de Agosto de 1869).

*** Henrique Leal, *Lucubrações*, pag. 137 e 235.

**** *Cartas de Sempronio* (2ª ed.) pag. 49.

O que foram os Castilhos como temperamentos definiu Theophilo Braga na sua notavel obra já citada o *Romantismo em Portugal*.



foi a arena predilecta deste critico desalmado, que, apesar da sua grande illustração philologica, nas *Questões do dia*, nunca deu um passo além de um «Canho eseanhoado», e de uma «Catita acatingada.» Fallando do *Til*, por exemplo, chama-o de «chato», uma «incrível profusão de disparates», e quanto á linguagem, que «compõe-se de uns archaismos inhabilmente extrahidos de elucidarios e de gallicismos de palmatoria, tudo eal-deado com uns neologismos que se não comparam com eousa alguma senão com a escola *senial*, na qual não ha senão um mestre e um discipulo... que é elle mesmo.» E em compensação queria o autor da *Grinalda ovidiana* que o brasileiro usasse de termos como estes—tolambana, parvoalho, inxovêdo, tolaz, patau, zote, parvoinho, marau, patola, safardana e outros *ejusdem furfuris*, José de Alencar, graças ao seu temperamento, muito se incommodou com isto, e por varias vezes sahio a campo para defender a sua obra. «Aquelles que censuram a minha maneira de eserever, dizia elle, saberão que não provem ella da ignorancia dos classicos, mas de uma convieção profunda a respeito da decadencia daquella escola... que destôa no meio destas florestas seculares, destas catadupas formidaveis, destes prodigios de uma natureza virgem, que não podem sentir nem descrever as musas gentis do Tejo ou do Mondego.»

A preoccupação classica o tyrannisava. Dominado pela decepção, que causam pequenos senões maliciosamente apontados, escovados, lustrados e postos em vitrina para que todos possam ver e exageral-os, elle põe-se a revolver autores, revê glossarios, abre Max Muller, Webster, Madwig, Leoni, Fr. Francisco de S. Luiz, e ataca a questão sob todos os pontos de vista suseitados, acabando por prometter um livro em que demonstraria



á saciedade quanto todas estas coisas lhe eram familiares. Não vem ao caso agora entrar de novo neste certamen e buscar a razão que teve ou não nas opiniões que sustentou ; basta o que ainda hoje sobre a collocação dos pronomes escreveram Baptista Caetano, Arthur Barreiros e outros illustres philologos. O que não resta duvida é que foi elle o primeiro que tomou, com relação á linguagem brasileira, o verdadeiro ponto de vista. « Si a transformação por que o portuguez está passando no Brazil importa uma decadencia... o futuro decidirá. Sempre direi que seria uma aberração de todas as leis moraes que a pujante civilisação brasileira, com todos os elementos de força e grandeza, não aperfeiçoasse o instrumento das idéas. » Não teve, porém, a precisa decisão para acceitar a desforra completa e ineluctavel. O verdadeiro alvitre seria não escrever um livro sobre a lingua como prometeu, nem entrar em questões de nonada, porque afinal de contas não é por collocar-se o pronome mais atraz ou mais adiante que deixaremos de seguir a nossa grande viagem para os Andes. A resposta unica que José de Alencar tinha a dar era — que de facto não punha muito empenho em saber a lingua portugueza, — que o seu proposito era concorrer para *corrompê-la* no maximo grão, — recordando que só depois de algumas sortidas, como as que elle ia fazendo, se poderia dizer que no Brazil se fallava alguma coisa parecida com lingua de gente. Poderia ainda accrescentar que o portuguez é uma lingua emperrada, e que desse emperramento só nos libertariamos, eonsiderando não existentes todos os typos de linguagem até hoje apresentados como taes. Fazer pouco mais ou menos o que Gil Vicente fez em seu tempo, encostarmo-nos ao povo. *

* Quem quizer convencer-se do quanto é rude e impossível para nós a



O autor dos *Rascunhos* foi mais coerente e mais animoso. Como sabio, linguista de raça que era, não recuou diante da idéa de salvar toda a costa do Brazil da pirataria dos puristas e grammatistas, a quem mostrou a superioridade de um verso « chué » sobre um trecho vernaculo e genuino. *

Atraz das accusações de falta de vernaculidade vieram as das innovações. Não vejo nisto senão uma questão pequenina, impropria de litteratos. Quem escreveu os dialogos do primeiro volume das *Minas de prata*, se quizesse, teria sido, sem difficuldade, um quincentista. Do mesmo modo e por identicos processos não lhe custaria escrever com o estylo crú da feira da Ladra. E se lhe descobríram a fraqueza de apresentar como de lavra propria a introduccão de alguns vocabulos novos, não ha razão bastante para se lhe attribuir antes a um desejo immoderado de passar por erudito, do que a improbidade litteraria. Não tem, portanto,

lingua portugueza, vá uma noite á *Phoenix*. Allí verá as difficuldades com que lutam os artistas para apropriarem a phrase ao canto. A musica é como um torrente que só rola selxos esphericos; as palavras, porém, da lingua portugueza são palavras quadradas, esquinadas, que levam tempo a passar de um lado para outro.

* « A differença dos dous modos de falar (o portuguez e o brasileiro) é real, fatal, não ha meio algum de evitar-a, tem de crescer pelo simples decurso do tempo, e de todo não vem ao caso se um dialecto é melhor do que o outro.

« O maior merito de um sobre outro só depende do merito intrinseco de seus productos litterarios que vem á luz.

« Poderão berrar quanto quizerem os rigoristas, o auctor que souber escrever bem, isto é, que souber apoderar-se do seu leitor não só pelas idéas que emite, mas ainda pela linguagem expressiva, bem travada e numerosa,

justificação a censura dos criticos quando o invectivam pelas etymologias de Martius, que surgem sem indicações nas notas da *Tracema*, porquanto não só elle cita algumas vezes o nome do autor do vocabulario, como reproduz o que Martius em parte tirou de trabalhos anteriores já no domínio do publico. Estas arguições capciosas não passavam de poeira levantada no caminho pelo carro da fama de quem traçara tão lindas paginas.

A primeira aggressão grave que appareceu contra o merecimento de José de Alencar foi a das *Cartas de Sempromio* (Franklin Tavora), de que foi precursor um certo *Farwest*, que no *Jornal do Recife* chamou-o até de «bohemio e traficante litterario.» Lamento que essa critica viesse envolvida nas *Questões do dia*, provavelmente pela lei dos arrastamentos, encrustada de uma espuma biliosa,

irá por diante, e o que na occasião apontarem os puristas como incorrecção, será em tempo futuro indicado como norma de linguagem boa, apta para o fim, e quando não na pud rem explicar grammaticalmente, dar-lhe-hão o nome de *idiotismo*.» Baptista Caetano, *Rascunhos sobre a grammatica da lingua portugueza*, pag. 6.

« E querem que no Brazil se falle exactamente como em Portugal! Bem aviados estaríamos nós si fallando de cousas de cá, de nossa terra, fossemos obrigados a dizer *aldeões* em vez de *rocelros* ou *calpiras*, *choças* em vez de *rauchos*, *páu* em vez de *chifre*, *casso* em vez de *callee de viúho*, *eira* em vez de *terreiro*, *ilha* em vez de *cortiço*, *ripada* em vez de *paulada* ou *sóva de páu*, *chispe de porco* em vez de *pé* ou *mocoló* de porco, *sapatos de polimento* em vez de *sapatos de veruiz*, *acrefecer* em vez de *resfriar*, *azumar-se* em vez de *zangar-se*, *estarcido* em vez de *interdição*, *molante* em vez de *radio* ou *peralla*, *vergueiro* em vez de *vergalho*, etc. Não poderíamos dizer *cuita de leite* ou *cuita de mate* porque lá o termo *cuita* designa a *rede de retroz*, que aqui as senhoras e as modistas designam por *invisível*, e os nossos folhetinistas, descrevendo toucados, é que se veriam em apuros dizendo que ellas traziam *cuíás* na cabeça. E fallando do moço que tomou um *Hilbury*, seria preciso dizer tomou *uma tipóia*, embora *tipóia* (termo do nosso vocabulario) originariamente signifique camisa de mulher, depois *capa* e *facha suspensa ao hombro* ou *aos hombros*, e afinal hoje *facha* ou *suspeatorio* em que se mette o braço doente. » Obr. cit., pag. 216.



bastante grossa para tirar-lhe grande parte de seu merecimento. Nessas cartas se encontram duas visíveis camadas que se repellem como o azeite e o vinho. A primeira é a que se assenta nas notas e observações que o crítico acuradamente tomou sobre os livros : é criteriosa e accetavel em muitissimos pontos. A segunda é a do *parti pris*, que poderia ter o mesmo effeito que as *Cartas sobre a confederação dos Tamoyos*, si F. Tavora estivesse para José de Alencar nas mesmas condições que José de Alencar para Magalhães. Neste intuito *Sempronio* foi infeliz, porque apezar do uso dos mesmos processos de aproximação e confrontação de textos, apezar de transcrever Cooper, Audubon, Aymard e outros pintores da natureza americana, não chega a convencer ninguém da superioridade dos trechos transcriptos. Por exemplô: na sua carta IV começa por descobrir impropriedades na descrição do pampa do Gaucho, e combate a classificação de «campinas melancolicas». Em primeiro logar é preciso ter em vista o subjectivismo da pessoa. O mar não é o mesmo para todos. Quando, porém, se queira regular pela média humana, ainda assim o pampa, posso garantir que lá estive, é melancolico e solemne. Nem para essa verificação precisaria ir até o Rio Grande do Sul, nem appellar para o romancista francez ; bastaria consultar qualquer tratado de esthetica ou de phisiologia ; ali encontraria afirmada a invariavel impressão que causam na retina as linhas horizontaaas limitadas, — a monotonia emfim. A descrição, transcripta do romance de G. Aymard, nem é superior como descrição, nem tem applicação ao caso. O romancista francez não se refere a solidão do pampa, mas ás cercanias de uma pousada ; aonde o movimento e a vida quebram toda tristeza da paisagem. Com este modo de criticar dilata-se *Sempronio*



em longas paginas, trahiudo o intento de mortificar o autor da *Iracema*, ridicularisando-o e descobriudo bellezas em trechos comparativamente inferiores. E' assim que nega a José de Alencar nacionalismo e a qualidade de roman-cista de costumes, e o considera inferior a Crèveœur, Wasginton Irving, Chateaubriand e Balzac, sob o funda-mento de opiniões de F. Charles, V. Hugo, Joubert. A habilidade do critico é incontestavelmente subtil. Neste ponto ultimo discordo apenas na intensidade, e sinto que, em lugar de invetivar, não se occupasse mais exten-samente deste assumpto. José de Alencar não cul-tivava a faculdade da observação, como já alludi em outra parte; a grosseria e a fealdade das coisas reaes estava constantemente a repellil-o do mundo da experi-encia. «Os poetas estão sempre constrangidos quando tem de manusear essas coisas tão pesadas que opprimem a imaginação: no fundo só ha uma coisa doce e verda-deiramente bella nesta vida, é o sonho.» * Essencialmente plastico, José de Alencar nunca poude meditar nas cau-sas determinantes dos actos e das paixões humanas, nem nos destinos do mundo. Sem duvida alguma a classifica-ção scientifica, ou o habito de armazenar factos foi-lhe sempre coisa desprezivel. Dahi o successo do *Guarany*, e da *Iracema*, e os desastres das monographias já indica-das com o titulo de *Luciola* e *Diva*. Nas censuras á *Ira-cema*, «cujo estylo em geral pecca por inchado, por alam-bicado,» ainda torna-se mais palpavel a falta de isenção de espirito do critico.

E' sufficiente apontar as divergencias, para concluir que os verdadeiros mestres de *Sempronio* neste trabalho não foram nem Taine, nem Sainte-Beuve, nem mesmo

* Taine, obr. cit. vol. V, pag. 437.



Planché. O conselho partio da paixão. Não ha razão para sentir, em uma lenda do genero da *Iracema*, a falta dos clangores dos combates de Homero, as vibrações dos golpes de Achilles. os funeraes de Patroelo; tanto mais quanto o poeta, desprezando o *agora* indigena, approximou-se da vida interior da cabana de Araken. Nem ha motivos para exigir-se-lhe a maneira de Durão e B. Gama. A *Iracema* não é um poema, aonde o amor appareça em episodio, é uma pastoral tupy como a de Daphnis e Chloé, como a de Paulo e Virginia, como a de Atala, juntando aos ingenuos processos da imaginação meridional todas as acritudes, que o talento poude colher na flora e na fauna brasileira. Censura mais pungente encontra-se na carta VIII. Ridicularisa-se Martim por ter, depois de «cheia sua alma com o nome e veneração de seu Deus-Christo, » não haver conseguido que este Deus o «preservasse de commetter a vilania» de tornar a amante indigna de *guardar os sonhos da jurema*. * *Sempronio* chama vilania a paixão, o desvairamento de uma noite tropical, talvez a mais sentida de quantas o poeta desreveu. Eil-a :

Elle repelliu do seio a virgem indiana. Elle não deixará o rastro da desgraça na cabana hospitaleira. Cerra os olhos para não vêr; e enche a alina com o nome e a veneração de seu deus:

— Christo!... Christo!...

Volta a serenidade ao seio do guerreiro branco, mas todas as vezes que o seu olhar pousa sobre a virgem tabajara, elle sente correr-lhe pelas veias uma onda de ardente chamma. Assim quando a creança imprudente revolve o brasido de intenso fogo saltam as faúlhas inflammadas que lhe queimam as faces.

Fecha os olhos o christão, mas na sombra de seu pensamento

* *Cartas de Sempronio*, pag. 171.



surge a imagem da virgem talvez mais bella. Em balde chama o somno ás palpebras fatigadas; abrem-se máu grado sen...

A virgem ficou immovel.

— Vae e torna com o vinho de Tupan.

Quando Iracema foi de volta, já o pagé não estava na cabana, tirou a virgem do seio o vaso que alli trazia occulto sob a carioba de algodão entretecida de pennas. Martinu li'o arrebatou das mãos, e libou as gollas do verde e amargo licor.

Agora podia viver com Iracema, e colher em seus labios o beijo, que alli viçava, entre sorrisos, como o fracto na corolla da flôr. Podia amal-a, e sugar desse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem.

O goso era vida, pois o sentia mais forte e intenso; o mal era sonho e illusão, que da virgem não possuia sinão a imagem.

Iracema afastara-se oppressa e suspirosa.

Abriam-se os braços do guerreiro adormecido e seus labios; o nome da virgem resou docemente.

A jurity, que divaga pela floresta, ouve o terno arrullo do companheiro; bate azas, e vóa a cochegar-se ao tepido ninho. Assim a virgem do sertão aninhou-se nos braços do guerreiro.

Quando veio a manhã, ainda achou Iracema alli debruçada qual borboleta que dormiu no seio de formoso cacto. Em seu lindo semblante acendia o pejo vivos rubores: e como entre os arreboes da manhã scintilla o primeiro raio do sol, em suas faces incendidas, rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruido amor.

A jandaia fugira ao romper d'alva e para não tornar mais á cabana. Vendo Martinu a virgem unida a seu coração, cuidou que o sonho continuava; errou os olhos para tornal-os a abrir.

Depois vem uma questão de precedencia indianista, que nunca se pretendeu dar ao autor do *Guarany*. ** Quando fóra que José de Alencar se antepuzera a

* *Iracema*, pag. 91-94, 3ª ed.

** *Cartas de Semprônio*, pag. 177 e seg.



Bazilio da Gama. Durão e Gonçalves Dias, se não na fôrma e na sua nova maneira de tratar novos assumptos? « O apparecimento da lenda sertaneja, » diz o critico, « longe de corresponder a expectativa suscitada pelo *Guarany*, fel-a despenhar-se na mais amarga e rude decepção. » * Ignoro qual o fundamento dessa decepção ; porque si, como já observei, a *Iracema* não é um poema barbaro, no rigor da palavra, si trescala o aroma genesisico das pastoraes, em que o mestre se foi inspirar, é indubitavel, e nisto Pinheiro Chagas faz-nos maior justiça, que nenhuma obra brazileira poude como ella recolher tão eloquentemente os aromas e a côres do Brazil. Que importa a contextura do livro ; que importa a impossibilidade de amores selvagens como aquelles ; que importam as semelhanças da lenda, notadas pelo critico, com o episodio gaulez de Eugenio Sue? Ha uma coisa que sobreleva a tudo isto : é o amor patrio, é o sentimento da terra que transuda energicamente de todas aquellas paginas. E' sómente isto o que torna a *Iracema* o mais brazileiro dos nossos livros. As brisas entre os carnaúbaes, aquellas vargens sonoras pelo arruido dos passaros, aquelles taboleiros de verdura, aquellas lagôas aromaticas não encontram rival em litteratura conhecida. *Sempronio*, apesar de tudo nega, essa qualidade a José de Alencar.

Como bem disse *Farwest*, era preciso demolir *Senio*; e a obra começou.

Sylvio Romero, em 1873, cheio de todo o ardor

* Obr. cit., pag. 132.



bellicoso, que se pôde apoderar de um moço aos vinte annos, ao sentir-se forte pela ingestão de uma sciencia nova, entendeu que devia cabir sobre o autor do *Guarany* como o gavião sobre a serpente, que colleia languida por entre as altas hervas. Neste tempo o critico era mui creança ainda, e não podia conhecer os escriptos que analysava por um estudo largo e profundamente meditado: dahi muitas injustiças e todos os defeitos que se pôde arguir a um juizo de afogadilho. O jornal por elle fundado então em Pernambuco, de parceria com Souza Pinto e outros, o *Trabalho*, foi incontestavelmente um passo afouto na senda da neo-critica, maxime quando tudo conspirava para repellir idéas em uma terra, onde certos precedentes de carolismo punham todos de sobreaviso ao minimo chocalhar do cascavel do progresso. O terror ao veneno crotalico não lhe servio de embaraço. Começou a estudar a nova philosophia, e esta foi entrando a golfadas estrepitosas. Já disse algures que a primeira phase da philosophia positiva é um pessimismo agudo, phase que infelizmente vemos propagarse em fôrma systematica no que se chama positivismo religioso. * O contraste real existente entre essa maravilhosa construcção de Comte e o que nos cercava, não era para produzir outro effeito, que não fosse a repugnancia ao que se dizia brasileiro. Sylvio Romero, pois, sob o influxo dessa doutrina, leu o que se havia escripto, com mais ou menos exaltação, sobre o romantismo, procurou os pontos de contactos no Brazil, e sem examinar detidamente os documentos, condemnou *in limine* não só o indianismo, como tudo quanto não tinha o cunho de opposição violenta ao arrefecido

* Escripto em 1879.



movimento litterario. * Eis a razão da precipitação com que se abalança então a dizer que José de Alencar não tem physionomia propria, e que apesar de surgir ao lado de Macedo como o vulto mais proeminente da nossa litteratura, nem por isso deixa de ser um rebatedor de pastiches insubsistentes; ** não quiz dar-se ao trabalho de apalpar a substancia dos livros escriptos por estes homens, e malbaratou o seu esforço. Hoje, porém, vejo com prazer a sua idéa um tanto modificada. Nos seus ultimos escriptos como que esse pessimismo se esvae a pouco e pouco, atacando o material, que o estudo lhe estende agora sob os olhos, com a serenidade de quem não precisa mais crear para gloria sua moinhos de vento iguaes aos que D. Quixote imaginou. Ainda assim o seu nivel é muito alto; sua critica, objectiva nos detalhes, subjectiva-se demais nas conclusões, de sorte que raro é sahir de suas mãos um autor sem ser decapitado.

Esta combatividade parece te-la herdado elle de Arthur Schopenhauer.

Uma das coisas que mais feriram o amor proprio de

* Com igual precipitação em um recente trabalho, allás notabilissimo, sobre a *Poesia popular no Brazil*, foi elle levado a dar ao elemento africano maior preponderancia no nosso desenvolvimento esthetico. Digo precipitação porque o critico não teve tempo de lembrar-se de que, para decidir esta questão, seria necessario dividir primeiro o Brazil em zonas.

No Pará, Amazonas, Ceará e Rio Grande do Norte, por exemplo, o elemento negro é quasi nullo; tudo erbe ao indigena; as influencias daquella raça apenas chegam allí por contra-golpe. No Rio de Janeiro, Bahia e Minas, é onde pôde ter lugar a applicação do negro em toda sua plenitude.

** Sylvio Romero, *A litteratura brazileira e a critica moderna*, pag. 129 e seguintes.



José de Alencar foi o dizerem por ultimo que as obras de *Senio* não tinham outro intuito sinão o lucro sordido. Fancaria! e pelos magros cobres da casa Garnier, seria uma deplorabilissima miseria! No prologo dos *Sonhos d'ouro* elle rebate essa aleivosia; mas, como sempre, não parou: e começou a estorcer-se nas malhas de uma réde angustiosa. Do mesmo modo que Balzac, pretendeu em má hora filiar todas as suas obras a um systema harmonico de idéas prestabelccidas. Era a necessidade de uma orientação que tarde lhe apparecia; mas em balde elle tentou concatenar os livros. «A litteratura nacional o que é sinão a alma da patria que transmigrou para este solo virgem com uma raça illustre, aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe servio de regaço; e cada dia se enriquece ao contacto de outros povos e ao influxo da civilisação?» * Vê-se que José de Alencar couvolava-se para alguma emoção nova, que indecisa paraiva sobre seu espirito e diffundia-se sem concretisar-se. Preoccupado com isto divide o litteratura brazileira em tres phases de que são representantes suas obras:— a aborigene (*Iracema*),— a colonial (*Guarany e Minas*) e a actual, subdividida em interior (*Guácho, Titi, etc.*) e exterior (*Pata da gazella, Luciola, Dina, Senhora, etc.*) Por mais engenhosa que seja esta systematisação *post-factum*, nota-se uma consideravel inconsistencia no intuito, apenas denotado que

* *Sonhos d'ouro* (Benção paterna) vol. I, pag. XIII. Esta questão da existencia de uma litteratura no Brazil é para mim uma questão sem questão. Não se demonstra, mostra-se. Temos ou não temos. Os curiosos poderão recorrer ao que sobre este assumpto escreveriam Ferreira de Menezes, (*Memo-rias da associação Culto a sciencia*, Novembro de 1864); Quirino dos Santos (*Arquivo Pictoresco*, vol. VI, pag. 348); Joaquim Serra (*Reforma* de 7 de Novembro de 1869.)



no seu remigio o poeta em balde buscava alcançar os paramos d'esse mundo ignoto, que vive no futuro. Conheceram isto os criticos mal avisados e procuraram intrigar-o com o resto do Brazil litterario. A Joaquim Nabuco coube a ultima aggressão, tanto mais irritante quanto se apresentava com a luva de pelica e o sorriso nos labios. Não é para censurar que elle atacasse o autor do *Guarany*. Moço entusiasta, de estylo fluente, embevecido em todas as louçanias de uma vida parisiense, avido de especção, estava no seu direito em procurar meios de fazer com que as vistas do publico convergissem para si. Si a sua critica tivesse ficado nas censuras que resaltam a todos os que têm as obras de José de Alencar, na analyse do caracter litterario do autor de tantos livros, que elle mesmo ha de confessar que buscou imitar, nada haveria a acrescentar; mas J. Nabuco nos seus *Domingos*, como bem ponderou José de Alencar, quiz deitar espirito a eusta de coisas muito sér'as, e como Voltaire não trepidou em sacrificar ao *bon mot* não só a verdade dos factos, como a consciencia de um laborioso autor. Doeu isto e doeu muito. E só a espirito reduz-se toda a longa critica do escriptor a quem nós os abolicionistas entregamos o sympathico pendão da idéa regeneradora. *

Seja como fôr, ha uma coisa que os criticos nunca puderam negar a José de Alencar: o estylo. E o estylo, como disse desde principio, foi a alma de suas obras. Muitos o deram como amaneirado. Acredito que algumas vezes o fosse, do mesmo modo que depois, no se-

* Em 1870.



gundo periodo de sua vida, tornou-se emphatico e picaresco. Nos seus primeiros livros, porém, na explosão, encontra-se um *quid*, que muito difficilmente se conseguiria definir. « Não se analysa, diz Sainte-Beuve, a scintilla, o raio que brinca sobre a escuma e o esfolamento das vagas. » E' o que acontece com os productos do primeiro buril de José de Alencar. Rico de vocabulos, e de sensações propriamente suas, elle não pensava então na phrase, e esta sahia com toda a força e virgindade da alma de um artista apaixonado. Si é verdade o que assegura Véron, isto é, que a arte não passa do poder de personalisar a realidade, e que o estylo é a resultante fatal do modo de ser e a expressão espontanea de concepções derivadas da combinação de influencias moraes ou physicas *, não resta duvida que José de Alencar não foi um medioere, que José de Alencar teve uma feição. O seu modo de ser litterariamente e os seus livros tem um timbre que não se confunde com o vulgar. Como escriptor destaca-se; a sua phrase apresenta um som proprio. A obra constitue incontestavelmente uma individualidade. Esse *quid*, a aristocracia desses periodos cheios de arminhos, de côres niveaes e elações repentinas para o desconhecido, de sorpresas, de reviravoltas luminosas em torno do pensamento anesthesiado, trail-o-iam em qualquer parte aonde se exhibissem paginas suas, emhora sem assignatura. Ninguem confundiria com o de outro brasileiro esse estylo que, usando do juizo de Joubert relativo a Rousseau, « produz sobre a alma a mesma impressão, que causariam, tocando-nos, as carnes assetinadas de uma mulher formosa. » Tanto ha de mulher em sua phrase! O tom de intima familiaridade e o

* E. Véron, *Esthétique*, pag. XIII, 153.



laissez aller com que diz tudo quanto quer, sem ferir o gosto dos delicados, levam quasi sempre os seus leitores a retouçar no azul, deslizando-se por todos os encantos e tenues sybaritismos da vida. E' nestes momentos de hypnotismo que lhe apraz, as mais das vezes, por meio de uma phrase de effeito, ebanar a attenção para coisas minimas, vulgares, que as tintas de sua palheta, ou os vocabulos magicos tirados dos limbos do pensamento, conseguem mostrar por uma face desconhecida, que deslumbra a todos e mergulha o espirito em um goso indefinido. *

Tomo ao acaso dois exemplos no seu livro mais cuidadosamente escripto.

O estrangeiro seguiu a virgem atravez da floresta.

Quando o sol descambava sobre a crista dos montes, e a rola desatava do fundo da mata os primeiros arrulhos, elles descobriram no valle a grande taba; e mais longe pendurada no rochedo, á sombra dos altos joazeiros, a cabana do pagé.

O ancião fumava á porta, sentado na esteira de carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupan. O tenue sopro da brisa carmeava, como frocos de algodão, os compridos e raros cabellos brancos. De immovel que estava, sumia a vida nos olhos cavos e nas rugas profundas.

* Igual julzo encontro em Sainte-Beuve a respeito de Minc, de Swetchine.

* Ninguém a excedia na provisão de palavras adequadas a temperar o discurso, dando-lhe o necessario ardor. Estas palavras são como taxas brilhantes que ferem a vista. O pensamento brota lhe engenhoso e completamente ornado. Assim, por exemplo, ella diz: Só no céu tem os anjos tanto espirito como os demonios...

«Fica-se atonito... entretanto, reflectindo-se, chega-se logo a verificar que toda essa phrase não passa de uma manelra: menos prevista de dizer o que todos sabem, isto é, que os demonios na terra tem de ordinario mais espirito do que os anjos, que as mais das vezes mostram-se destituidos de bom senso.» Sainte-Beuve, *Nouveaux Lundis*.

O pagé lobrigou os dous vultos que avançavam; cuidou ver a sombra de uma arvore solitaria que vinha alongando-se pelo valle fóra.

Outro exemplo:

Martim vai a passo e passo por entre os altos joazeiros que cercam a cabana do pagé.

Era o tempo em que o doce aracaty chega do mar, e derrama a deliciosa frescura pelo arido sertão. A planta respira; um suave arripio enriça a verde coma da floresta.

O christião contempla o occaso do sol. A sombra, que desce dos montes e cobre o valle, penetra sua alma. Lembra-se do lugar onde nasceu, dos entes queridos que alli deixou. Sabe elle se tornará a vê-los algum dia?

Em torno carpe a natureza o dia que expira. Soluça a onda trepida e lacrimosa; geme a brisa na folhagem: e o mesmo silencio anhela de oppresso...

O sol remontou a umbria das serras; seus raios douravam apenas o viso das eminencias.

A surdina merencoria da tarde, precedendo o silencio da noite, começava de velar os crebros ruuores do campo. Uma ave nocturna, talvez illudida com a sombra mais espessa do bosque, desatou o estridulo.

A paginas como estas, cheias de seismas e de indolencias tropieaes, não raro seguem-se outras de uma vivacidade cuja impressão iguala a que nos causa uma manhã de sol, depois de uma ligeira chuva. Tudo se torna nitido; o ar é tépido. De vez em quando a paisagem refresca-se com o orvalho, que, desprendendo-se das folhas, levanta o balsamo das flôres. Cantam as gar-

• *Tracema*, pag. 21 (3ª ed.)

•• Obr. cit., pag. 23 e 58.



richas, e as cigarras ao longe casam o surdo alarido com o gotejar das plantas humedecidas, com o rumorejo da brisa e a respiração do espectador. Nessas paginas o estylo joga com a jueundidade de todos os sentidos. Nunca, porém, essa phrase, ora chispante, ora avelludada, se subtilisa tanto, enchendo-se de suggestões velluacas, ou de seduções pudicas, como quando sua penna mergulha-se na meiguice para deserever a mulher. Escapam-lhe epithetos engenhosos, imagens, comparações, que de relance lembram um poeta, cuja alma nunca se approximou da sua, um poeta que sabia forjar ao mesmo tempo o bronze e entretecer a filigrana de ouro subtil, um poeta que erigia estatuas como Macbeth e vultos graciosos como Ophelia.

O sweetest, fairest lily! dizia Shakespeare, quando pensava em suas heroínas, lyrios que mal comprehendiam a sua existencia no meio daquellas erneis tempestades de apaixonados, de furiosos, de loucos. Não faltam a José de Alencar phrases semelhantes para pintar os seus lyrios, que, se não vivem mergulhados em uma paisagem *crâne*, por outro lado possuem o poder magico de embriagar todos quantos delles se approximam.

Si refere-se á Iracema :

Os grandes olhos negros, fitos nos recortes da floresta e rasos de pranto, estão n'aquelles olhares longos e tremulos enfiando e desfiando os alfoares das lagrimas que rorejam as faces.

A ará, pousada no girão fronteiro, alonga para sua formosa senhora os verdes tristes olhos... Os roseos labios da virgem não se abriram mais para que ella colhesse entre elles a polpa da fructa ou a papa do milho verde; nem a doce mão affagira uma só vez, aliando a doirada penugem da cabeça.

* Obr. cit., pag. 57.



Luciola tira de sua palheta toques delicados e sensuaes :

O que ainda vejo neste momento, se fecho os olhos, são as nuvens brancas e nitidas, que frocavam graciosamente, afilando com o lento movimento do leque, que de longe parecia uma grande borboleta rubra pairando no calice da magnolia. O rosto suave e harmonioso, o collo e espaldas nuas nadavam como cysnes naquelle mar de leite, que ondeava sob fórmas divinas.

A expressão angelica de sua phisionomia naquelle instante, a attitude modesta e quasi tímida, e a singeleza das vestes niveas e transparentes, davam-lhe frescor e viço de infancia que devia influir pensamentos calmos senão puros. Entretanto o meu olhar avido e accorado rasgava os véos ligeiros e desnudava as fórmas deliciosas que ainda sentia latejar sob os meus labios. *

Os caprichos de Diya não diminuem o vigor desse pincel :

Não era alva, tambem não era morena. Tinha sua tez a côr das petalas da magnolia quando vão desfallecendo ao beijo do sol. Mimososa côr de mulher, si a avelluda a pubescencia juvenil, si a luz cõa pelo fino tecido, e um sangue puro a escumilha de rozeo matiz. A d'ella era assim. Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte, como diadema scintillante na cabeça de um anjo. Havia em toda a sua pessoa um quer que fosse de sublime e excelso que a abstraia da terra... As vezes, porém, a impressão da leitura turbava a serena clação de sua figura, e despertava nella a mulher. Então desferia alma por todos os póros... Nesses momentos toda ella era sòmente coração, porque toda ella palpitava e sentia. **

Foi essa mesma propriedade para descrever a mulher, essa concentração de seu temperamento no gracil,

* Luciola, pag. 46.

** Div.a, pag. 26.



que lhe roubou da palheta as côres necessarias aos aspectos rudes da natureza. Não era um artista de mil almas, *myriad minded*, como o autor do *Hamlet*. Não obstante o seu estylo, vivido e sentido, demonstra que, na esphera em que seu talento e as tendencias de seu espirito o collocaram, elle actuou com uma força propria e original. A expressão é completa e a evocação dos seus personagens e das scenas, que elle admirou como idealista, traduzem-se naquella allucinação forte, persistente, que é o caracteristico dos verdadeiros artistas.





